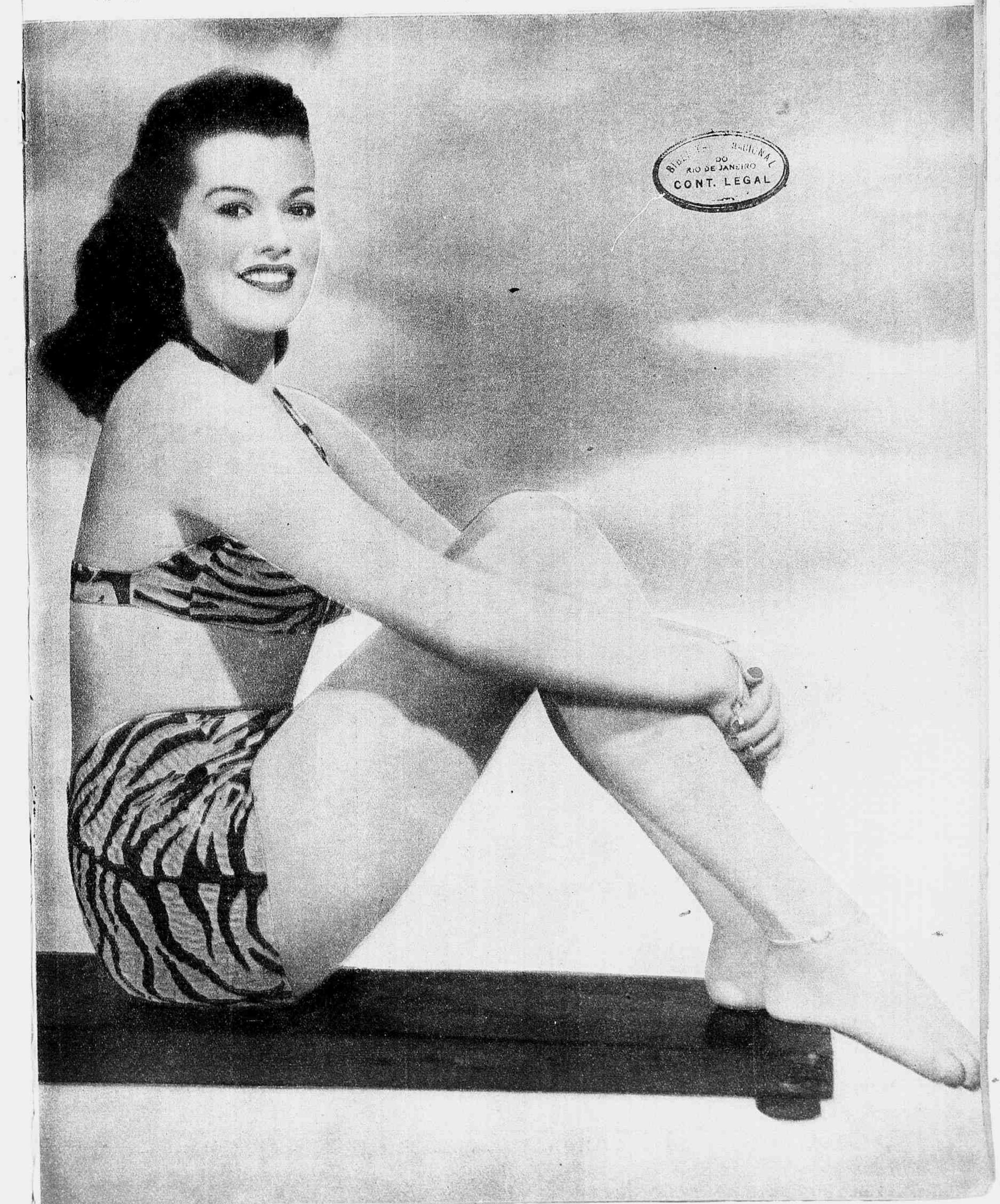
REVISTA DA SEMANA

N.º 42 Cr$ 2,00 em todo o Brasil 18-10-47



BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

ACONTECIMENTO DE RELEVO NA SOCIEDADE CARIOCA - BODAS DE PRATA DO CASAL

Heitor Vieira-Haidée Vieira e enlace matrimonial de suas filhas Hebe e Helena.

ACONTECIMENTO de invulgar relêvo para a sociedade carioca, foi o ocorrido no dia 30 do mês proximo findo, com a brilhante comemoração levada à efeito pelo distinto casal Heitor Vieira-Haidée Vieira, de suas bodas de prata, na mesma ocasião em que, aproveitando aquela data tão cara para ambos, se uniam pelos laços matrimoniais suas duas encantadoras filhas, senhoritas Hebe e Helena Vieira, respectivamente com o dr. Nilo Timotheo da Costa e com o tenente Eliat Ramos Rosário. As solenidades religiosas tiveram lugar na igreja de Santa Teresinha, no Leme, iniciadas com missa solene cantada e oficiada pelo Rvd.º Padre Maffei, da Ordem dos Barnabitas e professor do Colégio São Zacharias, que fez questão de celebrar aquela cerimônia pelo fato de, juntamente com as bodas de prata do casal, realizar-se também o casamento das duas filhas, acontecimento, aliás, pouco vulgar. Exaltou aquele conhecido Revd.º, as virtudes da família brasileira, na pessoa do distinto par que ali estava comemorando, perante o altar de Deus, magnífica etapa vencida na exemplar vida de casados de ambos; ao mesmo tempo que exortava a lhes seguir o exemplo, os dois casais que agora se formavam, mencionando com carinho a figura distinta de um dos noivos, dr. Nilo Timótheo da Costa, que fôra seu aluno desde as primeiras letras e que hoje, formado em medicina, estava talhado a muito servir à humanidade, com os seus conhecimentos e com o seu elevado caracter, exaltou igualmente a pessoa do tenente Eliat Ramos Rosário, um dos valores forjados na moderna Escola Militar de Rezende.

Serviram de padrinhos do casal Nilo Timótheo da Costa e senhorita Hebe Vieira, por parte do noivo, o sr. Leônidas de Góes e D. Debora Timótheo da Costa e por parte da noiva, o velho jornalista fluminense, sr. José Alfredo Sodré, da cidade de Rezende, grande tribuno e nome respeitadissimo na imprensa do Estado e a senhorita Fidalma Consentino, do magistério público fluminense, em Rezende. No ato civil, serviram de testemunhas o sr. Manoel de Sousa Penha e senhora e os pais da noiva, senhor e senhora Heitor Vieira. Do casal Tenente Eliat Ramos Rosário e Helena Vieira serviram como testemunhas no ato civil, por parte do noivo, seu irmão Elcio Ramos Rosário, acadêmico de medicina, e por parte da noiva a senhorita Illyria Gonçalves da Silva e no religioso, os pais dos nubentes, respectivamente sr. e senhora João Ramos Rosário e senhor e senhora Heitor Vieira.

*

A noite, em seu luxuoso apartamento de Copacabana, os pais das noivas ofereceram, às pessoas de suas relações de amizade, um cock-tail, encerrando, pouco mais tarde, aquela festa que constituiu, sem dúvida, um acontecimento de realce na vida mundana carioca, e um motivo de justo júbilo para o estimado casal Heitor-Haidée Vieira, que desfruta de tantas e tão belas amizades, não sòmente nesta capital como também na próspera cidade fluminense de Rezende

Em cima, à esquerda: Os noivos Helena Vieira e Tenente Eliat Ramos Rosário. No centro: Sr. e sra. Heitor Vieira. A direita: Os noivos Hebe Vieira-Dr. Nilo Timótheo da Costa.

Em baixo, à esquerda: As noivas Helena e Hebe. No centro: Sr. Heitor Vieira e Exma. Sra., juntamente com seus filhos, Helena, Hebe, Hitor e Haroldo. A direita: Sr. e senhora Heitor Vieira.

OS jornais em crise de assunto e de circulação já sabem que caminho tomar: o de Rio Casca... E tome reportagem, — entrevistas, fotografias, noticiário que quase não varia, além de inquéritos feitos nos meios médicos desta capital: é ou não é? — pode ser ou não pode ser? Enquanto se noticia, se fotografa, se questiona e se discute, lá se vão as caravanas de romeiros para o interior de Minas, em trens, automóveis, ônibus, etc. Do que tem resultado grande confusão no tráfego e vários desastres, sobretudo caminhões que viram, com mortos e numerosos feridos... Que houve em Portugal? Dizia o sr. Oliveira Salazar que os descontentes contra o seu govêrno ditatorial não passavam de reduzidíssima minoria de agitadores, mas agora faz prender alguns generais e almirantes, além de mais 350 oficiais superiores... Será realmente uma "insignificante minoria", dr. Oliveira Salazar? No Chile, o sr. Gonzalez Videla começou uma ofensiva anti-comunista, resultante do seu rompimento com o partido que o ajudou a galgar o poder. E deu passaporte aos diplomatas iugoslavos que se achavam em Santiago del Chile, acusando-os de serem agentes a serviço de Moscou e em conspiração contra a segurança nacional chilena. Uma manchete do vespertino "Diretrizes" diz que a lei do inquilinato será um "bluff" se forem aprovadas as emendas do deputado fluminense Eduardo Duvivier. E tem absoluta razão... O deputado fluminense é, aliás, o grande proprietário de imóveis de Copacabana, alugar de apartamento estilo "caixa de fósforo", pitorescamente conhecidos pelo nome de "Sing Sing"... Promete o govêrno lançar dentro de poucos dias, em todo o Brasil, uma grande campanha nacional em favor da criança. O "Bonitão", tipo bem apessoada, que diziam estar atacando mulheres, com intenções menos honestas, foi preso pela polícia, verificando-se tratar-se de Raimundo Artur dos Reis, português, natural de Ovar, distrito de Aveiro... O apelido vem, ao que dizem, de sua semelhança com o ator Antonio Villar, o herói de "Camões" e do "Inez de Castro". Mas o engraçado é que o "Bonitão", negando as acusações, declarou que até nem gosta de mulheres... Num tremendo desastre na estrada Rio-Petrópolis, quando a caminho de Rio Casca e do padre milagreiro, Zelinda Martins Pereira, e sua filha Celia Rodrigues Pereira, ficaram ambas viúvas, pois pereceram o marido da primeira e pai da segunda e o marido da segunda e genro da primeira. A "democracia" nos Balcans continua uma "verdadeira maravilha"... Depois da morte do líder búlgaro Petkhov, vejam o que acaba de acontecer na Albânia, segundo um telegrama da France Presse: "A Agência Telegráfica Albanesa anuncia que 16 deputados, cabeças da organização de espionagem e sabotagem em favor de uma potência estrangeira e que haviam constituído um movimento clandestino, com o objetivo de derrubar o govêrno e subverter pela fôrça o regime da Albânia, foram executados, hoje, pela manhã, por haver o Presidium da Assembléia Popular rejeitado o pedido de graça feito em favor dos mesmos. Três dos acusados foram enforcados e os restantes fuzilados." Foi o seguinte o texto completo do telegrama enviado pelo presidente Truman ao presidente Dutra, em sinal de pesar pelo falecimento da primeira dama do Brasil: "Meu desejo é que tenhais presente que penso na vossa pessoa, no momento em que estais mergulhado nas trevas dêste grande luto! A sra. Truman e minha filha, bem como eu pessoalmente, lembraremos sempre a abençoada Dama cuja perda deplorais, e que ainda no último mês foi nossa graciosa anfitriã, dominando valentemente o sacrifício causado pela saúde já gravemente abalada". Em Recife, está interessando vivamente à população pernambucana o caso dos gêmeos xipófagos de Mata Redonda, município de Triunfo. Como já informamos, as duas crianças nasceram a 29 de setembro último, sendo seus pais o agricultor João Francisco de Souza e dona Inês Maria de Araujo. Em Belo Horizonte, foi realizado o Congresso Brasileiro de Escritores, com grande sucesso, tendo presidido a sessão inaugural o governador Milton Campos e falado o acadêmico João Neves da Fontoura, presidente da Academia Brasileira de Letras, e Rodrigo Otavio Filho, presidente da Associação Brasileira de Escritores... Noticiam da India que foi encontrada numa caverna de chacais uma criança de quatro meses. Como não é possível sua ida para aquele local por suas próprias pernas, talvez os pais a tenham deixado lá, achando provàvelmente que entre chacais a pobrezinha viveria muito melhor que ao lado deles... Quanto ao 455.º aniversário da descoberta da América, só se tem notícia de uma comemoração no continente, realizada em Nova York, onde desfilaram cinquenta mil pessoas pela 5.ª Avenida, sendo saudades pelo cardeal Spellman, das escadarias da catedral de Saint Patrick. Aqui no Brasil não há tempo para essas coisas; os homens estão muito atarefados... Seguindo o exemplo do seu colega federal Carlos Nogueira, tem comparecido à tribuna da Assembléia Legislativa do Estado do Rio o deputado trabalhista Hipólito Porto para fazer a defesa dos cassinos. Felizmente êste novo defensor da jogatina foi intensamente aparteado pela maioria dos seus colegas, tendo-se a impressão de que nada conseguirá. Mas, como os máus exemplos medram com tanta facilidade aqui em nossas plagas, não tardará a ser levantada a questão em outras assembléias estaduais por outros tantos Carlos Nogueiras e Hipólitos Portos... No Senado e na Câmara, os representantes do povo resolveram apressar o ritmo dos trabalhos afim de que esteja tudo mais ou menos em condições por ocasião das próximas férias parlamentares. E' que todos êles estiveram bastante atarefados durante o período legislativo, ninguém sabe em que, e agora precisam correr um pouco... Em São Paulo, o PSD andou agitado, com a escolha do seu candidato a vice-governador. E' que o sr. Cirilo Junior, líder da maioria na Câmara, derrotou fragorosamente o sr. Novelli Junior... Em consequência do ato acima mencionado do presidente Videla, expulsando do Chile alguns diplomatas iugoslavos, sob acusação de ação subversiva, a Iugoslavia acaba de romper relações diplomáticas com aquele país sul-americano. O comunicado oficial do govêrno do marechal Tito fala em "influências norte-americanas" na medida tomada pelo govêrno do Chile... E quem sabe se na próxima semana não daremos notícia da declaração de guerra entre os dois países?... Esperando estarmos enganados, despedimo-nos até sábado vindouro...

Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitue por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se opêram importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicológicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira.**

A ação que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A pedra dos suicidas. No alto do morro do Pão de Açúcar, logo abaixo da estação do funicular existe esta plataforma de pedra. A quinhentos metros abaixo está o bairro da Urca. Os empregados do caminho aéreo apelidaram êsse local de "pedra dos suicidas". Daqui têm-se atirado dezenas de pessoas. A última delas foi um senhor polonês que dali se atirou ao precipício. Antes do suicídio êle despiu sua blusa de lã e tirou os sapatos... A esquerda: O graxeiro Paulo com quinze anos de serviços na Companhia, recebe apenas mil e cem cruzeiros mensais. Os donos do caminho aéreo incluem a passagem no ordenado dos seusempregados. Por isso pagam aos empregados salários de fome.

HOMENS HUMILDES EM POSIÇÕES ELEVADAS

A VIDA NO PÃO DE AÇUCAR É "DE AMARGAR"... — "O CORCOVADO DURANTE A NOITE É UMA ROÇA", DIZ-NOS O VIGIA DO CRISTO REDENTOR — MANEIRA PRÁTICA DE SE CONHECER SUICIDAS — RELEMBRANDO O CASO DO COMPOSITOR ASSIS VALENTE — DOIS HOMENS E NOVENTA RELÓGIOS — O MAIOR MOSTRADOR DA AMÉRICA DO SUL — VIDA BUCÓLICA DOS VIGIAS DAS CAIXAS D'ÁGUA — QUANDO OS HOMENS NÃO SE CANSAM DA PAISAGEM...

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

A profissão transforma o homem quando êste já não vem psicologicamente preparado para o seu ofício. Algumas requerem mesmo um temperamento singular, outras modificam pouco a pouco os profissionais, afeiçoando-os de tal forma ao mistér, que nunca mais poderão mudar de emprêgo nem trabalhar em outro ambiente. Quem já viu, por exemplo, um guarda-reprêsa deixar o cargo e vir trabalhar dentro do bulício da cidade? Os que entrevistamos na Represa dos Macacos e na Caixa d'Agua do Morro da Viúva são veteranos com mais de trinta anos de profissão. E os seus ordenados até dois anos atrás não passavam de seiscentos cruzeiros mensais. O aumento do funcionalismo no govêrno Linhares favoreceu-os com um aumento de quinhentos cruzeiros. E' de se convir que mesmo o ordenado de mil e cem cruzeiros para funcionários municipais com mais de trinta anos de emprêgo não satisfaz. Mas êles não largarão nunca a profissão, porque esta os faz viver bucòlicamente ao lado das águas da reprêsa, geralmente nos pontos altos de montanhas cobertas de florestas, cada vez mais distantes e mais felizes com a separação que os afasta da cidade. Os homens que trabalham nos lugares altos e distantes do borborinho da metrópole, como o mecânico do relógio da Central, os vigias do Corcovado e do Pão de Açúcar, não se parecem em nada com o operário das fábricas, com o corretor que corre sessenta minutos por hora e dez horas por dia atrás dos bons negócios, com a caixeirinha cansada que se espreme no bonde apinhado, às seis horas da tarde. Apesar de ocuparem "cargos elevados" não são ambiciosos. O velho Barbosa, da Represa dos Macacos, com sua dúzia de filhos e meia dúzia de netos, disse ao repórter, a respeito do seu pequeno ordenado.

— "Seu" moço, quanto não vale a calma e o cheiro dessa mataria? Mais vale um conto de réis aqui em cima do que dois lá em baixo, tendo que se viver aperreado num quarto de "cabeça-de-porco"...

Um caso típico dêsse desapêgo à cidade que fica lá em baixo, muito distante, é o do trasmontano José Manoel, vigia da maior imagem sacra do mundo, ou seja do Cristo Redentor, no Corcovado. Apesar de ter vindo para o Brasil com sete anos e de aqui ter vivido mais sessenta, "seu" Zé Manoel tem o falar carregado dos lusos e é nessa voz forte e sonora que êle nos diz:

— "Seu" doutor, isto cá em cima é uma roça! Depois que desce o último trem (nestes dias de frio o último vai bem cedinho), isto aqui fica mais deserto e silencioso do que a minha rocinha do sertão. Já criei tanto amor ao lugar e ao emprego que por causa deles já por duas vezes rejeitei ordenado dobrado para trabalhar lá na cidade. E saiba o "seu" doutor que o meu ordenado aqui não chega a mil cruzeiros.

— Como veio o senhor parar aqui? — perguntamos.

— Quando cheguei de Trás-os-Montes, fui p'ra lavoura e durante mais de quarenta anos trabalhei como um mouro. Nunca pude juntar dinheiro. Naqueles tempos o feijão e a batata andavam desvalorizados. Um dia abandonei tudo e vim para o Rio. Fui morar no Irajá e, em 1936, arranjei o lugar de vigia aqui de cima, onde estou até hoje. Não quero mais saber da cidade.

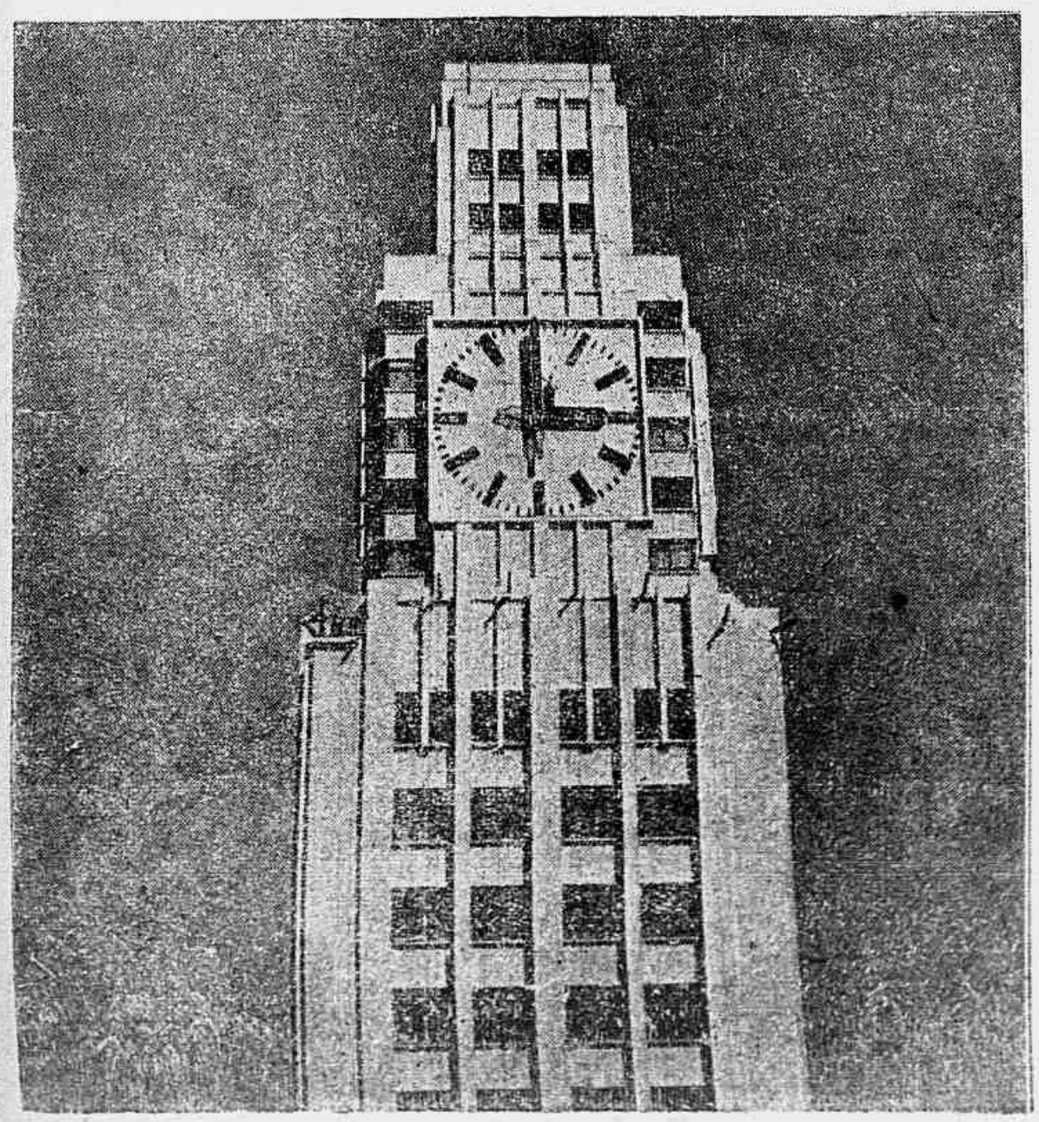
— Há quanto tempo o senhor não vai ao centro?

— Ele coça sua barba branca e responde:

— Creio que já lá vai um ano... De quinze em quinze dias eu desço ao Cosme Velho para fazer a barba e volto logo, porque aquele barulho lá de baixo me incomoda.

Enquanto conversávamos, íamos subindo as escadarias que conduzem à imagem do Cristo. "Seu" Zé Manoel, apesar da idade, está rijo e aqueles cinquenta ou sessenta degráus não lhe modificavam o ritmo da respiração.

Em cima — Um dos filhos do vigia do Cristo Redentor, conseguiu permissão para instalar uma barraca onde vende bugigangas aos turistas. — "E se vende muito?" — "Bem, depende. Quando chega navio americano no porto, o estóque vai embora." — Em baixo: o maior relógio da América do Sul, o da Central do Brasil, gasta por hora apenas um kilowatt de força, e apenas com o simples impulso de um dedo faz-se mover o seu ponteiro que pesa centenas de quilos.



Ele nos explicava a sua vida de todo o dia, invariável, quase sem modificações, calma, tranquila. Os forasteiros, os visitantes chegam todos os dias, menos, é claro, nos dias chuvosos.

E os visitantes todos se parecem, diz-nos "seu" José, começando a filosofar. Todos arregalam os olhos de espanto, diante da paisagem e exclamam as mesmas interjeições. O vigia, que não é poliglota, já decorou algumas delas.

— My God! It's amazing!...

— Ciel! Qu'il est beau, le bon Dieu!

— Es muy lindo!

Exclamações como essas êle já as ouviu milhares de vezes.

"Seu" José é capaz de desenhar em poucos minutos tôda a topografia da cidade, que se vê lá do cimo, melhor mesmo do que muitos engenheiros o fariam. Há doze anos o Rio para êle é uma espécie de brinquedo de armar...

PARA QUEBRAR A MONOTONIA, OS SUICIDIOS

— As únicas surpresas e imprevistos são êstes, — diz-nos o vigia — De dois em dois anos um gajo se atira por êstes despenhadeiros abaixo. Já assisti a seis suicídios, depois que estou aqui, não se contando com aquele caso milagroso de Assis Valente que depois de se despencar de uma altura de mais de trinta metros, ficou agarrado em uma árvore lá em baixo.

O vigia vai, calmamente, rememorando os casos que assistiu. O do compositor Assis Valente é o mais curioso. Dois metros abaixo da plataforma onde estamos há uma pedra saliente e abaixo dela o abismo. Diz-nos o "seu" José que antes do compositor atirar-se permaneceu alguns minutos naquela saliência da pedra, como que indeciso. O vigia, da plataforma dois metros acima, pediu por todos os santos que o rapaz desistisse daquilo. Mas, de nada adiantou. Assis Valente sentou-se na extremidade da pedra e deixou-se escorregar, de mansinho, como se a seus pés não estivesse o abismo.

— Depois de salvo — continua o nosso entrevistado — êle me agradeceu pelo rádio os esforços que fiz para evitar o seu gesto...

E continua nos contando os outros casos. Até hoje nenhuma mulher se jogou dali. Uma tentou fazê-lo certa vez, mas foi descoberta a tempo, quando estava escrevendo o bilhetinho à Polícia. O velho português nos garante, com orgulho:

— Pela cara do gajo eu sei logo se êle vai se suicidar...

— Como é isso, "seu" José ?

— Não sei lhe explicar bem, mas que conheço, conheço. O sujeito vem sempre só, anda nervoso de um lado para outro.

O especialista Oto, responsável pelo perfeito funcionamento dos noventa relógios elétricos da Central do Brasil. Sua profissão também é cheia de momentos arriscados. Como por exemplo, quando tem que mudar os tubos de gás neon marcador das horas. Nesses momentos, precisa ser de aço.

★

pára um pouco diante da imagem, com os olhos fixos, como se estivesse rezando. Geralmente êles tiram o paletó para pular. Não sei para quê... Quando vejo um gajo nesse estado e se êle tira o paletó ou começa a escrever um bilhetinho, pego-o logo. Tenho certeza que o homem quer morrer...

O MAIS ANTIGO VENDEDOR DO CORCOVADO

Outro tipo interessante do Corcovado é o italiano Nicolau Coriollo, que há quarenta anos vende refrescos, doces e frutas aos turistas. Quando iniciou o seu pequeno negócio o trem que levava os turistas lá em cima era movido a vapor. Chegou a ter o seu bar. Depois os negócios pioraram e mudou de profissão. Foi trabalhar na planície. Ele assim nos conta a sua experiência:

— Não deu certo, não. Trabalhei lá em baixo mas não me acostumei. Comecei a ficar nervoso, a sofrer do coração, a gastar um dinheirão com os médicos. Eles me disseram que para a minha doença só havia um remédio: mudar de ares. Foi o que fiz, voltei a trabalhar aqui no Corcovado, e hoje estou novo em folha.

— O senhor pretende findar os seus dias trabalhando aqui em cima?

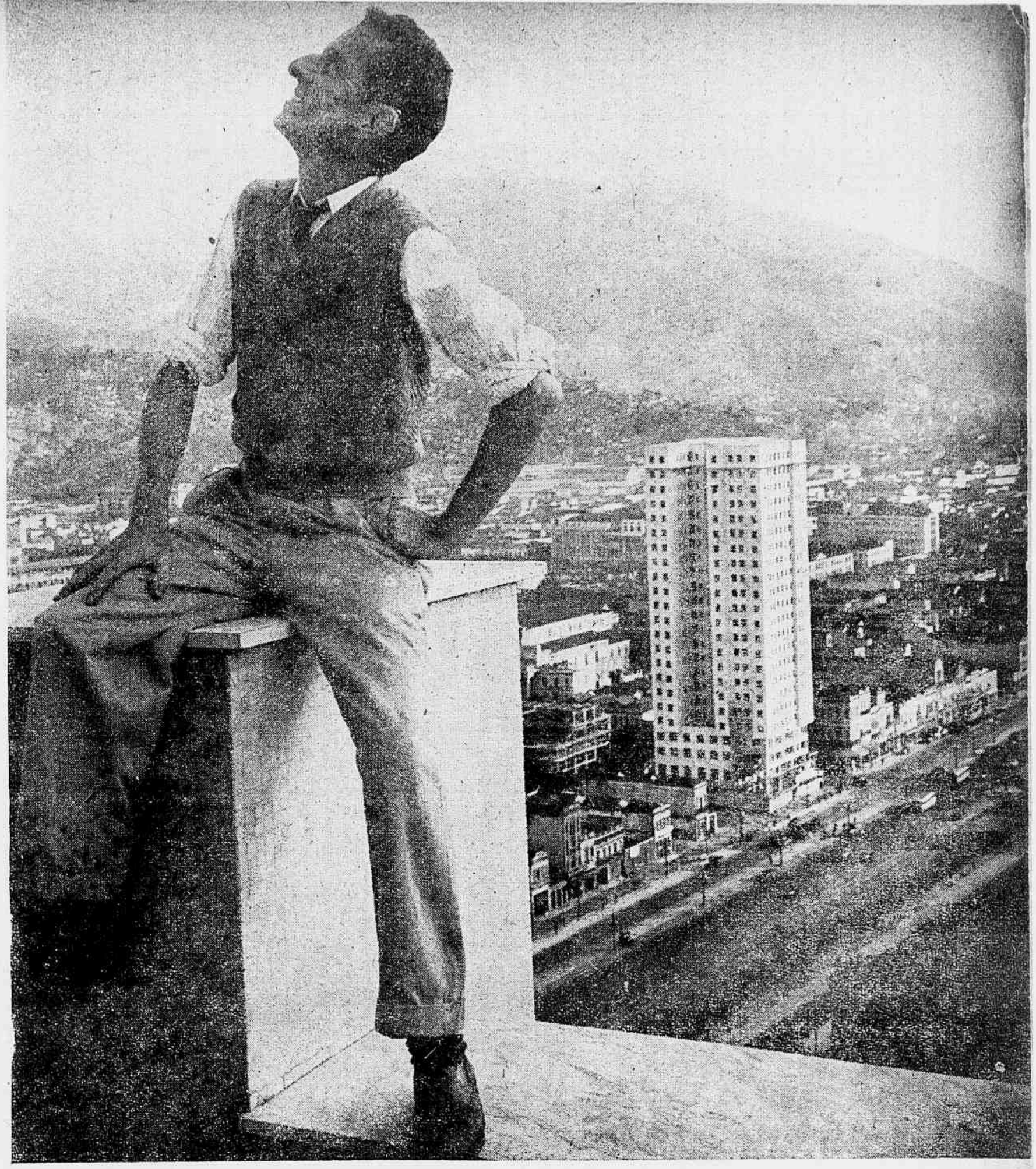
Ele nos apontou umas vigas de cimento que se erguiam um pouco abaixo de nós e comentou:

— Parece que não. Quando o novo bar ficar pronto o arrendatário não consentirá que eu lhe faça concorrência, vendendo aqui frutas e doces. Exigirá da Companhia a minha saída e não haverá outro jeito senão dar o fora.

E o velho Nicolau ajuntou em seguida, cheio de fé:

— Peça na sua revista, por favor, para que o dono do novo bar não me obrigue a sair daqui.

Está feito o seu pedido, Nicolau.



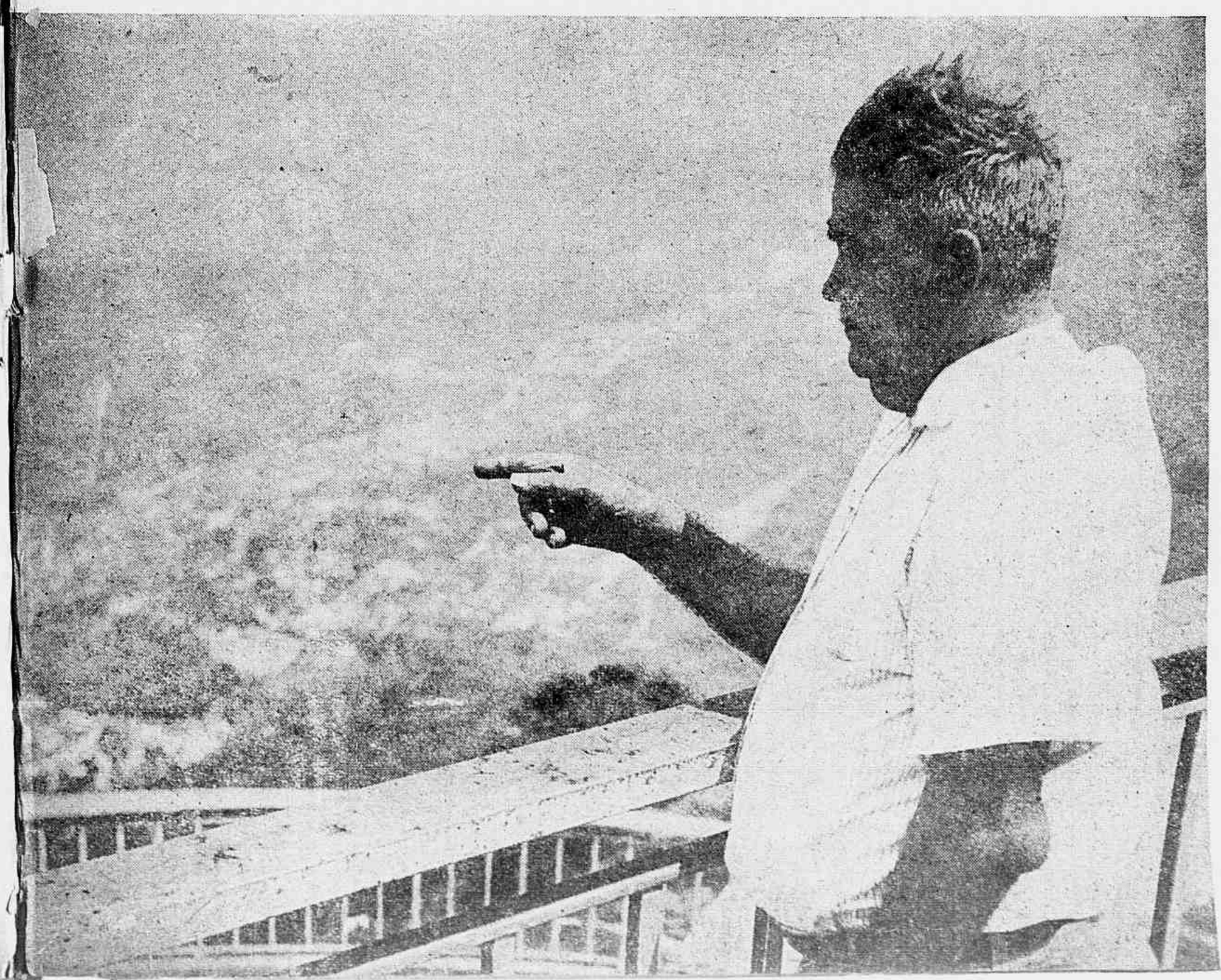
GRANDE POR FORA E PEQUENO POR DENTRO

Enquanto subíamos com o senhor Oto no elevador especial que nos leva à torre do relógio da Central, dizia-nos o técnico de relógios elétricos da Estrada:

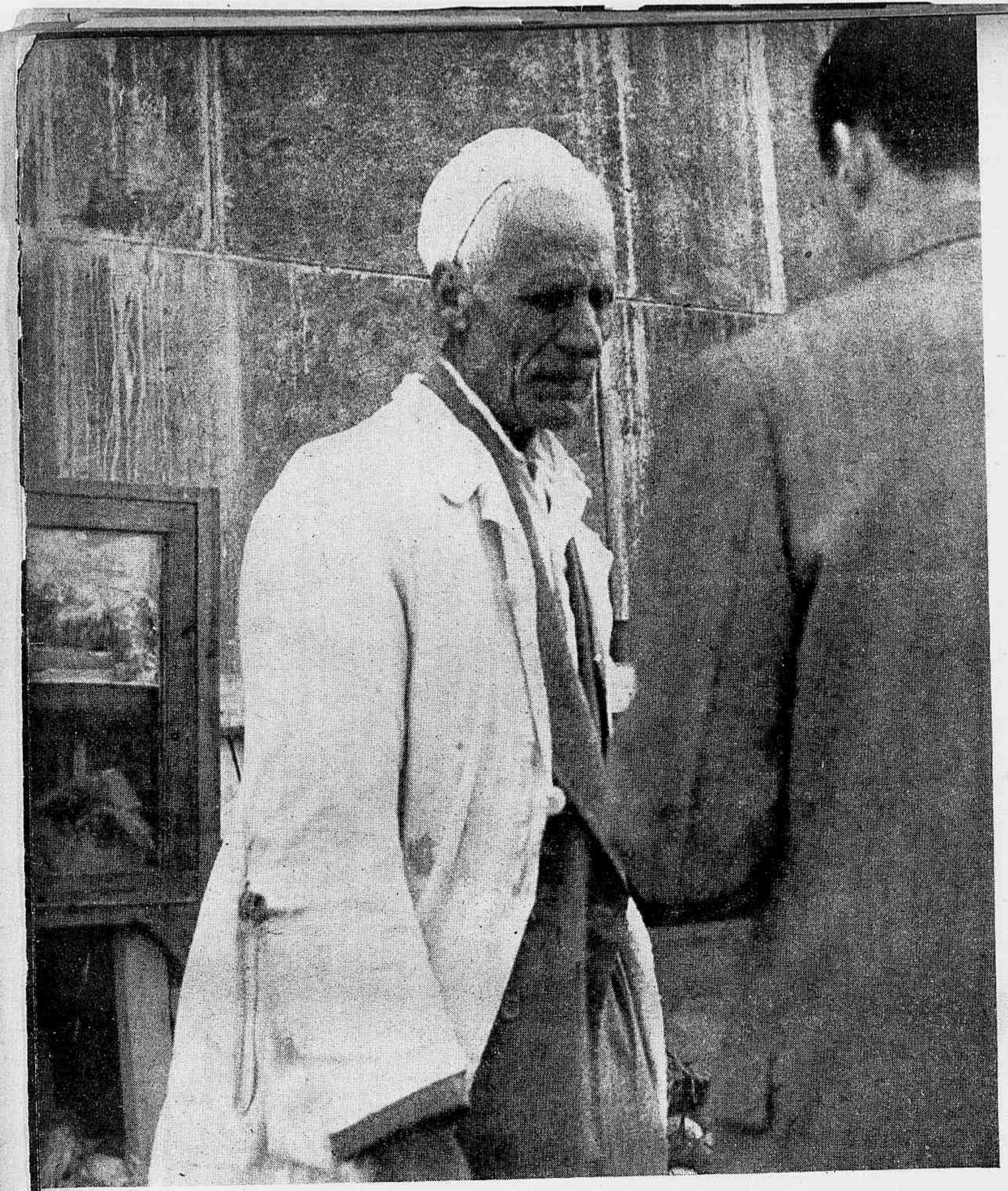
— O mecanismo que os senhores irão ver é tão simples e tão pequeno que desmoraliza o "monstro". Isso se deve ao mecanismo elétrico que dispensa a engrenagem complicada dos relógios de corda, como o famoso Big-Ben de Londres.

O relojoeiro tinha razão. Embora o diâmetro do relógio da torre da Central seja o maior da América do Sul (tem dez metros de raio) e maior quase dois metros que o Big-Ben, um simples encostar de um dedo nas rodas dentadas do mecanismo faz girar suavemente o enorme ponteiro dos minutos que, diga-se de passagem, pesa duzentos e setenta quilos e mede sete metros e vinte e cinco centímetros. Um perfeito sistema de contra-pesos e roldanas suprime, ou melhor sub-divide enormemente, essas centenas de quilos.

★



O vigia do Cristo Redentor mostra o local de onde se atirou há tempos o compositor Assis Valente, e que conseguiu escapar milagrosamente. O vigia considera-se o maior conhecedor dos candidatos ao suicídio.



A esquerda: O italiano Nicolau Coriollo que há quarenta anos vende refrescos, doces e frutas aos turistas, no alto do Corcovado, tentou se estabelecer certa vez na planície — a cidade — mas não conseguiu e teve que voltar para perto do Cristo Redentor.

★

completamente desamarrado, a uma altura de quase cento e cinquenta metros do solo. A Estrada não lhe garante nenhum seguro de vida pelo perigo do trabalho. Se por infelicidade despencar-se lá do alto, sua viúva receberá o miserável montepio que a Estrada de Ferro Central do Brasil garante aos seus extranumerários: mais ou menos um quarto do ordenado do falecido. E é essa a vida do homem que vive tratando dos quatro relógios da torre da Central. Arrisca a vida várias vezes por semana sem que a estrada tome conhecimento do ocorrido, mesmo porque até hoje o extranumerário Oto está classificado como "auxiliar de desenhista", função que ocupou há seis anos, quando entrou para aquela autarquia.

ESPÍRITO FASCISTA OU "ESPÍRITO DE PORCO"?

Rara é a repartição pública cujos regulamentos de disciplina interna não estejam ainda viciados pelo "estado novo". Há um medo inexplicável pelo repórter e pelo fotógrafo. Uma simples fotografia, como no caso que tivemos na Represa dos Macacos, é proibida por uma determinação absurda e injustificável. Os humildes funcionários responsáveis pela conservação daquela represa teriam, não duvidamos, bôa vontade em explicar ao público, por nosso intermédio, tôdas as coisas interessantes da profissão, que os faz viver durante anos e anos segregados da cidade, tornando-se uma espécie de eremitas profissionais. E êles teriam muita coisa pitoresca para contar. Mas entram aí os incríveis regulamentos que não permitindo a visita pública (o que é é compreensível), não excluem os jornalistas profissionais, cuja missão de contar ao povo do Rio o que se passa em sua cidade, fica estupidamente cerceada, quando não anulada por completo. "Seu" Barbosa, vigia da Represa dos Macacos, há doze anos tem experiência disso. Em 1941 jornalistas de "O Globo" conseguiram uma pôse sua e algumas informa-

Traduzindo em energia elétrica temos exatamente isso: para fazer girar durante sessenta minutos os ponteiros de horas e minutos, que pesam em total quatrocentos e cinquenta quilos, cada face do relógio consome apenas um kilowatt de fôrça, trabalhando com um motor de um-décimo de cavalo. Existem — o que muita gente ignora — quatro relógios distintos, com mecanismos independentes, na torre da Central, um para cada face da torre. Não há possibilidade de trabalharem em desacôrdo, porque todos estão sujeitos ao sincronismo elétrico que parte de uma casa-de-fôrça, construída especialmente para a regulamentação dos noventa relógios do edifício da Central. Mesmo que falte energia da Light ou que essa diminua, um dínamo automático entra a funcionar, fornecendo a energia suplementar para os relógios. A conservação de todos os noventa relógios está a cargo de dois homens: o auxiliar Rubens e o especialista Oto, antigo funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, que durante três meses cursou aulas de especialização na companhia norte-americana fornecedora dos aparelhos. O trabalho é muitas vezes arriscado, principalmente quando tem que mudar os tubos de gás neon dos ponteiros ou dos traços marcadores das horas. Essa operação êle a faz encarapitando-se na ponta do ponteiro grande,

★

O agente Ananias Rocha, da estação terminal do caminho aéreo do Pão de Açucar examina o relógio de sol. Exerce o emprego em troca de um pequeno ordenado.

O português José Manoel, de Trás-os-Montes, é o vigia da maior imagem sacra do mundo. — "Isto aqui, em cima, à noite, é uma roça," diz-nos êle. Por isso criou tanto amor ao emprego que por várias vezes rejeitou trabalhar na cidade com ordenado dobrado. Seu José vem muito pouco à cidade. — "Para que? — diz-nos êle, se tem noite e dia a cidade a seus pés. E cá de cima o Rio é muito mais bonito!..."

ções para aquele vespertino. Informações sem maior importância. Foi o bastante para que o diretor da então Inspetoria de Águas o chamasse à ordem e lhe indagasse "por que motivo se metera a falar tanto". Hoje, seis anos depois, quando, oficialmente, já não existe o DIP, reencontramos a mesma burocracia para a imprensa. O guarda-represa Barbosa e o seu colega Osmar se prontificaram a nos pôr em contacto com o 7.º Distrito de Águas, para que obtivéssemos a competente autorização (apenas, para fotografar a represa, imaginem!). Atendeu-nos dona Alice Maquinivem. Informada do nosso objetivo, apresentou-nos uma série de obstáculos:

— Não pode, não senhor. Primeiro é preciso que o senhor obtenha um memorandum do dr. Marcelo Brandão, diretor do Departamento de Águas na rua do Riachuelo. De posse da autorização o senhor deve passar aqui na rua 19 de Fevereiro n. 39 e obter o visto do engenheiro Clemente Rodrigues. Isso tudo dentro dos horários regulamentares.

— Mas dona Maquinivem, é apenas uma fotografiazinha....

— Não adianta porque o regulamento não faz exceções.

E assim ficamos nós impossibilitados de fotografar a represa e de bater um papo com o "seu" Barbosa. Se não fôra essa proibição nós poderíamos ouvir do vigia muita coisa interessante. Como, por exemplo, a respeito de sua vida.

O vigia Barbosa é funcionário do Departamento de Águas há mais de trinta anos e só recentemente passou a ganhar mil e cem cruzeiros. Para ajudá-lo, a Prefeitura dá-lhe casa de graça, situada a poucos passos da represa, o que faz com que êle e todos os vigias estejam praticamente em serviço durante as vinte e quatro horas do dia. O local da represa é lindíssimo. Na meia encosta dos morros da Vista Chinesa e da Mesa do Imperador, o Rio dos Macacos é represado em duas enormes barragens que, quando cheias, poderão conter quarenta e dois milhões de litros dágua.

O local da casa do vigia serviria de reclame para uma casa de saúde. Quieto, rodeado de pequena floresta, faz esquecer que em baixo, a menos de três minutos de automóvel, está a barulhenta rua do Jardim Botânico. Por isso, quem é vigia uma vez, jàmais abandona a profissão, embora o ordenado não seja tentador. Os vigias de represas, em geral, vivem muito.

Depois que havíamos narrado o que nos aconteceu na Represa dos Macacos, fomos chamados ao telefone. O senhor Silvano Coelho, do Departamento de Águas, mostrou-se acabrunhadíssimo com as dificuldades que o 7.º Distrito, pela voz de dona Maquinivem, nos tinha oferecido. Disse-nos que o dr. Marcelo Brandão já ordenara ao vigia que nos abrisse os portões da represa. De qualquer forma, agradecemos ao senhor Silvano. Da próxima vez aproveitaremos as facilidades que nos são oferecidas, não só para as fotografias como para entrevistar "seu" Barbosa.

A VIDA NO PÃO DE AÇÚCAR E DE AMARGAR

O caminho Aéreo do Pão de Açúcar dá uma receita mensal — segundo o cálculo dos empregados — de cem mil cruzeiros.

Dizem que no ano passado o lucro líquido para os acionistas, foi de quinhentos mil cruzeiros. Os funcionários das três estações, Praia Vermelha, Urca e Pão de Açúcar, são apenas trinta, incluindo maquinistas, condutores, mecânicos, graxeiros, agentes e jardineiros. Todos êsses homens recebem salários de fome. O maior ordenado, dos agentes das estações, é de mil e quatrocentos cruzeiros mensais. Homens, como o graxeiro Paulo Ferreira, com quinze anos de bons serviços prestados à Companhia, recebem mil e cem cruzeiros por mês. Houve falência em 1932, da emprêsa que anteriormente explorava o funicular. Passou o acervo para as mãos de novos donos, mas continuou o fantasma da antiga falência a servir de espantalho tôda vez que os funcionários reivindicam melhoria de ordenado. De 1939, do início da guerra, para cá, os lucros têm aumentado cada vez mais, mas ainda hoje os diretores da companhia alegam dificuldades. Os funcionários estão em litígio com os seus patrões, por intermédio de seu sindicato, pois só dessa maneira — declararam-nos aqueles servidores — poderão conseguir qualquer coisa.

— O que não nos deixa passar fome é a pequena ajuda dos extraordinários que fazemos. Dois dos empregados que estão aqui desde a fundação, o condutor Lafayette Neves e o ferreiro Edgar Batista — não chegam a ganhar mil e duzentos cruzeiros mensais. Eu já estou há quinze anos e ganho muito menos.

O agente Ananias Rocha acredita que os seus patrões exploram o apêgo que os empregados do Caminho Aéreo têm ao seu trabalho.

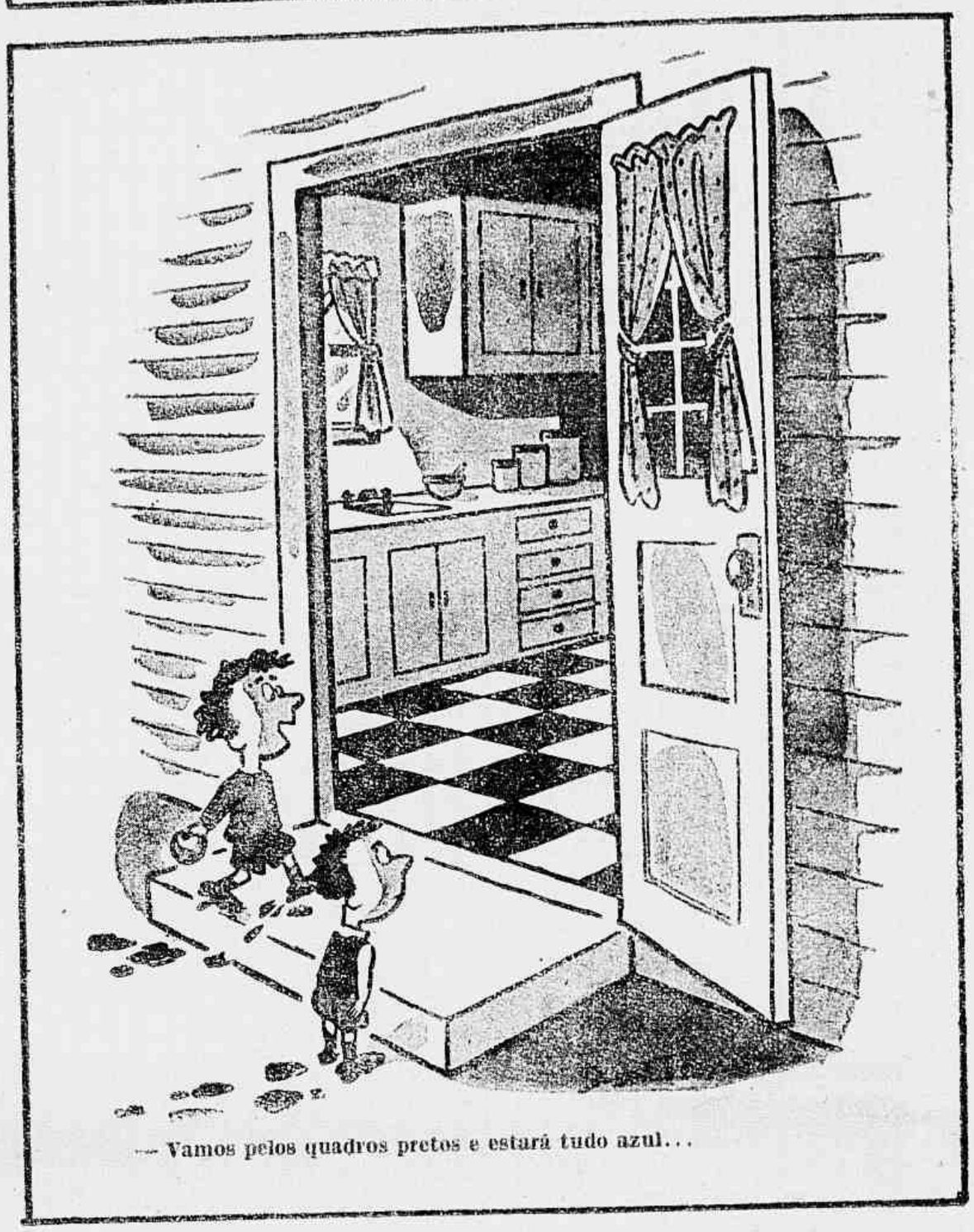
— Sòmente por êsse motivo os bons mecânicos, que aqui temos, não têm coragem de procurar um emprego mais rendoso lá em baixo.

— Nossa vida nesses últimos anos, em que a carestia apertou, tem sido de "amargar" — comenta o graxeiro.

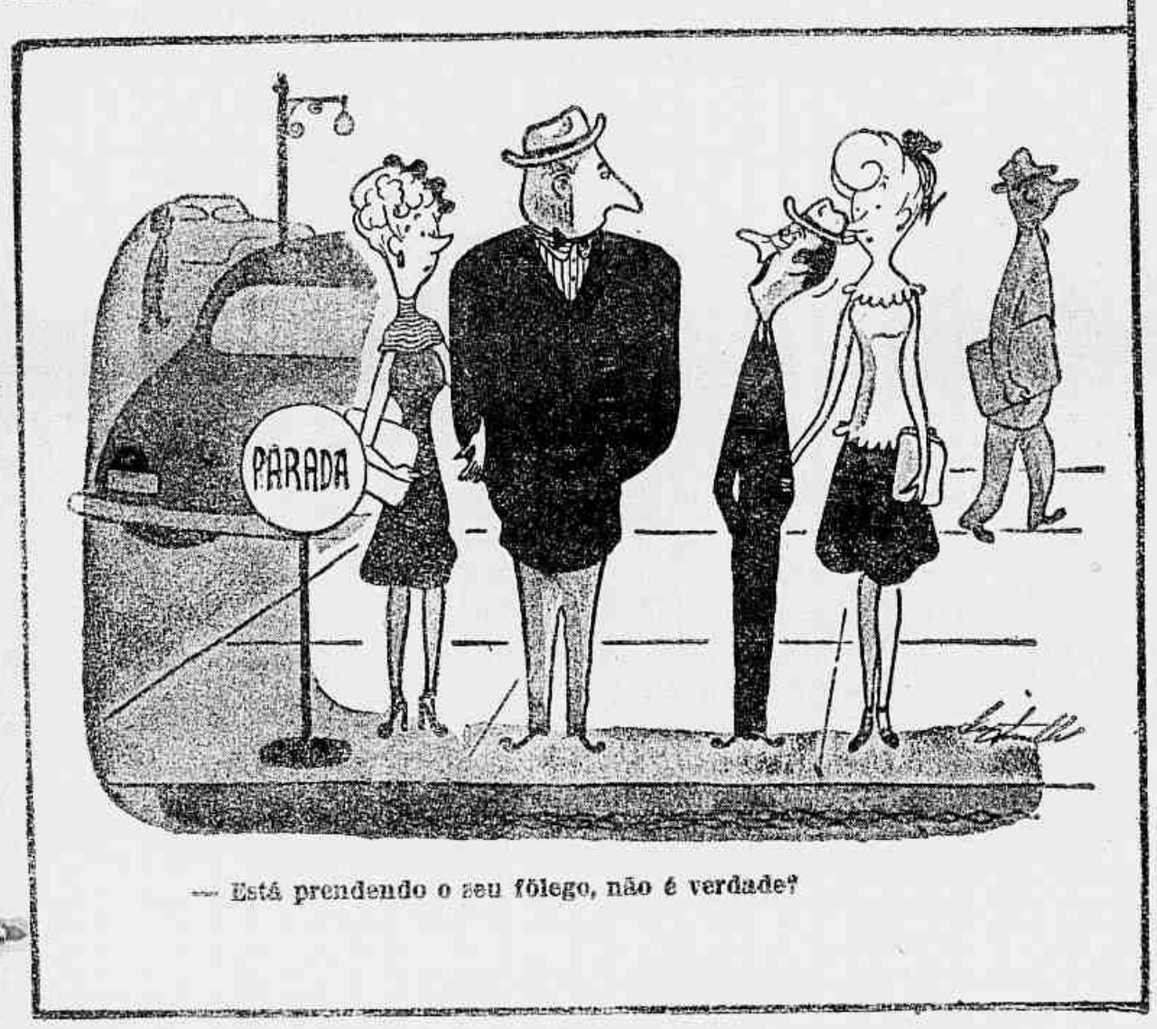
Estava confirmada a nossa teoria sôbre a atração dos "altos postos". Mesmo com pequenos ordenados os humildes empregados dêsses lugares não têm coragem de abandoná-los.

A paisagem de que não se cansam, vale pelo melhor pagamento que podiam ter se vivessem cá em baixo, rastejando entre os homens que não souberam, ou não puderam, conquistar posições realmente elevadas.

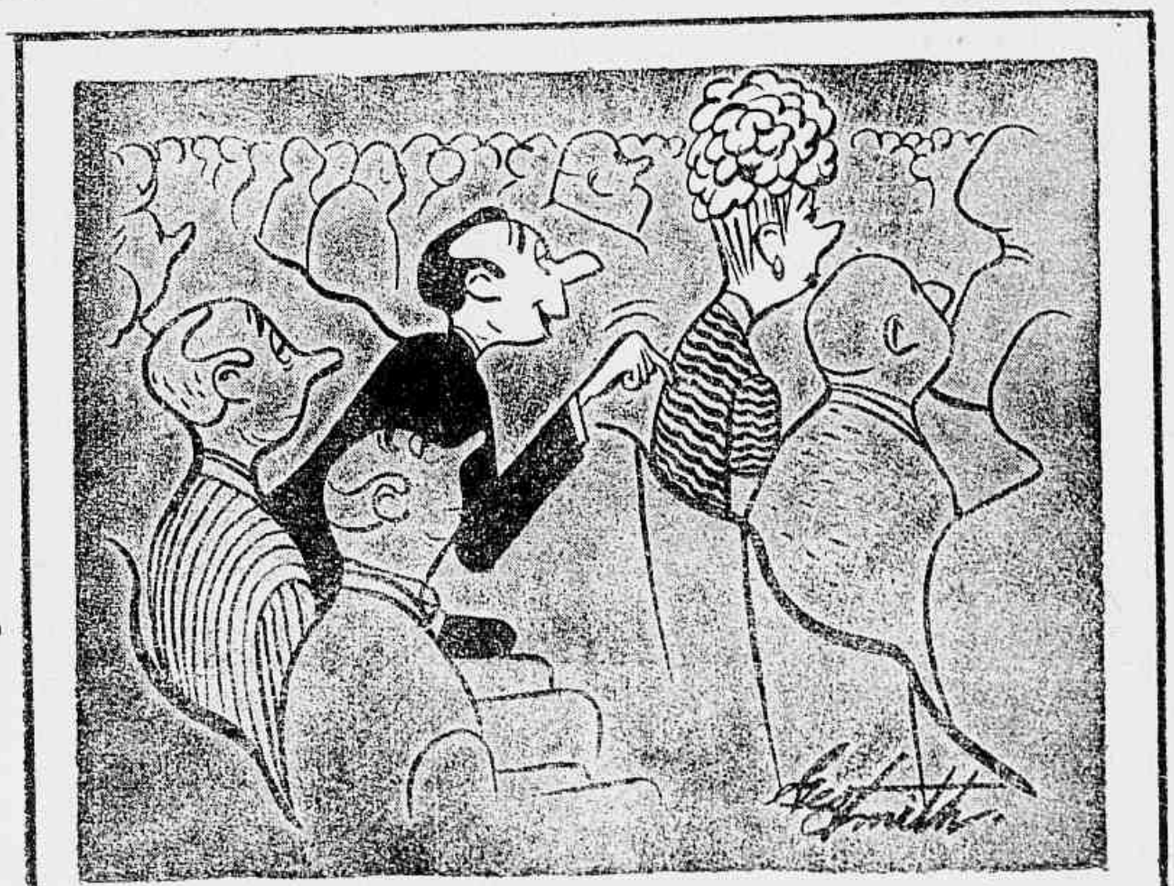
BOM HUMOR



— Vamos pelos quadros pretos e estará tudo azul...

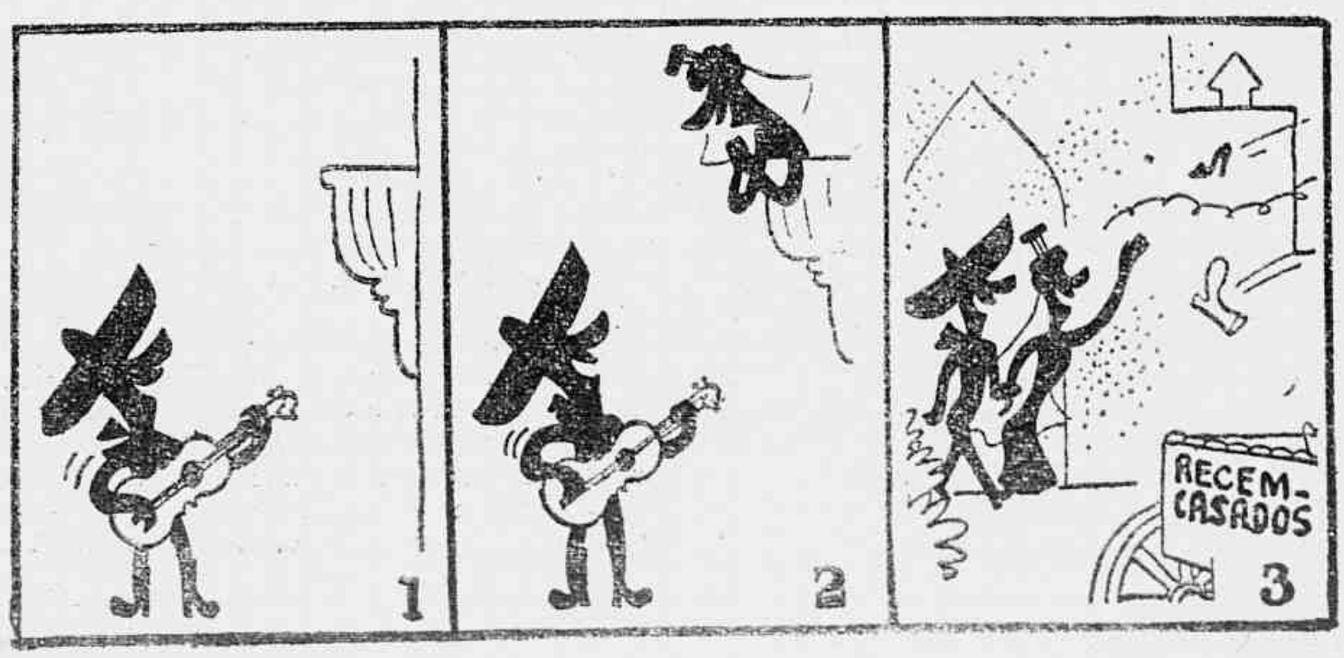


— Está prendendo o seu fôlego, não é verdade?

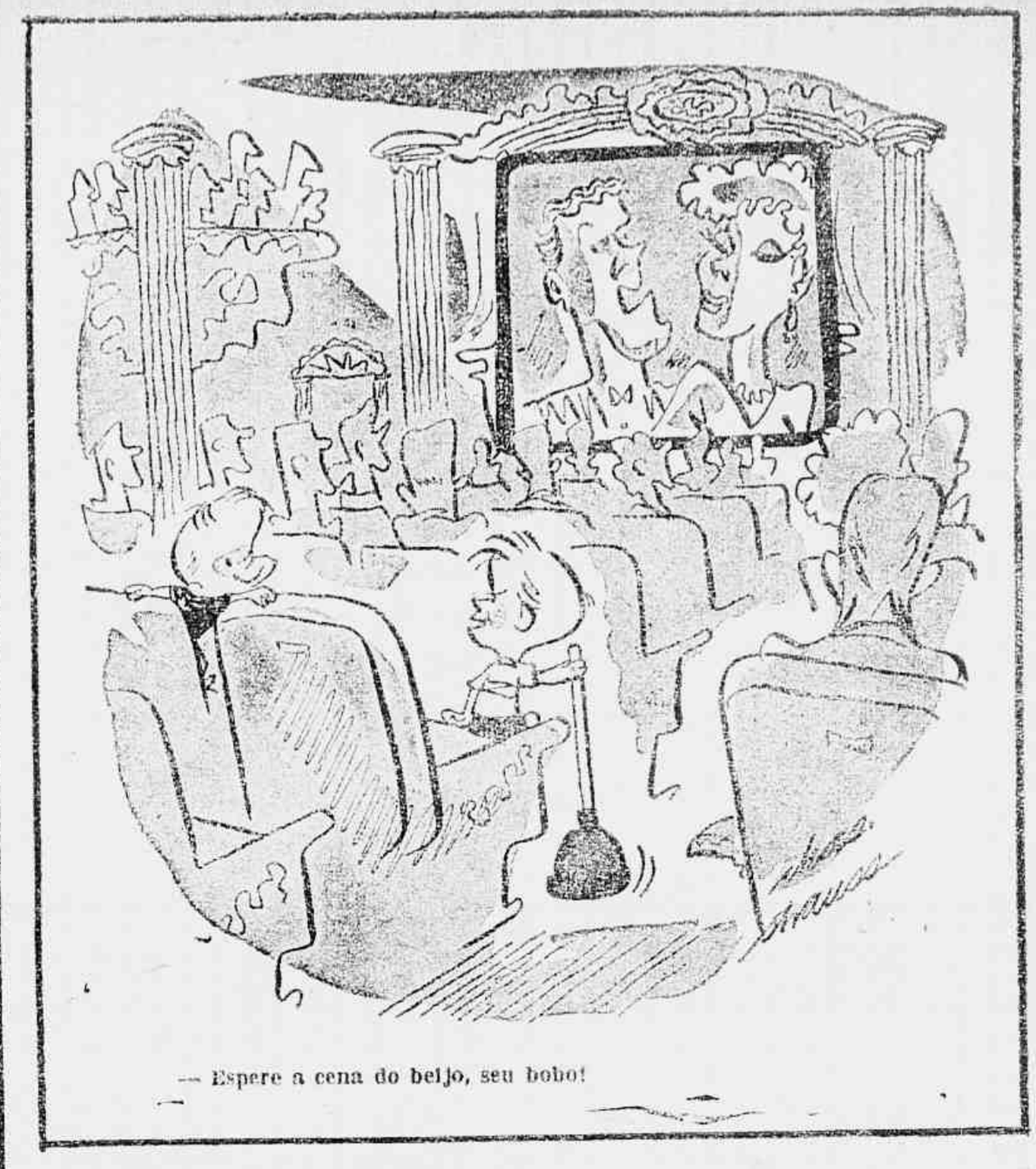


— A senhora, que foi tão gentil em tirar o chapéu, não podia fazer o favor de puxar o cabelo para baixo?

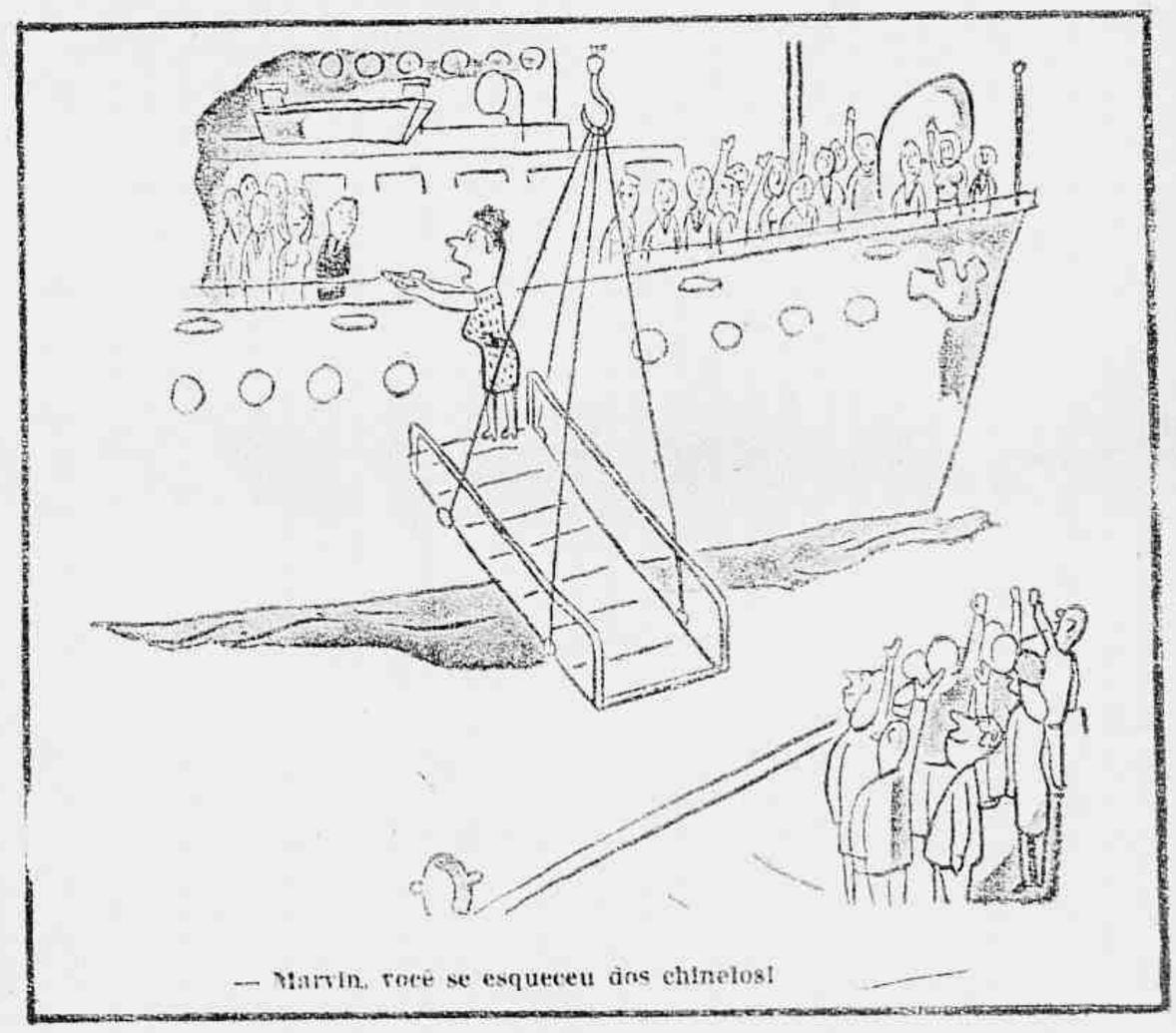
— E' alguem que conhecemos, querido?



— Que foi que êles fizeram com a mamãe?

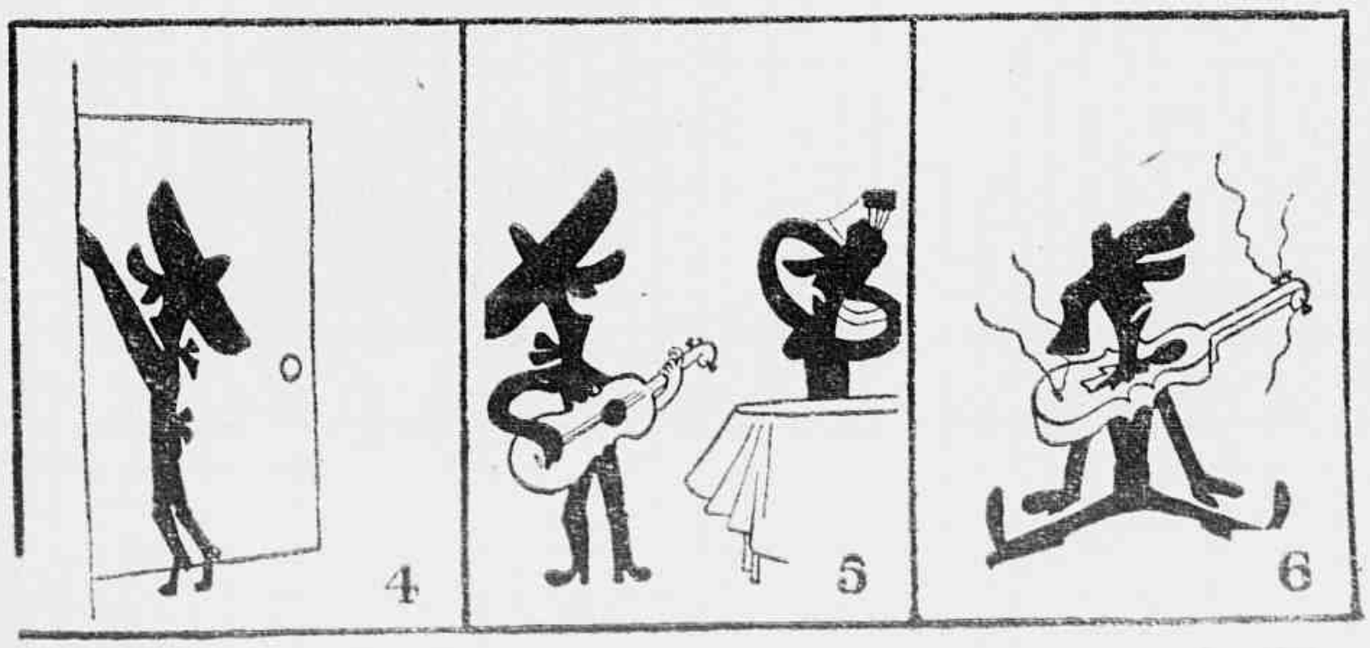


— Espere a cena do beijo, seu bobo!



— Marvin, você se esqueceu dos chinelos!

— E' uma dessas novas mesas... Quando se encolhe uma perna, encolhem tôdas...



— Sim, Dawson... Você não pode casar com o que eu lhe pago, mas algum dia há de me agradecer por isso...

"A gente espia o Vasa-Barris e sem querer, tende a fazer comparações com essa região... a região de Canudos, diga-se melhor, o teatro de Canudos.

Elejo-o príncipe dos rios do Nordeste, porque está sêco e triste, desfigurado, espécie de protesto contra os políticos e os homens que falam muito, querem é aparecer.

Para que estarmos pensando em coisas que devem ficar a cargo de gerações dominantes, lá pelas proximidades do ano 3.000? Antes disso temos tanto que fazer de útil, no sentido de colher resultados práticos imediatos."

ADEMAR VIDAL.

O caboclo baiano nascera e criara-se às margens do Vasa-Barris, num pequeno povoado próximo dos limites com Sergipe. Aos sete anos entrara para a escola e, com pouco mais, começara a soletrar pelos jornais e almanaques. O gôsto pelas letras lhe veio mais tarde com a leitura dos folhetos de versos de

Conto de F. MAGALHÃES MARTINS ✯ ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO MOURA

cantadores. Exerceu grande fascínio em seu espírito a história versejada sôbre a campanha de Canudos, que lhe dava a idéia de grande feito épico...

"Do céu veio uma luz
"Que Jesus-Cristo mandou
"Santo Antonio aparecido
"Dos castigos nos livrou..."

O Conselheiro afigurava-se-lhe de fato o "Messias-do-Sertão", dotado de grande poder oculto outorgado por Deus. Em criança, via-o como um papão feroz, capaz de caçar meninos na grelha. (Talvez pela sugestão da história daquela bruxa das florestas, que aprisionou dois meninos num quarto, e que êles ardilosamente enganaram com um rabo de lagartixa e depois mataram queimada na própria fogueira que lhes tinha sido preparada).

E' que muito se fixaram na sua formação espiritual as influências mesológicas — e "o homem é um produto do meio..." As repetidas conversas sôbre o Conselheiro, contadas por muita gente, especialmente pela ama da casa, formaram-lhe na mente aquele juizo. Embora, quando o pai e pessoas de importância falavam a respeito, a figura do heresiarca perdesse muito daquela aureola de santidade que o povo rude lhe emprestava.

Simão demonstrou muita inteligência desde os primeiros dias nos prélios escolares. Quando se fez rapazote, não havia no povoado quem lhe passasse quináu. Sabia ler, escrever, contar, como gente grande. Tanto lia romances, como obras de fôlego. Lera até "Os Sertões", com viva e redobrada atenção — menos o compreendendo que o sentindo. Já não via, agora, o Conselheiro como um semideus predestinado mas apenas como um asceta, um místico, que o povo ignaro endeusara numa superstição religiosa. De resto, reconhecia o poder de domínio e sedução que certos homens podem inexplicavelmente exercer em tôrno de um povo, ante os exemplos de Conselheiro, Rasputin e outros.

Por êsse tempo, os jornais anunciavam o caso sensacional do petróleo em Alagoas, o que encheu logo de sonhos a cabeça do moço. Fôra sempre sua vontade ganhar o mundo. Era descendente de gente humilde, filho de um carceneiro pobre, mas muito acatado, que vivia tambem de uma pequena lavoura e criando umas quatro cabeças de bichos. Portanto, nunca poderia prosperar, ser profeta em sua terra, cujos meios de vida eram bem estreitos.

E, um dia, todo aquele povoado das margens do Vasa-Barris ficou suspenso com a saída inesperada de Simão que rumou, sem quase nada dizer a ninguém, às longínquas terras do Riacho Doce.

Ao chegar lá, procurou emprego de escritório ou outro qualquer, o que foi debalde. Não havia vaga e todos os dias se oferecia gente para trabalhar. Os serviços estavam quase paralizados, sem se saber porque, e o chefe tinha sido chamado a Maceió. Falava-se que a comissão federal vinda do Rio, para examinar a mina, apresentara relatório contrário à sua exploração. Parecia mesmo que os magnatas do petróleo estavam passando bola...

A história da sonda andava de boca em boca; a sonda vai, a sonda fica... O material que vinha da Alemanha ficou empancado na Alfandega do Recife. Os boatos eram os mais desencontrados. O dinheiro da emprêsa — diziam — não dava mais para um chá, os canos de revestimento não prestavam. Um dos feitores garantia que o negócio ia melhorar porque ia passar para uma companhia americana.

Simão pendia para o lado dos nacionalistas fervorosos, contrários à intromissão do estrangeiro. Devia-se apoiar o govêrno do Estado, o único que estava agindo com verdadeiro espírito de brasilidade. Mas, embora combatesse, com a maioria, o "trust" internacional, êle sentia que estava faltando alguma coisa — dinheiro, técnicos, material, — muita coisa mesmo, para o êxito da exploração. E afinal era bem certo o que tanto se dizia: — "A nossa água mineral, apanhada na fonte, custava mais caro do que a gasolina que vem dos Estados-Unidos".

Em meio à confusão reinante, o que mais amedrontava o povo era que os serviços não prosseguissem. A massa inculta não queria saber mais de nada, sem aprofundar as causas do problema. Os trabalhadores não sabiam direito nem o que era o petróleo. Acreditavam que dele se extraiam a gasolina e o querosene porque viam tocar fogo na areia molhada, cheirá-la, e os chefes proibiam qualquer fogo nos buracos da escavação.

Simão sofria com aquilo e ia desiludindo-se. Parecia-lhe, às vezes, ter a emprêsa passado um grande "bluff" no povo. Os acionistas vinham ver em que pé estava o serviço. Uma porção de gente chegava a cavalo e de automóvel para conhecer o petróleo, e voltava fazendo os mais engraçados comentários.

Chegou também um dono de bangue, fez conhecimento com Simão e depressa se tornaram bons camaradas. O senhor de engenho viu que o baiano era letrado, estava-se perdendo alí e convidou-o, de início, a dar um passeio em sua casa. Aliás, precisava até de um rapaz como êle, para ensinar os filhos a ler e ajudá-lo nos misteres de seu negocinho: fazer uma carta, escriturar os livros da venda, fazer as suas notas tôdas, que a sua vista estava ficando fraca e cansada.

Simão por fim aceitou o convite, como também a proposta que lhe fôra acenada pelo Coronel Doca. Queria ver um canavial verde quebrando com o açoite dos ventos, subindo os montes nordestinos e perdendo-se na distância. Iria conhecer outra terra e outra gente, o operário banguezeiro, de roupa sempre suja e melada pela garapa da cana...

Agora, lecionava aos filhos do coronel, partilhando da sua intimidade. No engenho, todos gostavam de ouvir o baiano falante e sabido. Nas rodas da casa-grande, êle pontificava, falando sôbre tudo com relativa proficiência. Coronel Doca era medonho para gostar de anedotas e histórias engraçadas. Entretanto, achava bonito qualquer assunto tratado por Simão. Os outros, conquanto não o entendessem bem, ficavam boquiabertos e saiam exclamando: — "Baiano da peste!"

Certo dia, à hora do café, Simão revelou um sonho que teve com uma santa enterrada no tempo dos holandêses, debaixo duma cajazeira lá na beira do ribeirão. Era preciso tirá-la da terra e entronizá-la numa capela. Todo o mundo ficou impressionado e desejava desenterrar logo a santa; mas, tornava-se preciso sonhar três vêzes, conforme êle explicou.

No dia determinado, grande foi a aglomeração debaixo da cajazeira. Os homens começaram a cavar o chão no lugar marcado. Daí a um pedaço, a picareta bateu numa coisa fôfa, esquisita. As pessoas afluíram para perto, curiosas. Simão mandou que se afastassem e se benzessem. Com pouco mais, arrancaram um caixão do buraco e dentro dele vinha a santa. Era feia, tôsca, pequena, mas só podia ser muito milagrosa. Bastava ver que, há tanto tempo nas entranhas da terra, saía agora perfeita, inteirinha...

O padre da freguesia, a chamado do coronel, veio fazer o benzimento. Espalhou-se rápidamente a notícia. Abalava-se gente de longe para certificar-se do milagre, trazendo suas esmolas. Todos queriam ver a santa e também o homem que tinha merecido o toque divino, para descobri-la com um sonho tão bonito. Tocavam nela, e depositavam o dinheiro para a construção da capela. Uns traziam óbulos, animais, frutas, objetos, tudo enfim que podiam dar. Diàriamente se fazia leilão com essas dádivas que eram muitas.

Tôdas as noites havia rezas e até procissões. O terreiro da casa ficava cheio de gente das redondezas. Uma mesa grande, com as coisas que iam ser arrematadas, ficava rodeada pelo povo. O leiloeiro entrava a apregoar, gritando alto os lances, com a mão para cima. Dentro da casa-grande, na sala da frente, onde improvisaram um altar, lá estava a santa, enfeitada de papel de seda, fitas e flores silvestres.

Simão cresceu na admiração do povaréu, ansioso por conhecê-lo para ouvi-lo

(Cont. na pág. 51)

A igreja modernista da Pampulha, em Belo Horizonte.

ARTE ENCAIXOTADA

A IGREJA DA PAMPULHA E AS DECORAÇÕES DE CÂNDIDO PORTINARI — AUDÁCIA MODERNISTA QUE ESCANDALIZA OS CONSERVADORES — QUADROS VIRADOS PARA A PAREDE, COMO COLEGIAIS CASTIGADOS...

Por OLGA OBRY

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

DIZEM que santo de casa não faz milagre. E mesmo que fizesse...

A Igreja de São Francisco da Pampulha é um milagre. Um milagre da fé renovada, ressuscitada em plena era das máquinas e do materialismo. Um milagre conseguido por dois grandes artistas brasileiros que o mundo olha, maravilhado. A arquitetura das catedrais góticas apontava para o céu, arrancava-se da terra num esforço grandioso de ascensão.

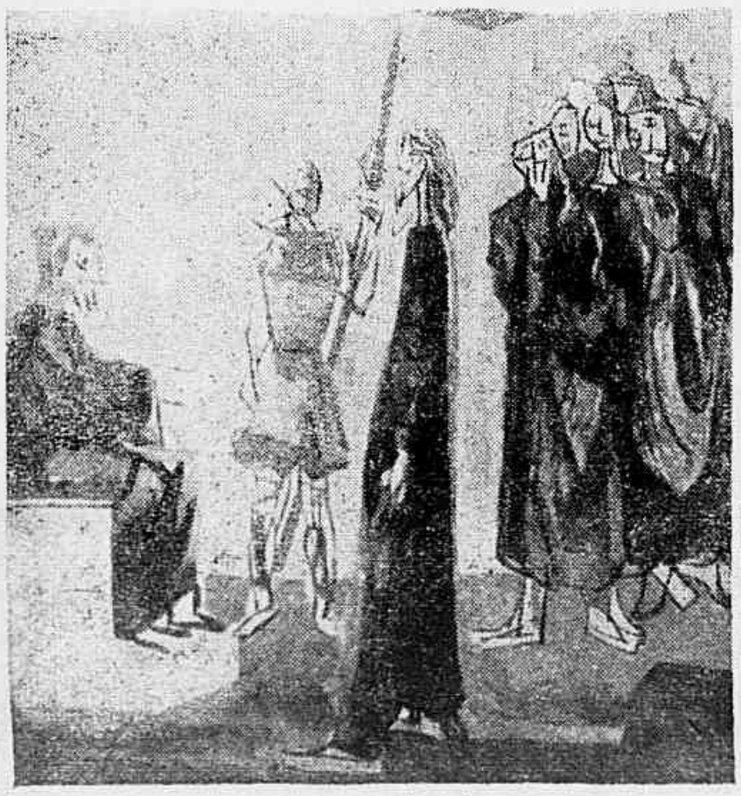
A forma que o arquiteto Oscar Niemeyer — discípulo de Le Corbusier, que superou o mestre — deu à Igreja da Pampulha é a de um abrigo. Parece feita para que uma humanidade exausta viesse procurar um refúgio no aconchego das suas abóbadas harmoniosas.

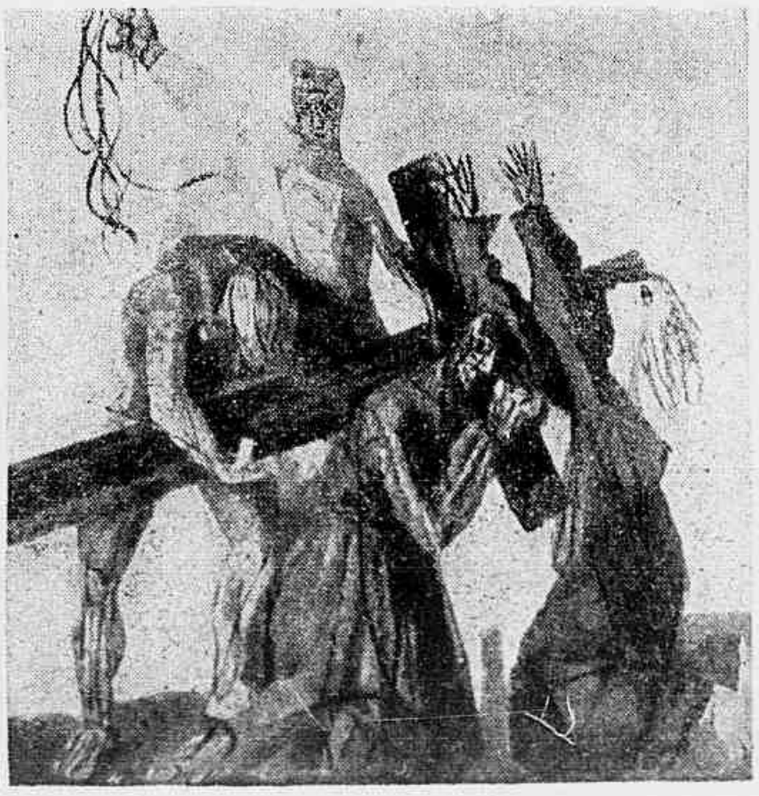
Os azulejos da fachada dos fundos, o painel na parede do altar-mor contam entre as maiores obras de arte do nosso tempo. E qualquer país do mundo orgulhar-se-ia em possuí-las, em contar entre os seus filhos um pintor do vulto de seu autor Cândido Portinari, um dos poucos artistas que ficarão da nossa época tão pobre em valores verdadeiros de pintura monumental.

Mas santo de casa realmente não faz milagre. Entre os poucos que atravessam o lago artificial, que se integrou tão maravilhosamente quanto a própria igreja de São Francisco na serenidade da paisagem belorizontina, raros há a verem a arte moderna com bons olhos. A maioria vem aí para dar livre curso à sua indignação, sincera ou fingida, para soltar uma gargalhada ofensiva e cheia de incompreensão. Havia outrora em Paris um cartaz pedindo donativos para os cegos, com o "slogan" seguinte: "vous qui voyez, pensez à ceux qui ne voient pas!" Um surrealista parafraseou-o assim: "Vous qui ne voyez pas, pensez à ceux qui voient!" Quem não vê a beleza que tenha piedade daquele que vê, sem a entender...

★

Em baixo: alguns dos quadros repudiados, do pintor Cândido Portinari, que se encontram na Prefeitura de Belo Horizonte.





Um painel de Cândido Portinari, para a igreja da Pompulha.

Mas há coisa pior: mesmo aqueles que têm olhos para ver não tiveram ensejo até agora de contemplarem a magnífica série de quadros do Caminho da Cruz, que Portinari pintou para a igreja da Pampulha e que nunca fôra colocada no lugar ao qual se destinava. Os quadros ficaram encaixotados, na Prefeitura de Belo Horizonte, durante uns cinco anos.

O atual prefeito teve a boa intuição de tirá-los dos caixotes, para não ficarem estragados pelo mofo e pelo cupim. Mas estão aí, num canto de sala, virados para a parede, como colegiais castigados.

Só quem tiver a sorte de ser convidado pessoalmente, chega a vê-los. E é mesmo a sorte grande. Porque na sua trágica expressividade entram na alta linhagem da arte religiosa de todos os tempos, mergulhando suas raizes na vigorosa tradição desta terra, cuja máxima glória, o Aleijadinho, tambem sofreu no seu tempo de ser "moderno" e "expressionista" demais.

As fotografias aquí publicadas são, ao que crêmos, as primeiras tiradas do Caminho da Cruz de Cândido Portinari. De tamanho pequeno, cêrca de 60 cm. por 60 cm. são catorze composições, pintadas sôbre madeira, em tons suaves, cinzentos, azulados, beige, com toques de marron e azul escuro a acentuar o desenho. Já que não entraram na igreja, estão à espera de um museu para recebê-los, para guardá-los, para colocá-los à vista de todos aqueles que sabem ver e que não esperam da arte uma eterna repetição sem sentido e sim uma renovação perpétua pela dôr fecunda da criação.

A Arte Moderna se encontra, neste momento, entre dois fogos. Acusada pelos conservadores de ser um "agente da dissolução social", quando se apresenta apenas como um ímpeto de originalidade e uma reação contra o classicismo, vem de ser rudemente atacada, ainda agora, pelo órgão russo "Pravda", que é o porta-voz do comunismo e para o qual, homens como Picasso e Matisse, não passam de excêntricos que servem de divertimento ao "capitalismo corrupto e corruptor". Dessa forma, vê-se a Arte moderna repelida pelos dois extremos da sociedade e da política, — pelos ricos e direitistas, como um engôdo das esquerdas, uma tentativa de quebra dos pedrões estabelecidos do bom gosto fino e burguês, e pelas classes trabalhadoras e a extrema esquerda como uma palhaçada para os ricaços se divertirem e fingirem que têm alta cultura artística. Ainda há dois domingos, numa crônica muito interessante, o crítico de belas artes do "Diário Carioca", sr. Antonio Bento, comentava êsses aspectos, citando os ataques do "Pravda" à pintura moderna. Ninguém desconhece, tampouco, que o sr. Yacov Suritz, embaixador acreditado pelo govêrno russo no Brasil considera o pintor de escola vigorosamente acadêmica, Manuel Faria, a maior expressão da pintura brasileira, segundo declarações que teve oportunidade de fazer. Exemplo dessa guerra contra a Arte Moderna é, por exemplo, o desprezo em que jazem, em Belo Horizonte, os quadros de Cândido Portinari, executados para a Igreja da Pampulha, e que são objetos desta reportagem da jornalista Olga Obry, exclusiva para "REVISTA DA SEMANA".

Três quadros de Portinari, repudiados, desprezados, "virados para a parede como colegiais castigados"...

PLANOS DE 1847

ESCRAGNOLLE DORIA

A atual praça Tiradentes, o antigo Rocio Grande carioca, a ainda há pouco praça da Constituição, sempre foi logradouro público de importância no Rio de Janeiro, no qual constitúi ponto de vida urbano, de dia e à noite, por ser zona de teatros próximos.

Não tem faltado à praça e à sua topográfica uma série de modificações de alteração à sua primitiva feição de campo, do tempo em que na Sebastianópolis os campos sobravam.

Justo, há um século, foi projetado tornar o Rocio Grande um local de imponência, segundo aqui vai ser exposto.

Em 1847, ao poder legislativo do Império do Brasil, o ministro da Fazenda, o visconde de Albuquerque, dava contas do estado financeiro do país.

Não sendo o primeiro a sugerir tal, em relatório à Assembléia Geral, o ministro entendia conveniente a concordancia de ano financeiro e ano civil. Cessára então a falta de comunicações determinante de correr o ano financeiro de Junho de um ano a Julho do seguinte.

Afirmava o ministro da Fazenda de 1847 a plena confiança nacional e internacional no Tesouro do Brasil, de letras muito procuradas. Não superabundava papel moeda à vista da subida do câmbio, autorizava a cunhagem de moedas de ouro e prata de diversos valores.

O déficit orçamentário era de pouco mais de 600 contos, a taxa cambial entre 25½ e 28¼.

Por alfandegas e fontes arrecadadoras fiscais, as rendas públicas aumentavam de ano para ano em país independente havia só cinco lustros entre bastantes crises e no qual as oposições parlamentares não deixavam o govêrno pôr pé em ramo verde, como se diz de quem não pode descansar.

A época de 1847 era de prosperidade nacional, compreendendo-se que o Estado construa quando há folga de recursos, que sacar apenas sôbre o futuro é cheque sôbre inexistência de fundos.

Em 1847 o govêrno pensou em edificar, em erigir novo Paço Imperial, novo Paço do Senado, levantando o primeiro na atual zona da Cinelândia, o segundo no Rocio Grande.

Da idéia indo à ação, o govêrno pela secretaria do Império, mandou confiar à Academia das Belas Artes o levantamento de plantas dos edificios do Paço Imperial e do Senado.

A 20 de Dezembro de 1847, o diretor da Academia, Felix Emilio Taunay, em nome da mesma Academia, cientificava o govêrno que, desde 18 de Setembro do citado ano, a comissão encarregada de levantar plantas para os futuros Paços tinha começado trabalhos.

Dois membros, e de suma qualidade na matéria, constituiam aquela comissão, Grandjean de Montigny e Job Justino de Alcantara, catedrático um, substituto da cadeira de Arquitetura na Academia, proposta para o primeiro a gratificação de cem mil réis, para o segundo a de sessenta.

A 29 de Abril de 1848, a comissão apresentava ao corpo congregado da Academia, reunido em sessão, os desenhos das plantas dos desejados edificios, aprovada pelo ministro do Império a gratificação proposta em favor de Grandjean e Alcantara, a contar de 13 de Setembro de 1847.

Ainda na sessão de 29 de Abril de 1848, o diretor da Academia apresentou a colegas o oficio de remessa ao governo das plantas dos edificios projetados.

Conforme desenhos e plantas, o eixo do Palácio Imperial prolongado através do morro de Santo Antonio abriria grandiosa via de comunicação permitindo que a projetada estátua de D. Pedro I no centro da praça da Constituição oferecesse perspectiva, fronteira à moradia do imperador reinante.

Outro eixo passando pelo pedestal da estátua do Fundador do Império pela rua Leopoldina, as fachadas do Paço do Senado e da Academia das Belas Artes.

Tudo isto regularizaria o centro da cidade quer pela rua dos Ciganos ora da Constituição), quer pela rua do Sacramento (parte da Avenida Passos), continuava ali a rua de D. Pedro, segundo projeto existente.

Em qualquer cidade, mormente se capital, grandes transformações urbanas forçosamente determinam destruição de edificios públicos e prédios, aos donos dêstes cabendo indenizações equitativas, a utilidade pública não devendo significar assalto à propriedade particular.

Tinha de conhecer tudo isto a projetada construção dos paços de 1847, Imperial e do Senado.

O primeiro de frente ao mar determinava logo a desocupação do Convento da Ajuda, ocupado por freiras concepcionistas, desde 1750.

Modificações de vulto atingiriam a Capela Imperial no largo do Paço (praça 15), permitindo que os frades carmelitas voltassem ao seu antigo convento próximo do Paço da Cidade, transferindo-se as religiosas da Ajuda para o convento carmelitano do largo da Lapa, ficando assim nas proximidades do seu antigo retiro claustral.

Opinando no caso, lembrava então a Academia das Belas Artes a conveniência de aproveitar-se a oportunidade para satisfazer aspiração dos cariocas, o prolongamento da rua do Cano até o largo do Paço, descongestionando-se o trânsito pela rua do Ouvidor cortada como até hoje pela rua 1.º de Março onde tanta gente julga acabada a rua do Ouvidor quando tem segiumento até o mar passando de lado pela igreja de Santa Cruz dos Militares e pela frente de outro templo, o de N. S. da Lapa dos Mercadores.

Para localização do Paço Imperial no chamado "Lugar da Ajuda" era tida por necessária a desapropriação do novo Palácio Imperial e do novo Paço do Senado havia necessidade de estudar bastante sem afogadilhos. Foi então minuciosamente verificado ser preciso desapropriar 156 prédios.

Abrangeriam as demolições as ruas de Santa Luzia, do Passeio Público, e dos Barbonos (Evaristo da Veiga). Desaparecia a ladeira do Seminário de acésso ao morro do Castelo e bem assim a rua da Ajuda (bôa parte da Avenida Rio Branco), orçada em mil contos de réis ao desembolso exigido pelas desapropriações conforme especificado quadro de imóveis.

As desapropriações indispensáveis à edificação do Paço do Senado na Praça da Constituição imporiam a demolição de prédios na rua do Lavradio (1 prédio), na Praça da Constituição (17 prédios) em tôda a rua do Espirito Santo, ora Pedro I (43 prédios), na travessa da Barreira (13 prédios). A 76 prédios desapropriaveis na rua do Senado era dado o valor de 666 contos redondos.

A construção dos dois projetados palácios reclamava o solo ocupado por 232 prédios em 1.076.064 mil réis, pela dedução de siza ou imposto de transmissão levado a 1.508.457.600 réis o custo liquido das desapropriações.

As avaliações prediais de 1847 mostram o valor da propriedade imobiliária no centro da Cidade Velha no Rio de Janeiro de há século.

A prédio da rua do Passeio, na rua o de mais alta avaliação, era dado o valor de 36 contos, nas zonas sujeitas à desapropriação não havendo casas de valor estimado acima de 40 contos.

Mudar-se-iam os moradores dos prédios a desapropriar dentro de prazos razoáveis, evitando-se vexames e precipitações.

A moradores de condição social modesta seria concedido auxilio para transferência de domicilio em cidade onde vagavam sobrados e casas térreas a preços acessiveis a tôdas as classes.

A via de comunicação partida do morro de Santo Antonio denominar-se-ia Avenida Imperial, também proposto o nome de Avenida Augusta. Encontraria na Praça da Constituição imponente Paço do Senado, companheiro arquitetônico do Paço Imperial no seu mais longe de vista ao Passeio Público e suas frondes.

A construção e ornato do Palácio Imperial demandariam despesa de 2.000 contos.

No centro do palacio ficaria a Sala do Trono, sem dúvida chamado a ornar a sala magna o talento de artistas competentes, como pedia o destino da sala.

No projetado paço seria lembrada a natureza por jardins, um dos quais tido por do Imperador, outro pelo da Imperatriz.

Não faltariam colunas ao edificio, só de mármore 110 colunas, numerosas estátuas e aguias de mármore dando ornato à fachada.

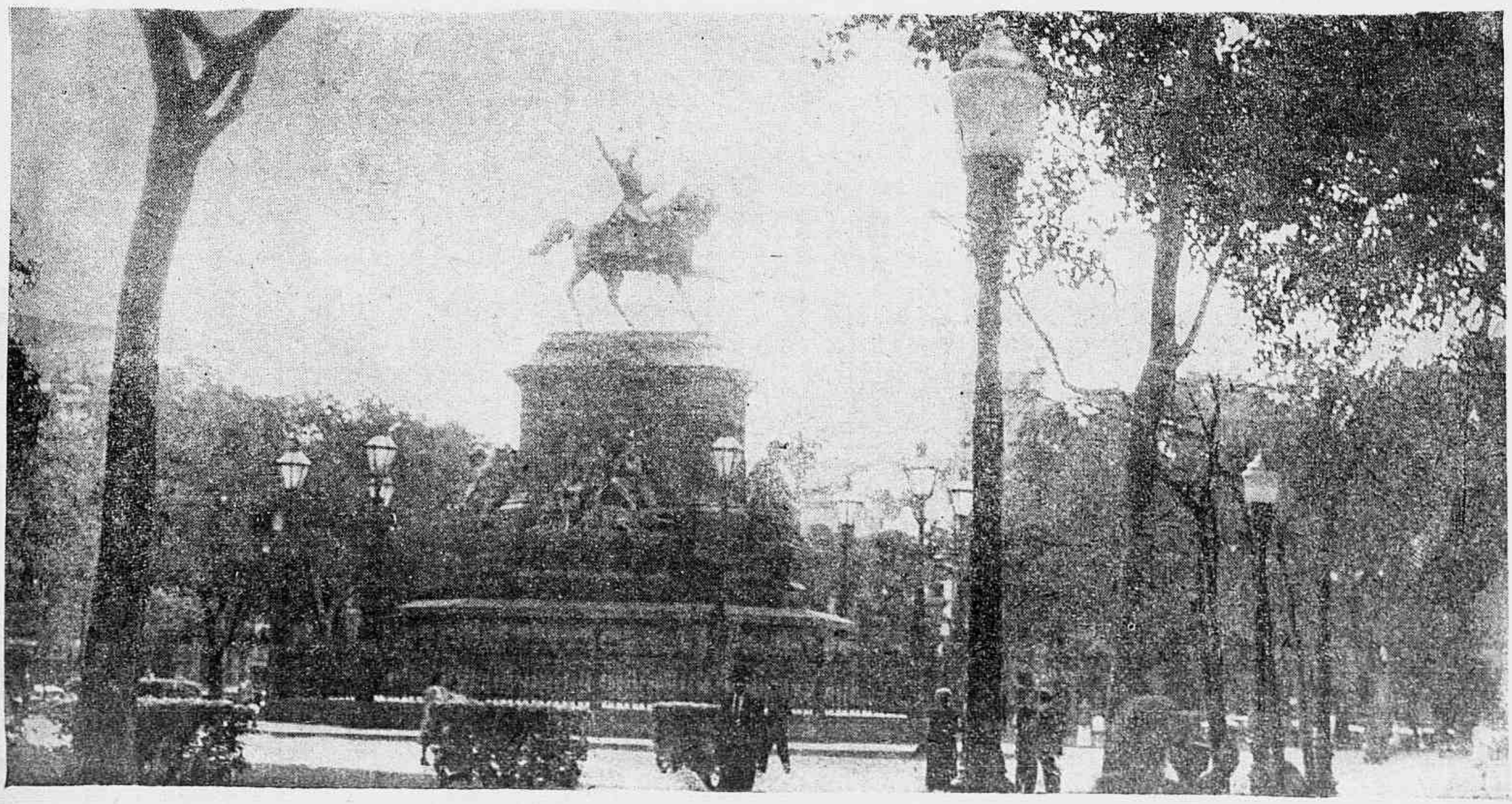
Vasos de mármore do custo de cinquenta mil réis cada, ornariam os jardins do palácio, cada qual com sua bacia de mármore do custo de oitocentos mil réis.

No orçamento provável da despesa com a construção do Paco Imperial havia verbas curiosas, a de cinquenta contos para mão de obra de carpintaria, a de quarenta contos para ornamentação a estuque, a cobertura do edificio por telha calculada em trinta contos, outras verbas mostrando os preços de construções monumentais em 1848.

As dos paços do Imperador e do Senado ficaram nas plantas e nos orçamentos, o soberano habitando no palácio de São Cristovão, o Senado em solar antigo do conde dos Arcos, à rua do Areal.

Sem efeito as projetadas desapropriações, ninguem saiu das casas a demolir, as freiras da Ajuda ficaram no seu convento do Passeio, os frades carmelitas no seu mosteiro da Lapa, a Capela Imperial como dantes. Felix Taunay guardou os planos. Grandjean de Montigny e Job de Alcantara tiveram desenhos arquivados. E hoje a rua do Senado perto da praça Tiradentes diz lembrança vaga de um paço legislativo que naquela praça, então da Constituição, deveria erguer-se justo há um século.

Praça Tiradentes, antiga da Constituição, onde deveria erguer-se o projetado palácio do Senado em 1847.



A atriz Zully Moreno, no papel de Nancy, de "Deus lhe pague", dá uma esmola ao mendigo verdadeiro, o incorrigível barata. O outro, o falso mendigo, de barbas postiças, é o famoso ator mexicano Arturo de Cordova.

ARTURO DE CORDOVA EM "DEUS LHE PAGUE"

O CINEMA ARGENTINO APROVEITA COMO TÊMA PARA UMA SUPER-PRODUÇÃO, A FAMOSA OBRA DE JORACY CAMARGO, ESTREIADA EM SÃO PAULO POR PROCÓPIO FERREIRA, HÁ PRECISAMENTE QUINZE ANOS — " ESTOU CERTO DE QUE TENHO NAS MÃOS UM DOS MELHORES PAPÉIS DE MINHA CARREIRA CINEMATOGRÁFICA", DIZ O ATOR MEXICANO.

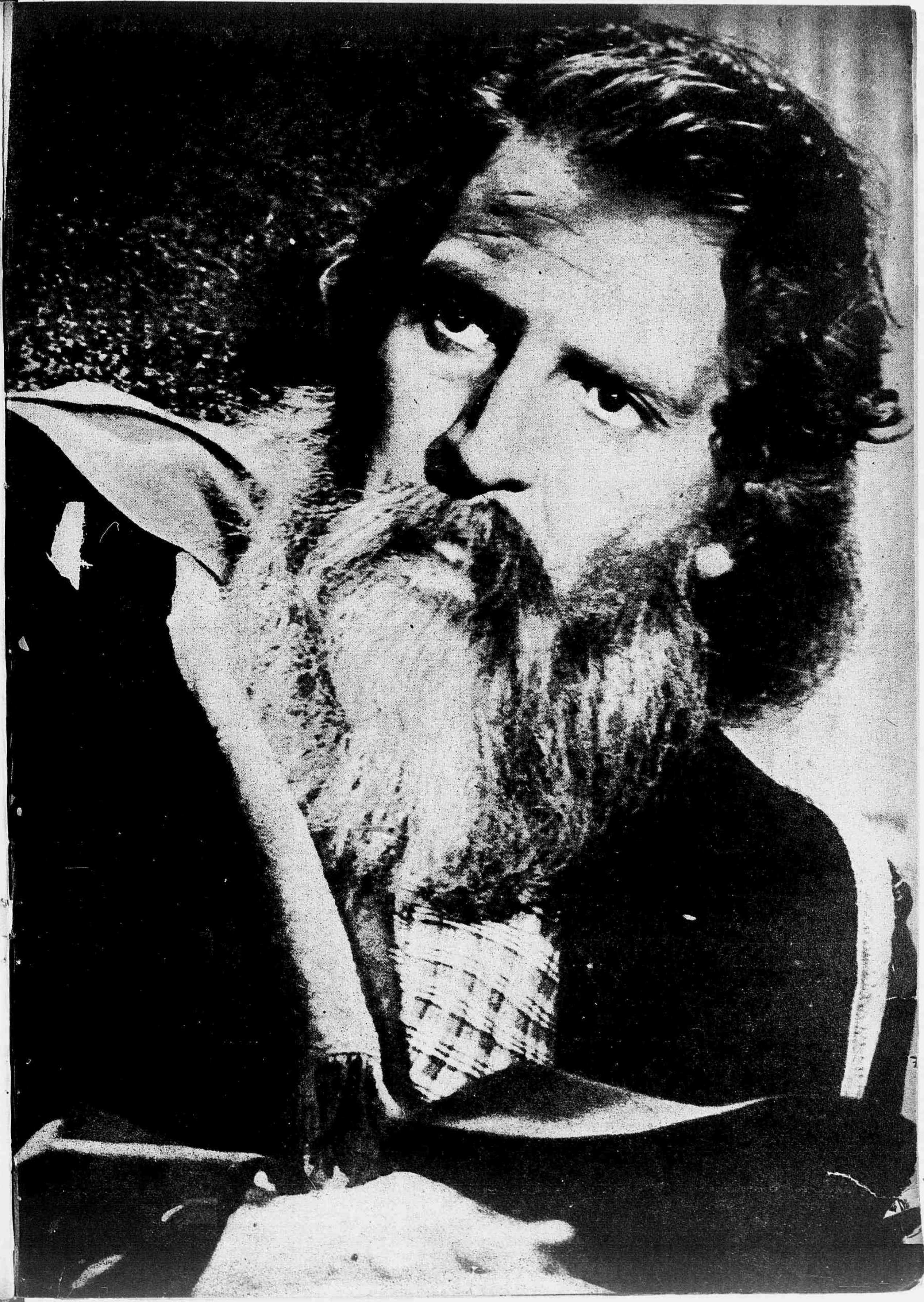
Por **OSWALDO EBOLI** (Especialmente para **"REVISTA DA SEMANA"**)

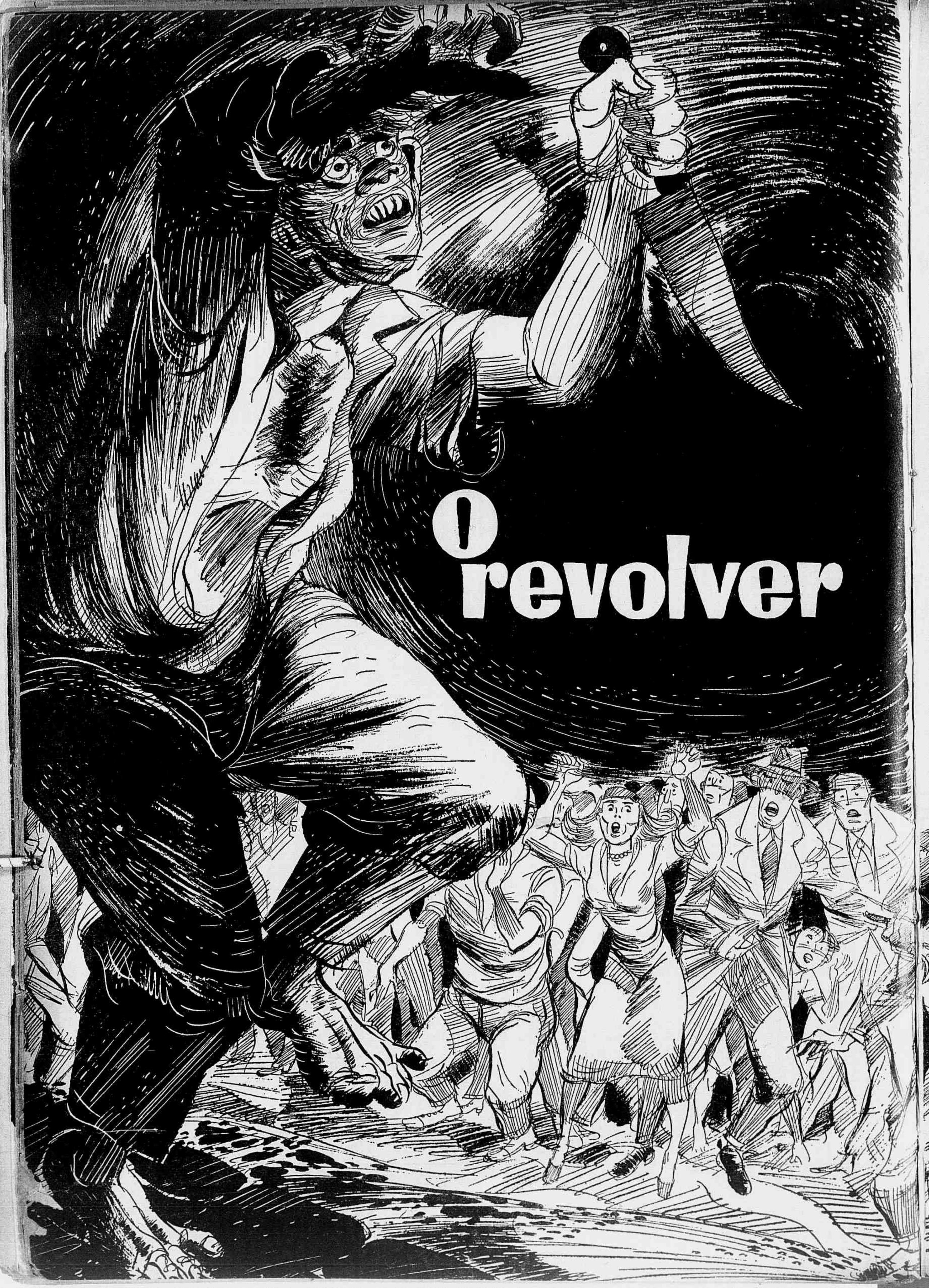
BUENOS Aires, Outubro — Visitando Buenos Aires, não podia deixar de me interessar por um assunto de tão grande interesse para os brasileiros, como é a filmagem de "Deus lhe pague", num dos maiores estúdios argentinos. Ligado ao autor dessa obra teatral por laços de família, limitar-me-ia a transmitir minhas impressões a Joracy Camargo, se não estivesse sinceramente convencido, como estou, de que se trata de matéria do mais palpitante interesse jornalístico. Por isso mesmo é que estou alinhavando estas notas, numa rápida correspondência para "REVISTA DA SEMANA". Quem, no Brasil, não conhece "Deus lhe pague", de tê-la assistido num teatro ou num circo, de tê-la ouvido no rádio e lido em uma das dez edições que até hoje teve, "record" jàmais alcançado por qualquer outra peça de teatro em todo o continente americano? Faz precisamente quinze anos que Procópio Ferreira, num momento de crise na sua carreira profissional, — crise superada brilhantemente, graças ao seu talento de ator e à decisão tomada, — resolveu encenar uma peça diferente, um pouco desconcertante, de Joracy Camargo. Era uma peça em que o interesse teatral repousava menos nas cenas dramáticas, pròpriamente ditas, do que em alentados e pitorescos diálogos, faiscantes de paradoxos, de audácias, de observações felizes, de ditos de espírito, de ironia e de vis satírica. O sucesso dessa peça foi imediato. Situou Joracy Camargo uma posição de vanguarda no nosso teatro, posição até hoje mantida. Não tardou que, ante o grande êxito conquistado no Brasil, alguém se lembrasse de traduzi-la, na Argentina. Quando uma tradução estava sendo preparada, outra foi feita e rapidamente levada à cena, passando duas companhias a lutar pela prioridade da representação. O sucesso foi grande, no elenco que tinha como primeiro ator o artista Alfredo Caminha. Mais de trezentas representações dera Procópio, só no Rio e em São Paulo. Outras tantas deu "Deus lhe pague" em Buenos Aires. Desde então, na Argentina, no Chile, no Perú, no México e na Espanha, essa peça é levada à cena. No Brasil, além de Procópio, Jayme Costa, Palmeirim, Delorges Caminha, Darcy Cazarré, — em suma, todos os nossos primeiros atores a representaram. Onde uma companhia em excursão periclita, já se sabe o remédio: "Deus lhe pague". A peça famosa resistiu à própria representação de Joracy Camargo! Já foi dada, várias vêzes, numa pequena cidade, na mesma noite, por um teatro e um circo, dividindo-se o público e enchendo os dois espetáculos! Essa peça, que já rendeu ao autor mais de um milhão de cruzeiros, ao mesmo tempo que está às vésperas de ser dada em Paris, em tradução de Yves de

(Cont. na pág. 56)

Joracy Camargo, o autor de "Deus lhe pague".

Em cima: Reconstituição da fachada de uma igreja, nos estúdios argentinos em que "Deus lhe pague" está sendo filmada com Arturo de Córdova e Zully Moreno nos principais papéis. Em baixo: Oswaldo Eboli, o jornalista brasileiro que, em Buenos Aires, assistiu parte das filmagens de "Deus lhe pague", posa na escadaria da igreja, entre os dois mendigos. Na página à direita: A excelente caracterização que Arturo de Córdova, — o intérprete de "Refens" e de "A Gaivota Negra", apresenta no papel do falso mendigo, protagonista de "Deus lhe pague", a peça brasileira mais representada e de maior repercussão internacional.




O
revolver

DE onde tinha saído aquêle homem com a faca ela não sabia. O homem estava ali, enorme, e a faca com êle.

— Eu mato! Eu mato!

Era com ela, Deus do céu. Logo naquêle dia que não tinha trancado o portão. Mas, era com ela e, se êle entrasse encontraria a casa aberta. Fechou a janela depressa, foi revistar todas as outras janelas e as outras portas. Naquela hora tinha se lembrado de uma coisa. O ferrolho da porta principal estava frouxo. De onde teria saído aquêle demonio enraivecido? Do outro lado da rua havia já um agrupamento. Um individuo bem intencionado dizia de longe:

— Deixa disso, seu João!

O homem dava pontapés no portão de madeira. O trinco gemia, estufava, e de repente cedeu.

— Dessa vez eu mato!

E brandia a faca. Devia avisar o marido? Chamar socorro? Telefonar para a polícia? Uma vizinha apavorada gritou da outra janela:

— Já chamei a polícia!

— Pode chamar, desgraçada! Eu sou é homem!

A faca brilhava, se aproximando. O homem tranpôs o portão. Agora o grupo da calçada já era maior. Um sujeito magro fez tenção de atravessar a rua mas retrocedeu antes de alcançar a sargeta. O bebado pulara para dentro do jardim e dizia insultos terriveis. Arrematava tudo com as mesmas palavras:

— Eu mato, eu quero é ver sangue!

Alice caiu na asneira de aconselhar:

— Vai embora, moço. O senhor nem me conhece, deixe de bobagem!

O homem avançou para a varandinha e começou a atacar a porta. Alice escancarou a janela e gritou por socorro.

— Socorro! Este homem está doido!

Uma vizinha cautelosa respondeu:

— Feche a janela e passe a chave na porta!

Agora o que havia do outro lado era uma multidão. Não tinha uma só janela que não abrigasse excesso de gente. Todos acompanhavam com um ar curioso e alarmado as proezas de seu João.

Estava sentindo pavor. Desde os dêdos dos pés até a cabeça havia um tumulto. Queria pegar um objeto, a mão não ia. Queria pensar com clareza e a cabeça estava escurecida. A garganta lhe dava a impressão de um cipó retorcido. Não engolia a saliva. Se o homem arrombasse a porta como havia arrombado o portão, estaria morta. Já não haveria espaço algum entre a faca rebrilhante e ela. Talvez ainda antepusesse as mãos. Se as mãos obedecessem. Talvez nem as mãos se esticassem.

Experimentou. Com grande esforço atingiu o braço da cadeira. Morta. Morta por um homem que ela não conhecia, que sem mais nem menos a escolhera. Se morasse no trezentos e dois estaria livre daquilo. Iria morrer apenas porque morava no trezentos e quatro, um muro adiante. O homem dava ponta-pés na porta.

— Abre, abre!

Era preciso reforçar a porta. Ergueu-se. Com uma energia com que nunca em sua vida contara arrastou o buffet e escorou a porta com êle. Ficou olhando a mão que se evermelhara e endurecera subitamente. Agora que estava de pé era só dar alguns passos e atingir o telefone. Chamar o marido ou a polícia? A polícia, a polícia com toda urgência! Por que não vinha, se já tinha sido avisada? Devia chamar imediatamente ou ir olhar se a porta começava já a bambear? Aquelas pancadas fortes deixavam-na desorientada. A polícia primeiro. Qual é o número? Aqui, aqui está. Bam! Bam! Bam!

— Abre miserável! Quero ver êsse sangue ainda hoje!

A cozinheira fôra faltar logo naquêle dia. Que diria o marido quando chegasse e a visse no chão, ensanguentada. Olhou estupidamente para o penhoar que estava usando e imaginou-se morta dentro dêle.

Antes tivesse vestido o outro côr de rosa, era mais vaporoso. Mas quem é que imagina que vai morrer numa manhã de segunda-feira depois de tomar café e com almoço marcado na cidade? Bam! Bam! Bam! Aqui está, polícia, polícia! A voz do marido respondeu tranquilamente do outro lado:

— Alô!

— E' você, meu amôr? Tem um homem aqui querendo me matar agora. Adeus!

— Que é isso? Como é?

— Um homem bebado, que eu não sei quem é.

— Você está assustada. Isso passa!

— Passa não. A porta está cedendo e êle está armado com uma faca.

O marido gritou do outro lado:

— Reforce a porta e apanhe o meu revólver na gaveta da escrivaninha! Eu vou já para aí!

Ficou com o fone na mão. Ligara errado, mas que importa? dissera tudo ao marido, dissera até adeus. Chamara-o de meu amôr e isso era tão importante agora. Mais serena tornou a procurar o número da polícia.

— Socorro, socorro, seu delegado. Não faz mal que não seja o delegado! Qualquer pessôa serve, desde que seja polícia. Tem um homem bebado arrombando a minha porta para me matar! Está armado, sim senhor. Estou sòzinha em casa. Por favor! por favor, depressa. Minha casa? E' em Botafogo.

O homem parecia não entender direito. Foi preciso repetir o endereço três vezes.

— Depressa, ah, depressa!

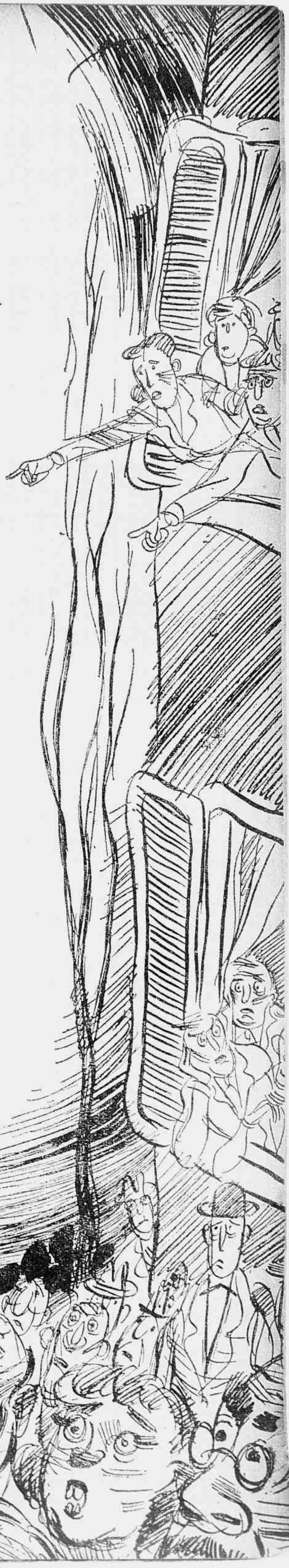
Precisava fazer alguma coisa, não podia ficar esperando ali, inerte, que a porta cedesse e o bebado entrasse. Casa medonha aquela, sem uma saída! Se tivesse um muro para pular! Mas nada. Era emendada numa outra, saída só pela frente. Subitamente escutou o trinco estalar. Ergueu-se e correu para a saleta de entrada. Começava a ceder sim. A fechadura tinha agora um pequeno bojo, que iria crescendo, até que num dando ponta-pé sairia fora. Era o fim.

Começou a chorar. Estupido, estupido. Como poderia acontecer uma coisa assim? Se soubesse que estava tão perto da morte teria sido mais carinhosa com Alberto. Teria passado o domingo revistan-

(Continua na pág. 47)

Conto de **LÚCIA BENEDETTI** ✶ Ilustração de **ORLANDO MATTOS**

(Especial para a **"REVISTA DA SEMANA"**)



A VIDA DE

(1883

Por HENRY THOMAS

e DANA LEE THOMAS

★

Benito Mussolini.

—NASCI", diz Mussolini em sua Autobiografia, "a 20 de julho de 1883, em Varano di Costa", distrito povoado pela memória de castelos e guerreiros medievais. A família Mussolini se fizera notar pela sua belicosa agressividade desde os dias de Giovanni Mussolini, em 1270. "Meu avô foi tenente da Guerda Nacional".

Filho de um ferreiro, o pequeno Benito era um camponesinho atarracado, vigoroso e irrequieto, muitíssimo dado a — para empregarmos sua curiosa fraseologia — fazer "amizades pelo combate" e "chegar a afeição por meio das balas".

Recebeu uma educação escolar comum e depois ficou, por algum tempo, ajudando o pai na ferraria. Mas os seus progenitores não se sentiam inclinados a fazer do menino um simples operário. Queriam dar-lhe uma profissão liberal. Mandaram-no, em consequência, para a escola normal duma vila chamada Forlimpopoli.

O jovem Mussolini não tinha todavia fome de cultura, segundo conta. Não foi, confessa-o, nem um bom estudante, nem um cavalheiro exemplar. "Eu era, creio, indisciplinado", escreve êle. A despeito disso, fazia de si mesmo uma idéia grandiosa. Não recebia ordens de ninguém. Deixava-se guiar por sua "altivez inata" — isto é, pela sua obstinada presunção.

Experimentou o ensino durante um ano, mas pareceu-lhe um modo de vida excessivamente pacífico para êle. Sofria do que denomina "azedume da alma", uma inveja impaciente, um ódio a todos os que conseguiam prosperar. Entregou-se à vagabundagem, à agitação, às desordens. Foi para a Suíça. Fez discursos políticos de tendência francamente revolucionária. As autoridades suíças, irritadas com a "intemperança das suas palavras", expulsaram-no do país.

Alistou-se no exército italiano, onde por algum tempo se sentiu feliz. Pois tinha uma "estima afetuosa" pela "vida errante e pugnaz". Terminado o serviço militar, tornou ao ensino. Mas novamente achou que a vida do erudito não convinha ao seu temperamento. Era por natureza, declara êle, "um pugilista político, um pregoeiro público da belicosa doutrina da violência". Uniu-se aos socialistas revolucionários e tornou-se um dos redatores do Avanti, órgão principal do partido. Seus editoriais eram "obras primas da arte de sublevar as turbas", ferozes e selvagens incitações à "vitória pelo sacrifício do sangue comum".

Quando rebentou a Grande Guerra de 1914, Mussolini viu nela a esperada ocasião para êsse sacrifício sangrento. Encontrára enfim algo condizente com a sua natureza. Abandonou o partido socialista e aderiu ao movimento favorável à entrada da Itália no conflito. Porque Mussolini era agressivamente nacionalista, e sentia que ali estava uma oportunidade para o engrandecimento italiano à custa dos vencidos.

Tinha o pressentimento de que a vencida seria a Alemanha. Por conseguinte, tornou-se violentamente anti-germânico, a-pesar-de se haver firmado poucos anos antes um pacto de aliança entre a Alemanha, a Austria e a Itália. A ruptura dêsse tratado, escreve Mussolini, foi "um dos primeiros atos corajosos" do govêrno italiano.

Destarte, já no princípio de sua carreira Mussolini revelou sua habilidade em dar saltos mortais no trapézio da política. Para citarmos a sua pitoresca expressão, "fiquei transformado nos meus pensamentos".

E, tendo-se transformado nos seus pensamentos, entrou a incitar os camaradas, tratando de insuflar-lhes o furor anti-germânico e pró-guerra. Filiou-se a um partido que mais tarde viria a ser conhecido pelo nome de fascista, "um grupo de moços que julgavam possível forçar a intervenção". O têrmo fascismo, é interessante notar, vem da antiga palavra latina fasces — um feixe de varas atadas ao redor do machado do verdugo, e usado como símbolo do poder do antigo govêrno romano. De acôrdo com esta definição de fasces, Mussolini chamava aos fascistas "feixes de amotinadores". Foi com a ajuda dêles que conseguiu reduzir ao silêncio a voz pacífica de Giovanni Giolitti. Fundou um jornar, o **Popolo d'Italia**, que foi até a sua que a do poder, o órgão de tôdas as batalhas" da sua vida política. Pelas colunas dêsse periódico ajudou a "afinar o espírito" do país por um diapasão marcial. A Itália entrou na guerra, e Mussolini sentiu-se por fim no seu elemento. Serviu nas trincheiras como cabo.

Para Mussolini sempre houvera algo de sublime na guerra. "Acima dos seus males inevitáveis", escreve, "a guerra traz um profundo veio poético à vida nacional". O que mais apreciava na guerra é a absoluta carência de princípios humanitários. Ficou pesaroso quando "a chama da guerra bruxoleou e se extinguiu", e o povo tornou às tranquilas ocupações da paz. Indignava-se com o "irritante sentimentalismo" dos seus compatriotas, que se apiedavam dos filhos dos inimigos. Deplorava a "decadência da fé" na brutalidade. Fazia-o passar noites em claro a melancólica idéia de que agora o seu país estava pronto para dar ouvido a palavras de paz e fraternidade entre as nações.

Não; a Itália tinha de ser a senhora suprema da Europa. E êle, Mussolini, tinha de ser senhor supremo da Itália.

Decidiu portanto, segundo relata, reunir "todos os antigos partidários da guerra" e organizá-los em Fascisti di Combattimento — "Feixes de Amotinadores".

II

A princípio só conseguiu arregimentar cinquenta e quatro "camaradas", recrutados em grande parte entre os recentemente desmobilizados arditi. Os arditi, escreveu Mussolini com inconsciente humorismo, eram as "valentes tropas de choque, armadas de granada e faca... Lançavam-se ao combate com bombas nas mãos, punhais entre os dentes, e um supremo desprêzo da morte, cantando os magníficos hinos da guerra". (Homens extraordinários, com efeito — capazes de cantar hinos de guerra enquanto seguravam punhais com os dentes!)

Colocando-se à testa dêsses fascistas, Mussolini começou a elaborar os planos para a destruição "do velho e decrépito estado, incapaz de desaparecer espontaneamente".

Antes de tudo, pôs-se a trovejar em seus artigos contra os elementos liberais da Itália. Nessa condenação geral de todos os "italianos tíbios" incluía a Igreja Católica. Pois a Igreja era excessivamente amiga da paz. Sustentava êle que todos os adversários da guerra eram inimigos de Mussolini. E todos os inimigos de Mussolini deviam ser esmagados.

Procurou esmagar seus inimigos pela "lógica da palavra". Mas fracassou. Nas eleições de novembro de 1919 os fascistas sofreram tremenda derrota. Recorreu então à lógica da espada — ou, segundo a sua expressão, "à voz do revolver". Tivera nesse momento, declarava uma grande "revelação", que consistia em substância no seguinte: A época do voto passou. Chegou a época da bala. Ou, para empregarmos as suas próprias palavras brutais: "Era inútil tentar abrir caminho com belas palavras e sermões pronunciados em cômodas cadeiras. Fazia-se necessário reconhecer a tempo, e de bom grado, o valor das violência cavalheiresca".

Violência cavalheiresca. Assassínio humanitário. Os ditadores servem-se dum curioso vocabulário para expressar suas estranhas aberrações mentais.

III

O número de fascistas aumentára. O ódio atrái tôda sorte de espíritos irriquietos. O odio, e o amor à peleja. Quase tôdas as cidades italianas se transformaram em campos de batalha. As ruas ressoavam com os gritos dos arruaceiros — "a poesia da guerra", como dizia Mussolini. Seu desvanecimento crescia com o aumento de poder. "Eu dirigia o partido fascista com mão firme... A Itália já não menosprezava o papel que eu devia desempenhar". Organizava os fascistas, não em partido, mas sim em exército. Dava-lhes ordem de reprimir tôda oposição com punho de ferro. "Algumas pessoas foram mortas", escreveu. "Pior para elas".

E, quase ao mesmo tempo, Mussolini declara que "sua concepção do mundo sempre foi altruísta". E' um fenômeno psicológico interessante, êsse ponto cego do espírito, que leva os facínoras a se imaginarem como salvadores. Ele sustenta a que não se lançou à luta com o fito na glória pessoal. Afirmava-o reiteradamente, com a obstinação duma criança que, com a cara tôda lambuzada, teima em negar que esteve a comer geléia. Entretanto, em certo trecho da sua Autobiografia, Mussolini descuida-se e admite" com cândida franqueza e tranquila brutalidade que o que pretendia era "a conquista do poder".

Foi no outono de 1922 que êle desfechou o golpe fulminante para conquistar o poder. Êste golpe, a célebre Marcha sôbre Roma, foi tão selvagem quanto aparatoso. O povo foi colhido de surpresa e, intimidado, submeteu-se. Seus representantes pediram-lhe que desistisse duma "guerra civil violenta grave e reprovável". Mas Mussolini não era homem que renunciasse à guerra. "A hora não era própria para sentimentalismos", fanfarronava êle. Naquele momento de "divino triunfo", estava disposto a desafiar o mundo inteiro.

Mussolini, quando, na fáse da propaganda, hipocritamente se fazia passar como um bom chefe de família.

BENITO MUSSOLINI

1945)

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

★

Desde êsse instante, Mussolini já não falava como um ferreiro italiano, e sim como o Senhor Deus Jeová. O resto da sua narração se converte num Gênesis de auto-adulação, pontuado, com nauseante frequência, pelo pronome "eu". Aludia ao seu poder de matar a todo o mundo e gabava-se de sua clemência por só ter dado cabo de um pequeno número de pessoas. A 16 de novembro de 1922 fez um discurso na Câmara dos Deputados. "Eu poderia ter transformado esta sala num bivaque de cadáveres... Mas decidi — ao menos por enquanto — não o fazer".

Mas, se não matou a todos, reduziu-os à escravidão. Esmagou o partido católico por ser um "partido da paz", e a sociedade maçônica por ser uma organização "de auxílio mútuo". Reprimiu tôda e qualquer manifestação de liberdade. Publicou um manifesto de subordinação absoluta — a subordinação de todos ao seu desejo pessoal. Êle, e só êle, sabia o que mais convinha a cada homem, mulher ou criança da Itália — e do mundo. De então em diante, Mussolini já não era um sêr limitado. Era uma vontade infinita — a vontade do universo. "E'-me necessario", escreveu "abandonar o estilo autobiográfico usual". E, declarava, a sua vida pessoal "abarca... tudo".

Se olhando-lhe por cima do ombro, procuramos examinar o seu auto-retrato desde êsse momento, veremos um bandido envolto num halo de glória. O mundo, disse êle, é a Itália; a Itália é o Fascismo; e o Fascismo é Mussolini. "Há uma nova hierarquia... No ápice está o chefe (Il Duce), e o chefe é Um".

Simultaneamente com esta afirmação de supremo poder e supremo egotismo, aboliu o sufrágio. "Pode-se considerar uma eleição como um brinquedo de criança", disse. Não mais permitiria que o povo "perdesse tempo com aquela farça estúpida".

O povo inteiro submeteu-se. Houve, porém, um homem que teve a coragem de levantar-se contra o ditador. Foi Matteotti, "um impostor insolente", escreveu Mussolini, "um opositor tenaz e irritante". Em suma, um criminoso aos olhos dos fascistas. Por que? Porque "odiava a guerra".

Matteotti foi morto. Os assassinos, dois membros do partido fascista, foram submetidos a processo e, tendo-se provado a sua culpa, foram condenados — e postos em liberdade por ordem de Mussolini. Quando os cidadãos, indignados, se afoitaram a acusar o ditador de cumplicidade no crime, Mussolini não admitiu nem contestou a imputação. Enfrentou-a cinicamente, esbravejando contra o "jôgo ignóbil" da "afrontosa oposição" que ousara "perturbar a austera serenidade que eu me impús a mim mesmo". Como o povo — que êle denominava "os falsos intelectuais, os covardes imbecis, os vadios imundos, o populacho e os parasitas" — persistisse em acusá-lo, mandou os fascistas desfilarem pelas ruas, armados até os dentes, enquanto êle dirigia um discurso à multidão. "A Itália necessita de calma... Nós a daremos com amor, se fôr possivel... Mas se quereis que eu solte os fascistas, então..."

O povo silenciou, amedrontado. "E assim", diz Mussolini, resumindo a sua atuação no caso Matteotti, "cumpri a minha tarefa e o meu dever de homem justo".

IV

"O fascismo recobrava a sua alma militarista", declarava Mussolini. A ética da guerra, em tempo de paz. Roubo, banditismo e assassinio, empregados contra um povo desarmado e indefeso. A brutalidade glorificada e feita religião. Tudo quanto se empreendia na Itália era feito de acôrdo com a fantasia de Mussolini. Uma das suas expressões favoritas era esta: "Tal coisa teve inicio porque eu assim o resolvera". Outra das suas frases prediletas era: "Eu o ordenara". Não só suprimiu a liberdade de pensamento como procurou suprimir até a faculdade de pensar. Aboliu a educação universal. O "conceito democrático" de escolas para todos não lhe convinha, disse. Muitas pessoas, reconheceu êle, opuseram-se a essa "reforma" educacional. Mas, concluiu abruptamente, "a reforma foi levada a cabo com energia, sob a minha direção".

Uma juventude italiana que saiba pensar com inteligência é, para Mussolini, coisa perigosa. O ditador fascista quer criar guerreiros, e não pensadores. Substituiu, portanto, o sistema das escolas públicas pelo do adestramento militar do povo. Essa preparação militar dura quase desde o berço até o túmulo. Dos seis anos aos oito, todos os meninos do sexo masculino são inscritos entre os **Filhos da Lôba**; dos oito aos quatorze, vão para a secção dos **Balilas**; dos quatorze aos dezoito pertencem ao grupo de **Avanguardisti**; dos dezoito aos vinte e dois anos e meio, servem no exército; dos vinte e dois anos e meio aos trinta e dois, entram nos **Corpos Post-Militares**; e dos trinta e dois aos cinquenta e cinco fazem parte do **Serviço de Mobilização Obrigatória**. Mussolini sentia-se orgulhoso desta "nova" tendência da educação dos italianos escravizados para a destruição de seus companheiros de escravidão. "Para mostrar a importância da minha renovação educacional", escreveu êle, "pronunciei pessoalmente uma conferência a êsse respeito na universidade de Perúsia". E então acrescentava ingenuamente: "êsse novo sistema de educação foi considerado pelos sábios fascistas como uma ampliação do nosso dever moderno para com a mocidade".

V

E' essa, pois, a descrição que Mussolini fez de si mesmo. Tinha-se na conta de um segundo César. Como César, estava convencido de que só êle era capaz de libertar a Itália — escravizando-a. Também como César, era dominado por um exibicionismo infantil e algo cômico. Gostava de ostentar em tôdas as ocasiões a sua divina figura de barrica, o seu corpo curto e acachapado, de pernas tortas. Era um grande diretor de espetáculos. Encantavam-no as paradas militares. À imitação do antigo conquistador romano, gostava de gabar-se das suas proezas. César tinha um amor imoderado ao pronome pessoal. Eu vim, eu vi, eu venci". Assim era Mussolini. "Eu peso os destinos da Itália, eu os propulsiono, eu os guio".

Mussolini procurava, conscientemente e (como demonstrou a história) insensatamente, tornar-se um segundo César. Parecia ter esquecido o desgraçado fim do conquistador romano.

Por um breve período, na verdade, Mussolini deu a impressão de haver aprendido a lição de história, segundo a qual os excessivamente ambiciosos quase nunca terminam bem. Êsse período de relativa sanidade mental, pelo menos nos atos exteriores, começou em 1929. Mussolini havia consolidado pelo terror o seu regime despótico. Havia publicado uma autobiografia que, segundo esperava, ia engrandecê-lo até às proporções colossais do retrato que pintara. A nação estava reduzida a uma submissão servil. Podia agora o ditador repousar na sua "austera serenidade".

E, realmente, êle se conteve dentro de certos limites durante cinco anos. Começara a sua ditadura cheio de atitudes desafiadoras. Os primeiros discursos que pronunciara estavam eriçados de fúrias. Declarava-se "pronto para a guerra" contra todos, "negros, amarelos e, se necessário, louros". Mas quando um mundo unido manifestou a sua indignação ante essa atitude, o entusiásmo de Mussolini arrefeceu. O Duce moderou sua linguagem e dedicou-se à direção dos assuntos internos do país. Procurou reorganizar as relações entre capital e trabalho sôbre uma nova base — uma base que eliminaria a luta e conservaria o leão e o cordeiro satisfeitos lado a lado. Em primeiro lugar, aboliu o direito de greve. Em segundo, prometeu criar o Estado Corporativo. Cada indústria, de acôrdo com êsse plano, se transformaria numa corporação, e cada corporação seria dirigida por um conselho misto, eleito pelos operários e pelos empregadores para representar os interesses de ambas as partes. Até agora o estado corporativo continúa sendo pouco mais que um simples projeto. Praticamente, não se deu nenhum passo para a sua execução. Ainda que fôsse convertido em realidade, não resolveria a situação do trabalhador. Manteria o leão e o cordeiro em paz, certamente, mas o cordeiro estaria dentro do leão. Enquanto isso, os trabalhadores não podiam declarar-se em greve, tiveram o salário diminuido, e muitos tinham sido mantidos penas um gráu acima do nivel da penúria.

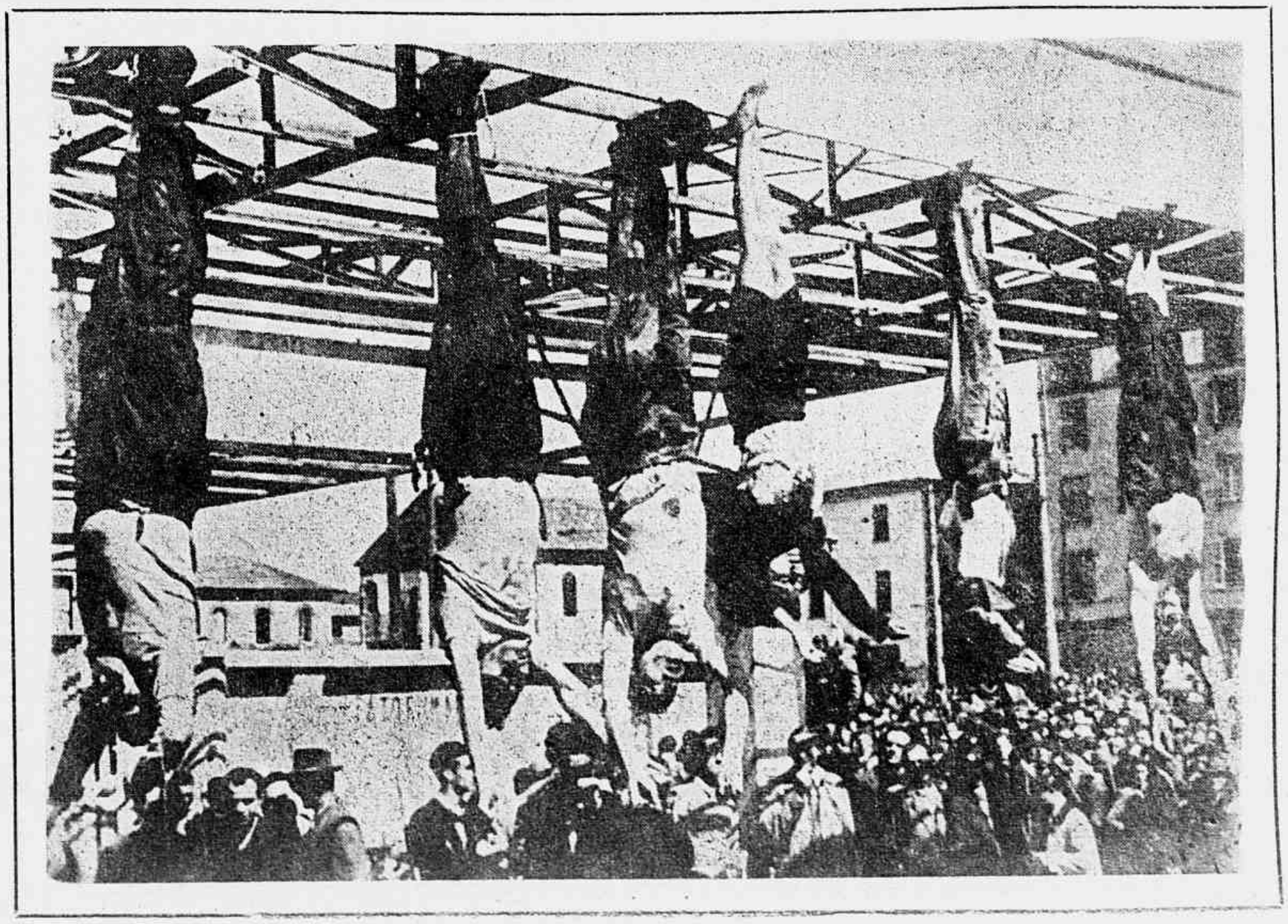
Todavia, a temporária preocupação de Mussolini com as condições do capital e do trabalho na Itália produziu ao menos um bom resultado. Impediu-o por algum tempo de se dedicar ao banditismo internacional. Durante meia dúzia de anos êle usou um manto pacifista, com que conseguiu, até certo ponto, disfarçar o vulto da armadura militar que levava debaixo.

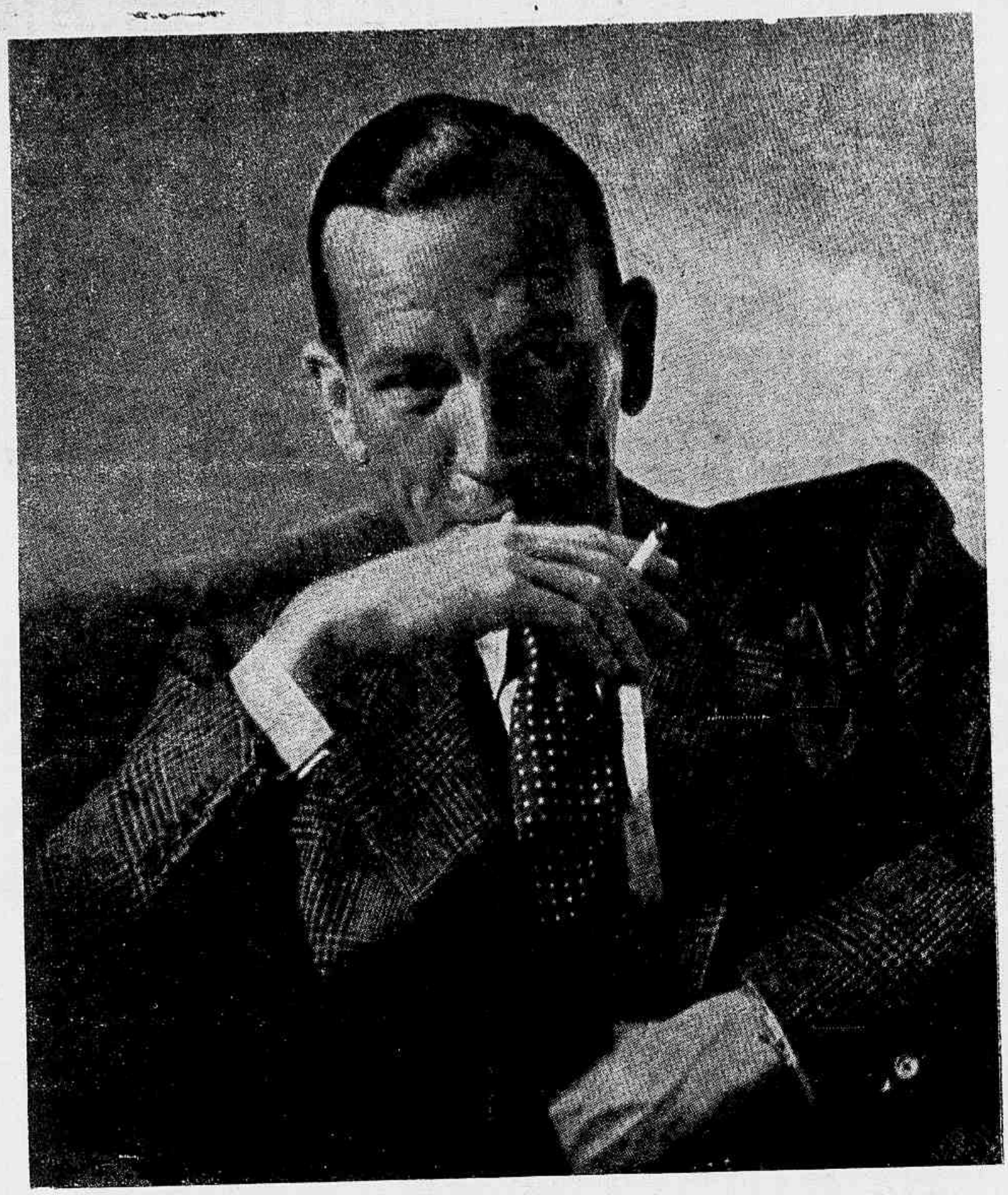
Veio então o triunfo dos nazistas na Aelmanha (1933), e o ar de novo se encheu de gritos de guerra. Mussolini mais uma vez se deixou contagiar. Sentia que, devido ao máu êxito das suas reformas sociais pouco entusiásticas, o

(Cont. na pág. 50)

Um dos últimos retratos de Mussolini.

O corpo de Mussolini, o de sua amante e seus companheiros de fuga, expostos à execração pública em uma das praças de Milão.





Noel Coward, o notável dramaturgo inglês, que vem de escrever e representar "Peace in our time", peça que pode figurar ao lado de "Cavalcade".

UMA GRANDE FIGURA DO CINEMA E DO TEATRO INGLÊS

AS ULTIMAS PRODUÇÕES DE NOEL COWARD

De **JORGE MAIA**
(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA")

NO momento atual do Teatro inglês, quatro nomes, sobretudo, disputam permanentemente o cartaz, monopolizando, senão a simpatia do público, pelo menos a dos empresários, que aceitam suas peças sem discussão, certos de que o seu capital não será perdido; Noel Coward, J. B. Priestley, Emlyn Williams e Ivor Novello. Este último, sem exagêro, pode ser considerado o "rei do teatro musicado", autor de dezenas de operetas, ocupando, permanentemente, dois ou três teatros de West End com as suas produções, onde, sempre, aparece pessoalmente, fazendo vibrar a platéia, de que é um dos ídolos. Ivor Novello, cujos primeiros sucessos datam de logo após a paz de Versalhes, ainda hoje, é um dos grandes nomes londrinos, daqueles cuja glória não sofre nenhuma diminuição ou restrição à proporção que os anos passam. Emlyn Williams, considerado, por algum tempo, o "Orson Welles inglês", tal a extraordinária revelação do seu talento, aparece, presentemente, em "Trespass", de sua autoria, ao lado da grande atriz Françoise Rosay. A peça não conseguiu, porém, grande sucesso, mas Williams, para substituí-la, já deve ter outra, em seu numeroso e variado repertório. J. B. Priestley ocupa dois teatros com suas produções, e escreve sem cessar, embora ocupe atualmente, um cargo de grande importância na U.N.E.S.C.O. Resta-nos essa figura original e brilhante, que se chama Noel Coward, hoje, sem dúvida, no primeiro plano dos teatrólogos da atualidade.

No ano passado, Noel Coward apresentou um filme, "Desencanto" (Brief encounter), que alcançou grande êxito, não apenas na Inglaterra, mas também na França, onde o público é geralmente exigente, sobretudo, quando não se trata de produção nacional. A sua história é uma sucessão de fatos que diàriamente ocorrem na vida de cada um de nós. Tudo pode ser, si quisermos resumi-la de maneira direta e brutal, na luta íntima de uma mulher casada que se apaixona por um outro homem. Assunto, como se vê, mais do que explorado, tanto no cinema como no teatro, do qual, aparentemente, nada mais poderia ser tirado. Tôda uma literatura e uma arte foram criadas quase exclusivamente à margem ou à serviço dêsse têma, do qual, ainda assim, Noel Coward soube extrair alguma coisa nova, dando-lhe um "toque" diferente, modificando tudo aquilo que, no gênero, anteriormente haviamos visto, apresentando, com um realismo discreto, mas intenso, o drama íntimo daquela mulher. O assunto agradou, plenamente, ao público feminino, transformando-se, consequentemente, num legítimo sucesso de bilheteria, mais uma glória para a sua importante carreira artística e literária.

No teatro, nesse meio tempo, êle apresentava "Present laughter", uma comédia que, há vários meses, se mantém no cartaz, com êxito sempre crescente. E, no entanto, que dizer dessa peça? Apenas que ela é "100% Noel Coward", ou seja, a produção de um homem que conhece profundamente o "metier", que "sabe fazer teatro". A história é vazia, o argumento inexistente, mas na realidade, a peça agrada, embora seja contrária a tôdas as regras da "carpintaria teatral", a tudo aquilo que, através de gerações, nos vêm ensinando, como modêlo de peças.

A sua história? Um famoso ator de teatro, como a maioria deles, na Inglaterra, além de ator, autor e empresário, que se mete em complicações sentimentais. Complicações, aliás, decorrentes apenas do interesse que tôdas as mulheres sentem pela sua solidão, pois êle vive só. O resultado é que cada uma resolve lhe fazer companhia, tomar conta da casa, etc.

Naturalmente, uma delas é casada com um amigo; outra, comprometida com outro amigo; há uma menina ingênua, cuja mãe, evidentemente, pensa em casamento; há a primeira esposa do herói, mas tudo isso é inteiramente desconexo, com situações de "vaudeville" clássicas, ou seja: personagens escondidas no banheiro ou no quarto ao lado; maridos, que vão abrir as portas proibidas, etc. Mas, no fim, feito o balanço, verifica-se que a peça tem espírito e está feita com aquele brilhantismo e "humour" característico das produções de Coward, o que, por si só, constituem garantia de justo e merecido sucesso.

Não há, porém, nessa peça, uma sequência normal dos acontecimentos, mesmo porque, os próprios acontecimentos são, pràticamente, inexistentes. E' o tipo da peça puramente dialogada, em que a ação, na realidade, não existe, pois não se pode qualificar de "ação" a entrada de personagens, cuja presença na casa é apenas pretexto para frases de espírito e bôas gargalhadas do público. A peça agrada, porém, integralmente, desafiando, assim, com o seu êxito, os que defendem as linhas clássicas, as quais ela tão profundamente desrespeita.

No "Lyric", em Shaftsbury Avenue, êle nos apresenta, oprém, uma peça séria — "Peace in our time", recentemente estreiada e cuja carreira também prossegue brilhantemente, demonstrando a simpatia do público pelo seu autor predileto. "Peace in our time" passa-se toda num "pub", um desses bares de Londres, num bairro distante, onde os frequentadores se conhecem e trocam entre si, confidências e simpatias. Um cartaz, ao lado do palco, nos adverte que o seu primeiro quadro se desenrola em Dezembro de 1940. Estamos, por conseguinte, nos primeiros tempos da guerra e, aquela população, ali presente, conversa assuntos vagos e sem maior interesse, quando o rádio, subitamente, anuncia as "últimas".

Tôdas as atenções se voltam para o receptor, colocado na parede, onde o locutor, após as notícias, lembra que, no dia seguinte, deveria se realizar a grande parada militar, começando em Hyde Park Corner, descendo Picadilly, fazendo a volta por Trafalgar Square, Pall Mall, chegando a Buckingham Palace. E termina dizendo:

— O "Fuherer" assistirá pessoalmente às manobras, acompanhado do Marechal Goering e do Dr. Goebbels...

Tem então lugar, pràticamente, a peça que gira em tôrno do "se a Alemanha tivesse vencido a batalha da Inglaterra?... E esse tema excelente, a ocupação da Ilha pelos alemães, é um assunto magnífico, apresentado com rara felicidade pelo autor, que, através das personagens, faz sentir as diversas reações dos ingleses, reações não muito diferentes daquelas expressas pelas nações ocupadas. E, segundo penso, êsse é um dos méritos principais da peça: ajudar a população inglesa a compreender o valor exato dos movimentos de resistência, o perigo das traições, a fraqueza do elemento humano face a seus interesses ou à "necessidade de viver".

E' certo que o têma "Ocupação e Resistência" foi muito explorado na Europa, sobretudo, na França. E, depois de "Les nuits de la colère", de Salacrou, e "Les morts sans sepulture", de Sartre, dificilmente ainda se poderia conceber ou imaginar alguma coisa de novo. "Peace in our time", indiscutivelmente, é muito inferior a ambas, pois, em geral, no teatro inglês, o seu autor receia, sempre, descer as profundezas do drama humano, preferindo restringir-se às aparências, temendo, inexplicavelmente, criar conflitos e problemas ao espírito da platéia. O resultado é que a peça se transforma numa espécie de reportagem, com vinte e muitos personagens em cena, cada qual reagindo de maneira diferente, mas nenhum deles trazendo a furo seu próprio drama íntimo, sua reação definitiva diante da situação. A peça termina, como é natural, com a liberação da Inglaterra pelas forças americanas, francesas e inglesas livres, cenas de fuzilaria, etc., mais realistas pelo barulho e "mise-en-scène" que pelo seu próprio aspecto psicológico e cerebral. E', contudo, uma tentativa de resposta àqueles que o julgam incapaz de assuntos sérios e, como tal, deve ser catalogada, na já não pequena bagagem do autor de "Cavalcade".

Esta é uma cena de "Desencanto" (Brief Encounter), notável filme inglês, extraído de uma peça curta de Noel Coward e adaptado por êle próprio.

ERICSSON Martha surgiu em "Papel Carbono", quando êste programa era irradiado pela PRA-3. Propondo-se a imitar Francisco Alves, o então aluno do Colégio Pedro II teve de mudar de idéia, pois sua voz assemelhava-se à de Silvio Caldas. Aliás, foi com uma valsa do repertório dêste, que conseguiu ingressar no rádio carioca, vindo a assinar contrato de exclusividade com a Rádio Club do Brasil. Bem jovem, com uma dicção perfeita e não menos apreciável interpretação, foi-lhe fácil vencer no "broadcasting", chegando a ser um dos principais artistas do "cats" da PRA-3. Dessa estação transferiu-se para a PRE-3, cantando em programas de sentido popular, inclusive em "Chá das Três", de Luís de Carvalho. Com o ingresso de Renato Murce, na PRE-8, Ericsson Martha para ali se transferiu, constituindo número de agrado nos diversos programas da Rádio Nacional. Cantou em "Um milhão de melodias", atuou no "Luís Vassalo", teve seu quarto de hora exclusivo, apareceu nas "Asas de um Clipper", tomou parte em "Romance Musical" e cantou em "Alma do Sertão". Êste ano, o cantor que Renato Murce revelou através de "Papel Carbono", retornou ao "cast" da Rádio Club do Brasil. Sua atuação no "broadcasting" nacional jàmais o impediu de prosseguir nos estudos, achando-se, êle, no momento, na Escola Politécnica, uma vez que deseja ser engenheiro. Ericsson Martha é fan de Silvio Caldas e de Francisco Alves. Pratica vários esportes, entre êsses, o remo, a natação, o "foot-ball" e o "ping pong". Fala diversos idiomas, lê obras especializadas de engenharia, aprecia o cinema, sendo fan de Ingrid Bergman, Bette Davis e Carmen Miranda. Quanto ao amor, bem...

A valsa, a canção e o "fox" são os gêneros preferidos de Jacy Menezes Horta, essa apreciável cantora da PRE-3. Bôa voz, pronúncia clara e bastante sentimento, eis as qualidades de que dispõe a jovem artista que nasceu na cidade de Aracajú, Sergipe, a vinte e dois de agosto de 1926. Aos dezesseis anos de idade ingressou no "cast" da Rádio Nacional, cantando umas bonitas valsas e interpretando agradáveis "foxes". Mais tarde, levada por interesses financeiro e artístico se transferiu para a Mayrink Veiga. Na PRA-9, surgiu-lhe a "chance" para ingressar no cassino, uma vez que o Icaraí lhe acenava com vantajosa proposta. Dessa "boite" passou para o Atlântico, onde trabalhou durante muito tempo. Excursionou pelo Pará, cantando no cassino Marajó; em Recife, trabalhou na Rádio Club de Pernambuco, além de participar de diversos espetáculos no Teatro Santa Isabel; na Bahia, exibiu-se no Instituto de Música, atuou na emissora local e trabalhou no teatro; o mesmo aconteceu na Paraíba; em Belo Horizonte, cantou na Inconfidência, ao passo que em São Paulo participou dos "shows" do O. K., enquanto que em Curitiba esteve no Ahu. Jacy Menezes, embora com a carreira artística assegurada, nem por isso abandonou os estudos de canto, aprimorando cada vez mais a voz. Confiando na arte, seu maior desejo é agradar a quantos a escutam, pois considera os "fans", como o maior incentivo para o artista. No momento, integra o "cast" da Rádio Globo, animando as audições de "Parque de Diversões", irradiado às sextas-feiras, às 21,35 e "Rhapsódia Carioca", posto em onda aos domingos, a partir das 10 horas e na qual colaboram Luís de Carvalho, Raul Brunini e Jorge Murad.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a **REVISTA DA SEMANA** Por ARMANDO MIGUEIS

ATILA Nunes iniciou sua vida radiofônica em 1932, comandando um programa particular ao microfone da Rádio Educadora. Isto, depois de "mambembar" pelos teatros de amadores, bancando o cenógrafo, o ponto, o ensaiador e até mesmo o "Tio Gaspar" da opereta "Sinos de Corneville". Em 1934, convidado por Gomes Filho, estreiou na Rádio Club Fluminense, lançando o segundo programa de calouros do Brasil, além de "O que vai pelo mundo", "Panorama das Letras", "Um programa para você" e outros mais. Quatro anos depois retornou ao microfone da PRB-7, criando, entre outros, o "Teatro de amadores", onde surgiram Maria do Carmo, Amélia Ferreira, Paulo Moreno, Alvaro Aguiar e Borelli Filho. Escreveu, por essa época, diversas peças para o "Grande Teatro Tupi", além de "sketchs", cortinas e histórias ligeiras. Idealizou e apresentou inúmeros "broadcasts" populares, inclusive o "Programa para você", hoje difundido no Brasil inteiro. Como novelista, produziu três histórias seriadas. Dentro do rádio foi locutor, redator, diretor de rádio-teatro, cômico, animador, sonoplasta, discotecário e até mesmo contra-regra. Com a saída de Anselmo Domingos, foi promovido a diretor artístico da Rádio Tamôio, posto em que se vem conduzindo a contento, embora só conte com gravações para os programas da PRB-7. Assim, mesmo, lançou "Momentos Sinfônicos", "Programa Italiano" e "Hora Sertaneja". Espírito irrequieto e empreendedor, Atila Nunes é um veterano da radiofonia carioca que possúi apreciável "dossier". Cabe-lhe a glória de ter lançado ao microfone, figuras como Wahita Brasil e Welington Botelho, dois artistas consagrados pela crítica e pelo público.

O acaso foi o causador de William Mendonça se tornar "speaker". Nascido na próspera cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, êle veio a travar conhecimento com o microfone por intermédio de seu mano, o Geraldo Mendonça. Êste, colocando-o como escriturário da Rádio Record, abriu-lhe a idéia para tentar o "broadcasting". Hoje, com brilhante atuação em emissoras de primeira linha, como a Tupi, a Globo e a própria Record, ele se considera a vontade para falar aos que possuem um aparelho receptor, sem sentir qualquer nervosismo. William Mendonça é um locutor sóbrio, conduzindo a contento programações inteiras, sem cansar o ouvinte. Tem vinte e quatro anos de idade, pois nasceu a trinta de agosto de 1923. Na PRB-9, trabalhou ao lado de Manuel Durães, Octavio Cabus Mendes e Lolita Rios, participando dos espetáculos de rádio teatro e vivendo difíceis personagens. Sua vocação para o microfone levou-o ao não prosseguimento nos estudos superiores, ficando mesmo no preparo ginasial. Na Rádio Tupi comandou, de preferência, os programas diurnos, participando de canções com "Sequências G-3", jornais falados e músicas em gravações. Na Globo, porém, seu concurso está sendo aproveitado em "broadcasts" variados. Fóra do microfone, William Mendonça, dedica-se à leitura, aos esportes e às fans, a quem êle muito preza por serem o incentivo de sua carreira artística. E' apreciador da música popular, não despreza os bons espetáculos teatrais nem perde a exibição de um bom filme. E' fan das aventuras de Brucutú e gosta do "Fantasma Voador".

o Poncho do Manoel

— «O meu poncho!» — e Manoel suspirou olhando para uns pedaços de lã clara com tiras azúis que terminavam bruscamente entre manchas negras de queimado.

— «O meu poncho!» — pensou êle com a tristeza enchendo seus olhos escuros. Suas mãos fortes e ásperas alisavam com carinho os pedaços do poncho queimado, como se com aquele gesto êle estivesse a pedir perdão ao poncho pelo que fizera.

....

— «Qual! Poncho como o do Manoel ainda estou por ver! Nem aquêles estancieiros ricos do Uruguai têm um poncho bonito como êsse, e se tivessem garanto que não iam saber andar com êle com tôda essa arrogância do Manoel!»

E o pessoal falava, elogiava e invejava o poncho novo do Manoel, com três listas azúis de cada lado e uma franja bonita ao redor. Não havia ninguém, nem os estancieiros e nem o próprio patrão do Manoel que era um homem rico, que tivesse um poncho igual. Manoel sabia disso e estimava aquêle poncho como a gente estima um cavalo. Naquêle poncho estava um pouco de sua vida e quando êle o vestia era com todo o cuidado, como se tivesse medo de rompê-lo e dêsse modo desfazer todas aquelas recordações da melhor parte de sua vida. O poncho só era usado para as carreiras ou então para ir aos bailes da redondeza. Para ir ali á venda, nos domingos, para tomar qualquer trago de «canha», êle ia com o poncho velho que fôra de seu pai. E ainda por cima, para aumentar o desespêro dos invejosos, tinha um baú limpinho e novo, comprado de um mascate, coisa que nenhum peão tinha, onde êle guardava o poncho quando chegava dos passeios, com o mesmo zêlo com que se guarda uma relíquia.

Ninguém sabia onde é que êle havia conseguido aquêle poncho e, se alguém perguntava, Manoel respondia:

— «Por aí...» — e estendia o braço abrangendo um pedaço do pampa que ia dali até lá, onde aquelas coxilhas azuladas se misturam com as nuvens.

Uns riam, quando recebiam a resposta, outros ficavam brabos.

— «Mas o que é que êle pensa, êsse convencido, prá me dá uma resposta dessas? Que eu quero comprá um igual prá mim? Se é prá ficá depois, todo dengoso, todo pachola e convencido como êle, então Deus me livre! Prefiro morrê sem poncho!»

— «Ora, deixe o homem! Se é a única coisa boa que êle tem! Depois de ter sido rico a mais não poder, depois de ser filho único de um estancieiro que nem sabia direito quantas cabeças de gado e quantas quadras de campo êle tinha, ficou pobre, virou peão «mensual», e anda por aí, trabalhando um pouco e se divertindo outro pouco. E' homem bom. Só essa mania do poncho é que é meio gozada. No mais, todo êle é um homem ás direitas. E o que é mais, nunca foi convencido como o senhor tá pensando! Isso é do jeito dêle!»

— «Mas dizer que o poncho êle conseguiu **por aí...** como coisa que poncho brotasse nas macegas, isso é coisa de louco ou de sem-vergonha! Se êle é louco eu desculpo; agora... se é sem-vergonha, eu descasco o facão e lhe tiro as baldas e a sem-vergonhice em dois tempos!

Manoel ouviu a conversa e veio se chegando. Bem de propósito, parou em frente do Santiago.

— Ouvi o senhor falá em louco e sem-vevrgonha... Tá contando pro capataz a sua vida, é?

A peonada largou uma risada e o Santiago avermelhou. Botou logo a mão nas costas e puchou o facão.

Ôiga-le, desaforado! — e dizendo isso estendeu o braço. Se não fosse o Manoel ter dado um pulo para trás já estava com um bom talho no corpo.

O pessoal do galpão não teve tempo nem de respirar, que o Santiago já estava no chão, desarmado, e o Manoel com um pé em cima de seu peito.

— Então? Eu nunca fui louco. Pode ser que seja sem-vergonha, e daí? Descasque o facão agora, seu conversador!

Santiago estava mudo, mas nos seus olhos inquietos e desconfiados havia um brilho de ódio.

— Te levanta, preguiçoso! Tu tá é precisando de muito rebenque!

E Manoel se afastou depois de ter atirado para Santiago o seu facão de cabo de chifre.

Não foi essa a primeira briga por causa do poncho do Manoel. Nem a primeira e nem a última. E todas eram pela resposta que o Manoel dava: — «Por aí»... — e ninguém podia imaginar que êle estava falando a verdade. Fôra mesmo para os lados de Rosário que êle achára o poncho, misturado com as macégas, bem enroladinho como se tivessem arrumado para servir de travesseiro nalguma sesteada. Desde êsse dia em que êle achou o poncho, andou pelos bolichos, pelas estâncias, dando jeito de ver se achava o dono mas nunca conseguiu nada. Depois de um ano é que se resolveu a usá-lo. E sempre lhe deu muita sorte, êle mesmo conta.

— «Eu estava com o meu poncho no braço quando me fizeram uma espera no Passo do Cemitério. Foi uma espera assim, bem de pertinho. Me deram o tiro quase na cara e não sei como é que eu consegui escapar! Até hoje não me explico isso! Decerto foi o poncho que deu sorte!»

Conto de **THEREZA DE ALMEIDA** ★ Ilustração de **ARMANDO PACHECO**

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE

DA "REVISTA DA SEMANA"

Outra vez foi na chegada de um baile, quando houve um tiroteio por causa de uma moça.

— «Quando dei pela coisa eu tava no meio e o Joca dando tiro daquêle lado e o Bento do lado de cá. Não sei como é que não me furaram todo! O cavalo, de tão assustado que ficou, não ia nem prá diante nem prá trás! O Joca e o Bento, que eram muito meus amigos, pararam de brigá com medo de me metê alguma bala. Também foi coisa do poncho, que eu andava com êle. Ah! Êsse poncho tem me tirado de cada uma que eu chego a pensar se êle não tem algum mistério!»

Mas lá, bem no intimo, sem dizer para ninguém que o pessoal podia rir dêle, Manoel sabia que havia um mistério naquêle poncho. — «Um poncho novo, bonito, não é coisa que alguém deixe na estrada, porque, sim, no mais. Está bem que a gente dê ou bote fora os trapos que não têm serventia, mas um poncho novo!...» E Manoel ficava pensando.

O poncho não só lhe trouxera sorte no que se referia á salvar-lhe a vida, mas também nos bailes, na roda das moças, nas festas, nas carreiras. Mal êle chegava com seu poncho quase branco e com listas azuis, o pessoal já começava a falar. As moças diziam:

— «Dizem que o Manoel chegou! Veio de poncho novo! Tomára que êle me olhe!»

Os homens diziam:

— Tipo convencido!

— Parece uma mulher de tão faceiro com êsse diabo de poncho que ninguém sabe de onde êle tirou! Garanto que foi roubado!

O vendeiro veio em defesa de Manoel.

— Seu, não diga isso que Deus pode le castigá! Só não conhecendo direito o Manoel é que o senhor pode dizer que êle roubou qualquer coisa! Eu, que conheço êle dêsde guri e que sei a história do poncho, posso le dizê o quanto êle é direito! Imagine que andou mais de ano com aquêle poncho embrulhado dentro da mala de garupa, prá lá e prá cá nessas estradas, chegando de casa em casa, de rancho em rancho, prá ver se achava o dono do poncho. Só depois que êle cansou é que resolveu usar o poncho, mas êle mesmo me diz sempre que se um dia aparece o dono ali mesmo êle entrega, por isso é que êle guarda com tanto cuidado e não empresta para ninguém. Manoel não é homem para se sujar por causa de um poncho. Se êle não tivesse, comprava. Se le faltasse dinheiro, passava frio mas não roubava poncho de ninguém, fique o senhor sabendo!»

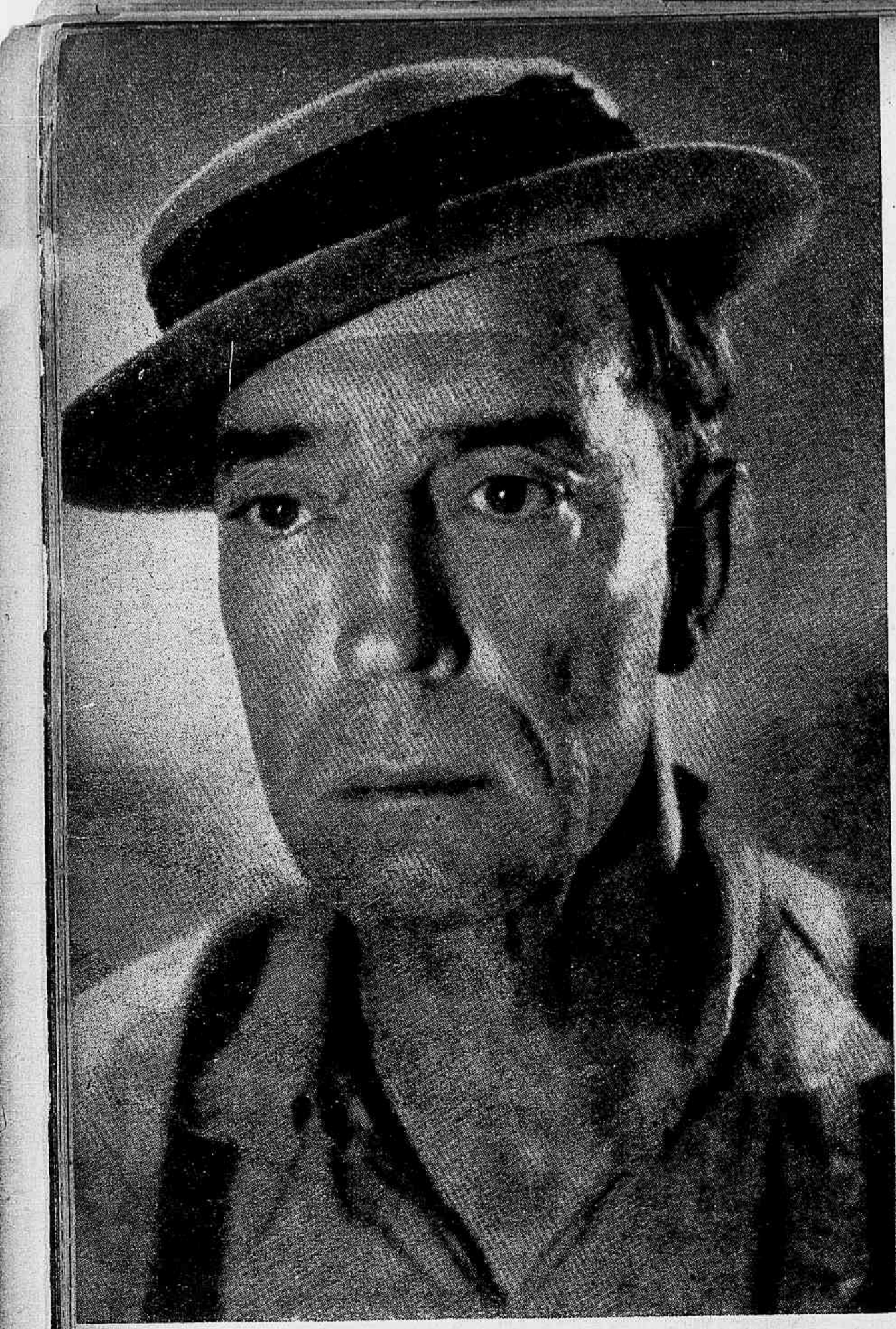
E o dono da venda onde havia carreira, levantou do banco e entrou em casa para se misturar na conversa com o pessoal que estava falando sôbre o estado dos parelheiros.

São poucas as moças solteiras que não gostam do Manoel. A Rosa, a Preta, a Linda, a Mariana, já se pegaram de unha por sua causa, mas Manoel não olha para nenhuma delas. Há outra mulher em sua vida, uma mulher que foi sua por pouco tempo. — «Deus não quis...» como dizia o Manoel.

Só quando êle e ela moravam no ranchinho é que o poncho não ia para a mala quando chegava a noite. Se a noite era fria, servia de cobertor, para êles, se não, servia de travesseiro, bem enroladinho como êle estava quando Manoel o encontrou no corredor. E' por causa da lembrança dessa mulher, que ninguém do rincão chegou a conhecer, que Manoel não namora ninguém. Vai aos bailes, dança, diz graça para as moças, mas isso de olhar, não! Seu coração está cheio do amor daquela mulher que morreu e nêle já não há lugar para nenhuma outra. Quase na hora de morrer ela dissera: — «Manoel... não deixa que nenhuma outra mulher se tape com teu poncho... nem que bote a cabeça em cima dêle. Êsse poncho tem o meu cheiro, Manoel, e eu não quero que ninguém tome conta do teu poncho como eu. Tu... tu pode me esquecer... isto é da vida... mas não dá o teu poncho para outra, êsse poncho que foi nosso!...»

Parece que essa voz macia, tão macia como era o poncho que cobria os dois nas noites de inverno, está novamente nos seus ouvidos, lembrando-lhe coisas. Por isso é

(Continua na pág. 50)



BUSTER KEATON

ACABOU NUM CIRCO!

O FAMOSO CARA DE PAU DO CINEMA MUDO DIVERTE AS MULTIDÕES PARISIENSES — PELA TERCEIRA VEZ EM PARIS EM TRINTA ANOS — O GRANDE CÔMICO DE OUTRORA, CONVIDADO PARA TRABALHAR NUM FILME FRANCÊS, CONSOLA-SE DAS INGRATIDÕES DE HOLLYWOOD — "O HOMEM QUE JÀMAIS RI" OU "O HOMEM QUE RI POR DENTRO", ACABOU RINDO!

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa)

Fotos de KATHLEEN GREY

PARIS — Setembro (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Eu vi Buster Keaton rir! Isto ocorreu há dias, no camarim de um circo local, onde o cômico de outrora, famoso no mundo inteiro como "o homem que jamais ri", foi engajado por um mês, para representar um fragmento de um dos seus filmes antigos, os quais o tornaram um dos maiores cômicos do cinema mudo.

Quem forçou êsse extraordinário ator a rir, foi o macaquinho que aparece na fotografia. Eis como isso aconteceu.

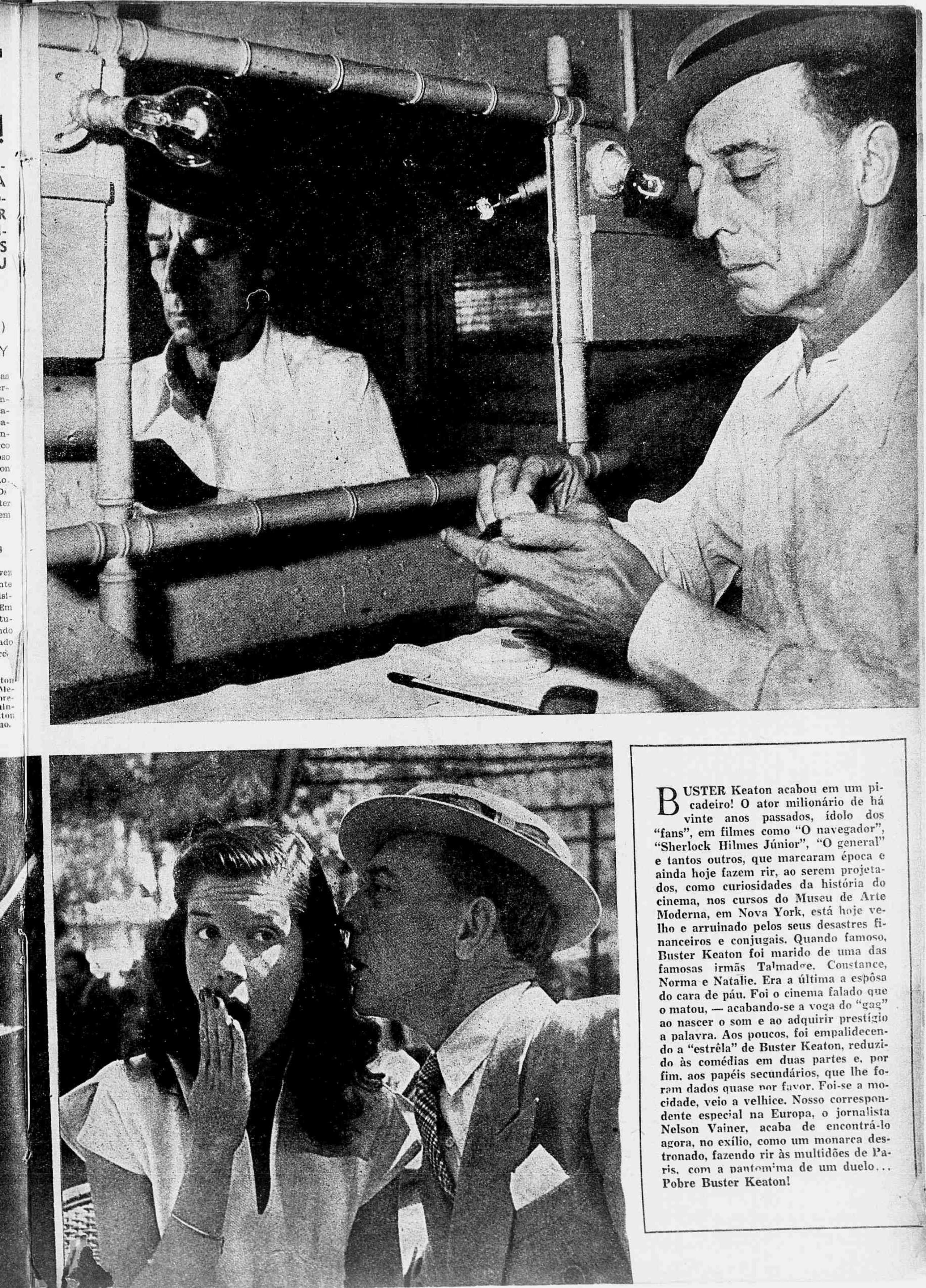
Encontrei Buster Keaton no camarim, jogando cartas com sua jovem espôsa, — uma mulherzinha muito agradável, de uns vinte e poucos anos, delgada, elegantíssima cabelos castanhos, olhos verdes e um sorriso constante nos lábios. E' a espôsa n. 3 ou n. 4 do velho artista.

Sem saber quem eu era, nem o que pretendia, Buster Keaton, com aquela cara de madeira, olhos grandes e fora das órbitas, orelhas compridas e chatas e com a famosa palheta na cabeça, apertou minha mão, apresentou-me sua linda companheira e ofereceu-me uma cadeira. Em poucos instantes identificamo-nos. Conversamos uns dez ou quinze minutos, quando o diretor do circo veio comunicar que, devido a um lapso qualquer, o número de Buster Keaton devia ser apresentado com antecipação. Nossa entrevista foi interrompida. Dirigi-me à minha friza, enquanto Buster Keaton se preparava para entrar em cena.

PELA TERCEIRA VEZ EM PARIS

Buster Keaton está pela terceira vez em Paris, com um intervalo de vinte anos e dois de dez. Em 1917, êle "visitou" a "Cidade-Luz", mobilizado... Em 1937, viera para cá na qualidade de turista e, agora, em 1947, como o mundo dá muitas voltas, veio a Paris engajado por um mês para trabalhar num circo

A esquerda: Buster Keaton, em uma foto de publicidade. A direita: Buster Keaton preparando-se para enfrentar o público parisiense, em seu camarim, no Cirque Medrano. Em baixo: Buster Keaton no dia de sua estréia, entre "fans" e vendo-se presente seu contemporâneo de glórias cinematográficas, Wallace Beery, — um que ainda não entregou os pontos, — então de visita à capital francesa; e Buster Keaton posando para "REVISTA DA SEMANA" com uma das pequenas do Cirque Medrano.



BUSTER Keaton acabou em um picadeiro! O ator milionário de há vinte anos passados, ídolo dos "fans", em filmes como "O navegador", "Sherlock Hilmes Júnior", "O general" e tantos outros, que marcaram época e ainda hoje fazem rir, ao serem projetados, como curiosidades da história do cinema, nos cursos do Museu de Arte Moderna, em Nova York, está hoje velho e arruinado pelos seus desastres financeiros e conjugais. Quando famoso, Buster Keaton foi marido de uma das famosas irmãs Talmadge, Constance, Norma e Natalie. Era a última a espôsa do cara de páu. Foi o cinema falado que o matou, — acabando-se a voga do "gag" ao nascer o som e ao adquirir prestígio a palavra. Aos poucos, foi empalidecendo a "estrêla" de Buster Keaton, reduzido às comédias em duas partes e, por fim, aos papéis secundários, que lhe foram dados quase por favor. Foi-se a mocidade, veio a velhice. Nosso correspondente especial na Europa, o jornalista Nelson Vainer, acaba de encontrá-lo agora, no exílio, como um monarca destronado, fazendo rir às multidões de Paris, com a pantomima de um duelo... Pobre Buster Keaton!

Na página à esquerda: Buster Keaton posa para "REVISTA DA SEMANA", em Paris, nos bastidores do Cirque Medrano, em companhia de sua novíssima espôsa e do jornalista Nelson Vainer, nosso correspondente especial na Europa.

to. O fotógrafo já veio tarde... fazendo o papel de "clown", o que mais ou menos, fôra o seu "metier" antes da primeira guerra mundial.

O público francês admira imensamente êsse notável cômico. Há muitos anos, êle trabalhou num filme em francês, ao lado de François Rosay e Mona Goya. Parece que êle terá aqui uma oportunidade:

— Logo depois da minha chegada a Paris — disse-me Buster Keaton — convidaram-me para trabalhar num filme francês e pode ser que vou aceitar o convite.

O "NÚMERO" DE BUSTER KEATON

Perante um público reduzido — êle, que representava para milhões — Buster Keaton, sexagenário, com sua estrêla apagada na constelação do "écran", representa, diàriamente, um fragmento de um de seus filmes que outrora fizeram rir o mundo inteiro. E' um duelo. Uma cena patética, na qual ou o revólver não dispara, ou êle atira errado e mata uma das testemunhas, ou se emaranha nalguma coisa e cái várias vêzes ao chão... O número agrada, o público ri, mas êle mesmo permanece na sua eterna atitude, sem o menor sinal de um sorriso. Uma verdadeira cara de múmia.

Múmia! Eu o disse sem querer, mas assim o é... Buster Keaton está velho e acabado. Está morto. Morreu em 1932, algum tempo depois da morte do cinema mudo. Ele interpreta bem o seu papel, ainda faz rir o público, mas o seu esfôrço é tremendo. Não é um "sosia" que substitui sempre os grandes astros para receberem bofetadas ou cair e machucar-se. E' êle mesmo, o próprio Buster Keaton que passa por tudo isso e sái com o traje inteiramente molhado com suor, o que é demais para um sexagenário, para alguem que anos antes fora um dos maiores nomes da sétima arte...

Findo o seu número, encontramo-nos novamente no seu camarim. Estava morto de cansaço e molhado de suor. Respirava com dificuldade e procurava um lugar para encostar-se. Parecia vinte anos mais velho!

Em dado momento entrou no camarim a sua esposa, acompanhada do macaquinho, êsse endiabrado "clown" irracional que mais aplausos provoca no circo. O bichinho foi logo ter com Buster Keaton, fazendo diabruras. O grande cômico tirou duma caixa algumas amendoas e as levava à boca. O macaquinho, atraído pelo petisco, apressou-se em apanhá-lo. Recebeu algumas amendoas e as devorou com rapidez incrivel. Daí em diante parecia um serelepe. Tôdas as fibras do seu ser vibravam nele. E "Malec" se divertia a valer. Fechando os olhos do símio, Buster escondeu uma amêndoa no bolsinho do seu blusão. Novamente com os olhos abertos, o patife enfiou a mão no bolsinho, de lá tirando a amendoa e fazendo tamanha careta que "o homem que jamais ri" não poude resistir mais, acabando de gargalhar como gente grande...

Se um fotógrafo estivesse naquele momento no camarim e conseguisse fixar a risada de Buster Keaton, teria lavrado um tento. Mas êle apareceu uns dez minutos depois do grande acontecimen-

Em cima: um dos últimos flagrantes de Buster Keaton em Hollywood. Empregado do estúdio da Metro, ganhando alguns dólares para sugerir "gags" em filmes cômicos interpretados por outros atores, êle engraxa os sapatos ao lado do ator-diretor Robert Montgomery. Em baixo: a cena cômica em que Buster Keaton atualmente aparece em Paris, aos sessenta anos de idade, — a pantomima de um duelo a pistola...

Ao alto: Um aspecto da Orquestra Sinfônica Brasileira, regida pelo maestro José Siqueira. Na foto em baixo: Maestro José Siqueira, presidente da OSB.

A OSB PEDE SOCÔRRO — OITOCENTOS MIL CRUZEIROS OU A RUÍNA — UM APÊLO À IMPRENSA E CONTRIBUIÇÕES DOS SÓCIOS — A QUESTÃO DAS DATAS — "O INTERESSE DA CULTURA BRASILEIRA" — O MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA EXPÕE À "REVISTA DA SEMANA" A SITUAÇÃO DA SOCIEDADE QUE PRESIDE

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

QUANDO comentamos a última récita da Temporada Lírica Oficial, tivemos oportunidade de aludir aos dois espetáculos que, normalmente, se realizam, no Teatro Municipal. Um que principia quando se levanta o pano e outro que começa quando o pano desce. O primeiro consta dos noticiários artísticos, o segundo, muitas vezes, escapa para a crônica policial... Concêrtos, funções líricas, sessões teatrais e literárias, são estas algumas das feições superficiais da atividade do nosso principal Teatro. Por detrás disso, porém, figura a política das concorrências, a corrida para obter "datas".

Uma "data" nunca é tão importante como na vida do Teatro Municipal. A "data" ali significa que, em tal dia, de tantas a tantas horas, palco e platéia estão à disposição de tal ou qual companhia, sociedade, emprêsa, etc.

Ora, tanto para vencer as concorrências para organização de temporadas, como para obter as famosas "datas", todos os empresários se apresentam mascarados de abnegados defensores da cultura artística brasileira, encarecendo a importância das respectivas séries de espetáculos como imprescindíveis ao desenvolvimento, seguro e adequado, dessa cultura...

A OSB SEM DINHEIRO E SEM "DATAS"

Tudo isso já passou para a rotina do Teatro e já adquiriu, até, um doce ritmo burocrático. Eis senão quando, porém, êste ano, sob a inspiração de um certo prefeito, que já deixou seu posto, passa à ordem do dia a preocupação de renovar, modificar, fazer com que o modus vivendi a que tinham chegado nossas escassas organizações artísticas se agite com o sôpro de um renascimento...

... E assim foi que a Orquestra Sinfônica Brasileira ficou sem "datas"...

Deixemos de lado as opiniões e demos a palavra ao presidente da OSB para que êle nos conte os fatos.

O maestro Siqueira não tem feito segredo de sua indignação. A Orquestra Sinfônica Brasileira é uma sociedade que êle ajudou a fundar, cujo crescente prestígio observou, solícito, e cujo atual funcionamento se deve, em grande parte, senão totalmente, à sua iniciativa e ao seu espírito combativo e empreendedor.

— A Orquestra Sinfônica Brasileira, — confiou-nos o maestro Siqueira, — tem uma posição especial em relação às outras sociedades de cultura artística. Ela é o sustento de centenas de pessoas, que emprega: músicos, funcionários... Evidentemente, merece um tratamento especial.

DEZ "DATAS", OITOCENTOS CONTOS E NOVOS COMPROMISSOS

E, a seguir, José Siqueira passou a relatar as atuais condições da OSB.

— Há oitocentos contos sobrando nessa temporada. Eles deviam chegar a OSB, para a realização da parte sinfônica. Se não se conseguir remediar a situação, teremos, em breve, a ruína da OSB, além de uma temporada sem concêrtos sinfônicos...

José Siqueira alude ao orçamento da Orquestra e à ação da prefeitura.

— Apesar da OSB ter sido afastada, oficialmente, da Temporada, da qual fazia parte, há longos anos, e, apesar de nossos reiterados protestos junto às Comissões, nenhuma medida oficial e concreta foi tomada. Um vereador prometeu-nos apresentar um projeto na Câmara Municipal, prestando o auxílio de oitocentos mil cruzeiros, de que foi despojada a OSB, assim como 10 "datas" para a realização dos concêrtos extraordinários, tendo cumprido a primeira promessa.

Sôbre essa luta em que a OSB está, atualmente, empenhada e da qual depende a sua sobrevivência, declarou, ainda, o maestro Siqueira:

— Parece incrível que uma sociedade que constitui, hoje, um patrimônio nacional, pereça, em razão de um ato irrefletido de um prefeito.

E acrescenta:

— A OSB emprega mais de oitocentos músicos, além de possuir um quadro social de cêrca de três mil e quinhentos sócios, podendo orgulhar-se de ser um dos poucos conjuntos sinfônicos do mundo que possuem quadro social permanente.

A seguir, esclarece:

— O próprio empresário que se acha, agora, em situação privilegiada no Teatro Municipal, já declarara, há muito tempo, em carta dirigida ao então Secretário de Cultura, que não poderia encarregar-se da parte sinfônica.

"TEMPORADA DESASTROSA"

A seguir, o presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira teceu considerações em torno da atual temporada que reputa "desastrosa", sobretudo no que diz respeito à sua organização, aludindo à "maneira comprometedora" que deixou mal a Prefeitura em face de não poucos artistas internacionais contratados.

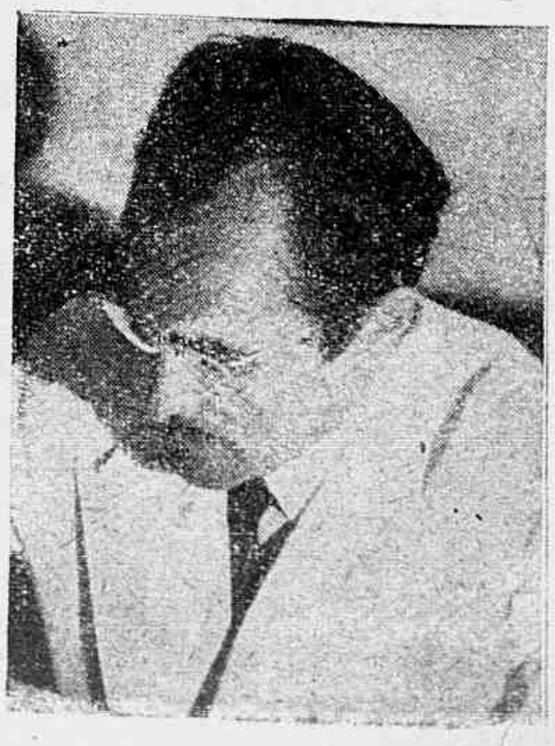
— Porém, não queremos fazer alarde em torno da Temporada Oficial, diz o maestro.

E volta ao caso da Orquestra Sinfônica, formulando, mais uma vez, o apêlo que já foi enviado aos sócios, sob a forma de solicitação de contribuições proporcionais aos recursos de cada um.

— Fomos pedindo contribuições de acôrdo com as localidades que cada sócio ocupa no Teatro, que indicam, aproximadamente, as suas posses.

E, concluindo, o maestro Siqueira salientou, ainda:

— Pleiteando a verba de oitocentos mil cruzeiros, e as "datas" que nos fazem tanta falta, não o faço como um dos fundadores da OSB, ou como seu presidente atual. Faço questão de salientar que falo como brasileiro, músico, e que a minha atividade se desenvolve no sentido dos verdadeiros interesses da cultura brasileira.



A esquerda: Um tanto "sofisticada" é a blusa de Andrea King, da Warner Bros., executada em tricot verde claro, com um ombro descoberto e aplicação de duas folhas grandes em camurça verde escuro. A mesma aplicação na sáia. À direita: Para usar com uma calça de pijama estilo oriental, a mesma Andrea King sugere uma blusa de tricot branca, com decote grande, deixando os ombros descobertos. As mangas são franzidas ao alto.

NOS BASTIDORES FEMININOS

PRODUTO genuinamente americano, bem digno da marca registrada "Made in U. S. A.", é a "bobby-soxer". A "bobby-soxer" é produto do ambiente norte-americano e integra a sua paisagem social contemporânea como figura e temperamento. E' um tanto difícil descrevê-la porque para fazer-lhe justiça seria necessário seguir os seus movimentos no ambiente exato em que vive, o que equivale, mais ou menos, a estudar o desenvolvimento do peixe sem tirá-lo do mar e sem que o observador se afaste um só momento do objeto dos seus estudos.

A "bobby-soxer" é um fenômeno de origem recente. Apareceu em cena pouco antes da entrada dos Estados Unidos na segunda guerra mundial. Não houve um só sinal que antecipasse o seu aparecimento — um belo dia, como que de improviso, apareceram milhões de "bobby-soxers". Estas reproduções simultâneas e em série são típicas dos Estados Unidos e por isso os Estados Unidos aceitaram a aparição das "bobby-soxers" como si elas sempre tivessem existido na sua fauna. A idade das "bobby-soxers" varia dos treze aos dezesseis anos. Vão à escola. Da escola, com os livros sob o braço, se encaminham, frequentemente, para a entrada dos cinemas e dos teatros para ver, por breves instantes, a saida ou a entrada dos seus ídolos masculinos. Elas andam pelas ruas em grupos numerosos e compactos tal como certas espécies de peixe que só passeiam em cardumes pelo oceano. Usam de preferência, cabelos curtos, não se separam das soquetes que são como que uma insignia das "bobby-soxers". (Aliás, o nome "bobby-soxer" é uma corrupteia de "bob" e "socks", o primeiro é um penteado de cabelo curto e o segundo significa meias curtas). Pintam os lábios e as unhas e aquelas que presumem ser dotadas de uma fatalidade precoce, acentuam com lapis negro a linha das sobrancelhas. Algumas usam "sweaters" que lhes cáem, largas, até pouco abaixo da cintura, ocultando as formas que mais tarde elas aprenderão a exibir com o uso de roupas mais ajustadas. Elas se embriagam com o sentimentalismo das canções modernas, viajando extáticas pelos confins inexplorados de grandes amores imaginários.

Um exemplo típico da atuação das "bobby-soxers", tivemos por ocasião do aparecimento de Frank Sinatra. O cantor magro, faminto e romântico, despertou nelas, com as suas melodias sentimentais, um entusiasmo espantoso revelado através de gritos, desmaios, e suspiros frenéticos. Esta é a "bobby-soxer" da cidade. Porque existe também a "bobby-soxer" do interior. Essas diferem das suas irmãs da cidade pela indumentária. A "bobby-soxer" rural usa, geralmente, calças compridas de brim, arregaçadas até os joelhos, uma camisa de homem caindo sôbre os quadris, sandálias e, naturalmente, soquetes. Porém, apesar da diferença dos trajes, ela é em corpo e alma a mesma adolescente espasmódica que vai, depois da escola, com os livros sob o braço, espiar as portas dos lugares frequentados pelos galãs da moda. Durante a guerra, a "bobby-soxer" criou, pela primeira vez, um problema social de muita gravidade. Atiçada por um patriotismo mal compreendido, ela abandonou a sua posição em frente aos cinemas e teatros, para se postar às portas dos quarteis. Produziu-se, nos Estados Unidos, nesse periodo, como consequência de um arrebatamento mal dirigido, uma "onda" de dissipação juvenil. Porém, com o fim da guerra, ela voltou ao seu antigo posto, empregando a sua super-energia na admiração dos seus ídolos, geralmente um tanto maduros...

Felizmente para nós, a "bobby-soxer" é produto puramente americano e, queremos crêr, ninguém tentará nos impingir uma praga que não é nossa.

KITTY

A esquerda: Uma blusinha simples, para "tailleur" é apresentada por Janis Paige, da Warner Bros. A gola é muito original formando duas palas soltas de um lado sobre os ombros e sob as mesmas duas tiras que terminam em laço na frente. À direita: Também com ombros descobertos é a blusa de Geraldine Brooks, feita em linho bordado. Ao redor do decote babado franzido arrematado por bordado inglês. A sáia é comprida, de tafetá preto. Cinto largo de veludo verde.

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

O CONVITE

Lady Randolph enviou, certa vez um convite para jantar a George Bernard Shaw. Recebeu a seguinte resposta: "Não espere por mim. Afinal que fiz eu para merecer tão violenta investida contra meus velhos hábitos?".

Lady Randolph retrucou por telegrama: "Ignoro seus hábitos. Espero, porém, que não sejam tão ruins como sua educação".

★

REPUTAÇÃO

Um dos mais poderosos banqueiros de Wall Street apaixonou-se por uma atriz chamada Lily Blank. Durante meses fez-lhe uma côrte cerrada, acompanhando-a por tôda a parte e cumulando-a de gentilezas. Por fim, decidiu-se a pedi-la em casamento. Não querendo, porém, tomar uma decisão apressada, contratou um detetive particular, afim de que o deixasse a par de todo o passado de Miss Lily. Chegou por fim o relatório: "Miss Bank sempre gozou de excelente reputação. Tem um passado sem mácula. Seus amigos e relações pertencem aos mais respeitáveis meios. A única sombra de escândalo que já atingiu até hoje veio do fato, de, recentemente, ter sido vista com grande frequência em companhia de um banqueiro de reputação duvidosa."

★

O SABIO

A família de Rider Haggard era numerosa, barulhenta e conversadeira. Ninguém ouvia ninguém, todos falavam ao mesmo tempo. Sòmente a vasta que não só descobre de onde vêm tôdas as vezes que proferia qualquer palavra. Um admirador do escritor perguntou-lhe como conseguiu tal milagre.

— Eu falo bem baixinho, — retrucou a boa senhora. — E, na nossa família, quando alguém fala baixinho todos se calam e escutam sempre com muita surpresa...

★

O SABIO

Cristina da Suécia admirava muito Vossius, e numa ocasião em que lhe foi possível falar-lhe fez-lhe o seguinte cumprimento:

— E' espantoso que a sua sabedoria seja tão vasta que não só descobre de onde vem tôdas as palavras como até para onde elas irão!

★

COMOÇÃO

Katherine Mansfield descrevendo à uma amiga, como o seu gatinho Athenaeum recebeu a notícia de que a gata-mãe, chamada Charlie Chaplin, havia dado à luz uma ninhada: "Quando M. lhe participou que Deus lhe havia mandado seis irmãosinhos, sendo que algumas irmãsinhas no meio caiu da janela do estúdio e partiu dois vidros da estufa. Aprecio êsse seu sentido do dramático mas, de outra vez, ninguém lhe dirá nada. Sái muito caro."

★

OCUPAÇÃO

Diálogo entre Isadora Duncan e um admirador:

— Meus amigos me chamam Pim.

— Pim! Que nome delicioso. O senhor é artista?

— Oh, não! — protestou êle, como se o tivessem acusado de um crime.

— Então o que o traz aqui? Alguma grande idéia?

— Não. Coisa que não tenho são idéias...

— Tem pelo menos alguma ocupação na vida?

— Absolutamente.

— Então o que é que o senhor faz?

— Nada.

— Mas é preciso fazer alguma coisa.

— Sim, é verdade, — retrucou êle, depois de pensar um pouco. — Tenho uma bela coleção de tabaqueiras do século dezoito...

(Seleção de L. B., especial para "REVISTA DA SEMANA")

DOIS MODELOS PARA A NOITE

AQUI estão duas lindas criações dos figurinistas franceses. São dois modêlos elegantes, próprios para jantares. A esquerda: Modêlo em crepe romano, todo trabalhado em plissés. Grande decote. "Echarpe" drapeada passando sob o busto e sôbre os braços. Criação de Jeanne Lefaurie. A direita: Elegantissimo modêlo de Marcels Rcohas em seda estampada. Um ombro nú. Sáia com drapeados e grande faixa caindo do lado esquerdo.

Muro das LAMENTAÇÕES

DO MESMISMO

Uma das coisas mais destruidoras de nossas possibilidades em viver bem é o mesmismo.

— Mesmismo?

— Sim, essa tendência que temos para todos os dias pensar as mesmas coisas, fazer as mesmas coisas, sentir as mesmas coisas. O memismo é o resultado da rotina, assim como a rotina é o resultado da preguiça. E as consequências do mesmismo são a apatia, a ausência de iniciativa, a atrofia da inteligência, o empanamento da sensibilidade, a melancolia, a impressão da inutilidade de tudo, é finalmente uma íntima convicção de fracasso.

— Mas como evitar os efeitos do mesmismo, se as exigências da vida nos impõem uma rotina?

— Naturalmente que não podemos nos libertar de uma série de atos que temos necessidade de praticar diàriamente, mas não é isso que nos leva ao mesmismo. Precisamos distinguir. Existem os atos absolutamente necessários, e os relativamente necessários. Entre os atos indispensáveis, os que se referem ao trabalho, à higiene pessoal, etc. êsses de em ser praticados com um gasto mínimo de energias, através daquele conhecido processo psicológico — criação do hábito até sua assimilação pelo subconsciente. Daí por diante, êsses atos obrigatórios podem ser praticados quase que automàticamente, sem o menor dispêndio de energias em indecisões, escolha de alternativas, etc. O que tem de ser feito é feito resolutamente, e economizamos assim um grande cabedal de esfôrços psíquicos.

Restam-nos, agora, os atos relativamente obrigatórios, aqueles sôbre os quais temos maior liberdade de intervir com nossa vontade. Nessa espécie de atos é que precisamos evitar cuidadosamente o mesmismo.

Todos nós temos necessidade de divertimentos, de estudo, de manter convívio com outras pessoas, etc. Mas, o que não temos, à necessidade de o fazermos sempre da mesma maneira. Por uma preguiçosa tendência de simplificação, costumamos a repetir sempre as nossas preferências. Se gostamos de um autor, lemos e relemos tôdas as suas obras, mesmo as que não têm valor, e deixamos de conhecer outros autores que poderiam nos trazer horizontes completamente novos. Se apreciamos um amigo, estamos constantemente a visitá-lo, repetindo as mesmas conversas, e deixamos de descobrir outras personalidades que, embora menos afins, poderiam talvez conter elementos capazes de pôr em ebulição partes mais secretas da nossa personalidade. E se somos fans de determinado gênero de fitas esportes ou teatro, costumamos frequentá-lo tão repetidamente que esgotamos tôda possibilidade de imprevisto, deixando ao mesmo tempo de entrar em contacto com outras distrações que poderiam estimular vivamente nossa alegria e aguçar nossa sensibilidade.

Ao fim de algum tempo, portanto, o mesmista se transforma numa ilha imóvel, abanada por palmeiras indolentes e cercada de tédio por todos os lados. Já sabe que o amigo, a quem visita nas quartas-feiras, lhe contará as mesmas histórias. Já sabe que no domingo irá assistir ao futebol, se irritará com a condução, desconfiará de que os jogadores foram comprados, berrará que o juiz é ladrão e voltará para casa à tardinha, com as pernas cansadas e a infalível dôr-de-cabeça. Já sabe que no sábado levará a espôsa a um cinema, que discutirão um pouco antes de ir e que acabarão escolhendo um cinema mais próximo para terem menos trabalho...

Não deixe que isso aconteça com você. Não se entregue ao mesmismo. Procure desenvolver o imenso potencial de vida existente dentro de você. Procure conhecer maior número de pessoas interessantes. Leia o mais variadamente que puder. Não limite seus divertimentos ao cinema e ao jogo de futebol. Frequente os teatros, os circos, faça excursões, descubra novos passeios, e se não tiver nada em vista, saia pela rua sem destino, olhando. Vá a lugares onde não tem nada a fazer, e pelos seus olhos entrará a vida — essa vida abençoada que recebemos como dádiva de Deus e que precisamos aprender a gastar com inteligência e gratidão. — **CONFIDENTE**

P. S.: — Leitora, ou leitor, esta secção é sua. Qualquer que sejam o seu estado de espírito, os problemas de ordem íntima em que se debata, escreva-nos, com tôda a franqueza, sob pseudônimo, — e aqui estaremos às suas ordens, para dar-lhe nossa ajuda e os conselhos de nossa experiência. Conte conosco como se conta com um amigo. E escreva-nos, sem cerimônia, contando-nos o seu caso.

PARA VCCÊ IR À PRAIA

A EXCOMUNHAO NA ESCOLA

Acontecia mais ou menos assim: algumas visitas ao gabinete do diretor; três suspensões, (e aí surge a cabalística do número), e finalmente, vinha, irrecorrível e feroz, a sentença da escola, expulsando aquele que não poderia se corrigir, na opinião dos mestres.

Era um fato de rotina, que ocorria até mesmo em colégios religiosos, contrariando a essência da doutrina cristã, porque Jesus, segundo os evangelhos, veio ao mundo para salvar os pecadores e não os justos.

A rejeição sêca e dura da Escola, afastando a criança que mais necessitava de orientação, não deixava de ser uma confissão implícita da falência da obra educativa. Não percebiam os professores que os desajustados é que, realmente, punham a prova suas virtudes pedagógicas; que o indivíduo medio se ajusta por si mesmo; já disse mesmo alguem que o bom aluno aprende com o professor, sem o professor, ou apesar dele

Para sermos exatos e deixarmos de eufemismos, poderemos considerar êstes fatos, não apenas no passado, mas ocorrendo, às vêzes, também no presente. Existe, hoje, no entanto, uma certa hesitação ao se lançar mão do recurso extremo de que se vale a escola. Nos colégios oficiais, por exemplo, a expulsão se reveste da cautela de processo administrativo; e a burocracia que tudo emperra, serve aí de apaziguador de ânimos exaltados.

Quem se propõe a guiar crianças deve cultivar em primeiro lugar a serenidade pessoal, porque não pode educar outrem, quem não se educa a si mesmo. E os fatos nos mostram, muitas vezes, que as violências das primeiras reações podem obscurecer afinidades afetivas das mais profundas.

Humberto de Campos, numa das suas belas crônicas, censurava amargamente a uma mulher, assassina do seu próprio filho ladrão, condenando lhe o precipitado do castigo, que tornou irremediavel pela morte a falta de um menino de dez anos. E, dizia, sensatamente, na sua compreensão de escritor, que os atos máus de um adolescente nem sempre são uma amostra infalivel do que será quando homem, êle mesmo já roubara quando criança, e, era, então, um homem probo.

O artista adivinhava o que hoje é moeda corrente nas diretrizes educacionais, que o ser em formação, criança ou adolescente, está em profunda transição de corpo e espírito, podendo receber as impressões do ambiente e juntá-las à sua personalidade definitiva. E' preciso, pois, evitar veredictos inapeláveis, numa idade em que a própria natureza se detém e hesita sôbre o caminho que vai tomar. E' como se quiséssemos ser mais realistas do que o rei.

Os educadores que quiserem estar certos da sua missão devem fazer como os poetas em relação às mulheres -- começam por confessar que não as compreendem.

Quando algum aluno estiver desajustado na escole é necessário que comecemos por elaborar dezenas de porquês; e as atitudes resultantes destas indagações serão, naturalmente, opostas das que se tomava até então.

Temos a considerar que a situação dos alunos tem sido até agora, de uma injustiça flagrante, porque em processos de expulsão são conhecidos, os réus, os juizes e acusadores, mas nunca os advogados da parte mais fraca.

Será de justiça, pois, quando alguma criança, tímida, ou atrevida, entrar num gabinete de diretor, irmos procedendo as fases de reação da escola, em câmara lenta, afim de que, nos seus processos, o acusado possa defender-se ou tornar compreensíveis suas dificuldades; surgirá talvez um "suspense" feliz, terminando uma história sem um fatal desenlace.

ZOIA DE LAET

A PERSONALIDADE da Semana

CECILIA MEIRELES

Estou sentada num banco de pedra do Largo do Boticário. Não poderia ter encontrado lugar mais apropriado para tomar algumas notas sôbre a longa conversa que acabo de ter com Cecília Meireles. Não quis interromper o contacto que se estabeleceu entre nós, baixando os olhos sôbre o meu bloco. Preferi mergulhar no olhar de sonho de Cecília Meireles, — dêste olhar que sempre me prendeu e que lembra o seu "Mar Absoluto" — lançando-me, para o resto, na minha memória! Ao sair da casa branca, branca, no alto da pequena colina verde, dirigi-me naturalmente para o largo tradicional. Acredito que meu sub-consciente escolheu o itinerário, não querendo passar imediatamente de um ambiente calmo e harmonioso para um ônibus barulhento. O ventinho que sopra do Corcovado sublinha a plenitude da hora, como se pronunciasse os versos de Cecília Meireles:

"Eu canto porque o instante existe".

Senti, há pouco, o mesmo valor do instante poético, apesar de não termos falado muito em poesia. Com efeito, todos conhecem os versos de Cecília Meireles (posso anunciar que teremos em breve a alegria de ler novo volume deles), mas ninguém ainda viu ou leu suas peças de teatro. Por isso, pedi-lhe alguns pormenores sôbre as peças que Dulcina nos apresentará durante sua temporada do Municipal. Chama-se "O Ás de Ouros" e é uma tragédia, cujo cenário é um circo.

Aliás, minhas três peças são tragédias — explicou. — Acredito que só posso escrever tragédias. Observo tantos casos humorísticos em torno de mim, mas se procurasse reproduzi-los, acabariam, também êles, transformados em tragédias!

Contou-me que sempre se interessou pelo teatro e que, quando nosso ambiente artístico começou a melhorar, traduziu obras de Ibsen e Maeterlinck para os "Comediantes" e Garcia Lorca **para Dulcina.**

Não pertenço a nenhum grupo e quando comecei a escrever peças era principalmente para ver se conseguiria realizar minha concepção do teatro. Procurei aproximar-me de diversos ângulos do problema, como se fizesse um exercício escolar. Assim, minha primeira peça "O Jogo das Sombras", tem poucas personagens. As figuras estão falando ao mundo que passa, projetado em sombra. "O Jardim", ao contrário, tem muitos atores, apresentando-se visualmente como as personagens de um "ballet". Talvez acharão minhas peças um pouco verbosas, porque gosto muito da palavra. Mas receio que o teatro atual esteja desizando para a mise-en-scène. O teatro é um gênero literário e deve, portanto, exprimir pela palavra o que tem para dizer. Como o músico que não gostasse do som seria incapaz de compôr uma melodia, assim o escritor não pode construir uma peça sem ter amor à palavra.

Exprimi meu inteiro acôrdo com êste ponto de vista, pois se o cinema é a imagem o teatro é a palavra e os dois gêneros nunca serão concorrentes. Quem procurou uni-los sempre fracassou. Lembrei as peças que Cecília Meireles escreveu para as marionetes nas quais colocou tôda a sua fantasia de poeta. Tenciona criar um teatro de marionetes na sua casa, teatrinho de arte pura, sem nada de didático. Lembrei a frase do famoso "titereiro" Lanudo: "Quando um titere se torna demasiadamente sério e quer dar aulas de matemáticas, outro deve surgir para lhe refutar que dois e dois são sete".

As marionetes levaram-nos naturalmente à educação e esta educadora — Cecília Meireles é professora de literatura e já ensinou em todo o gênero de escolas desde o jardim de infância até o curso superior — pareceu-me bastante desanimada. A geração atual não anima muito! "Já usaram tanto a fórmula da salvação pela educação que já parece ridículo repeti-lo. Mas educação não quer dizer bôas maneiras. Quer dizer o contacto completo com a vida, em todos os seus aspectos".

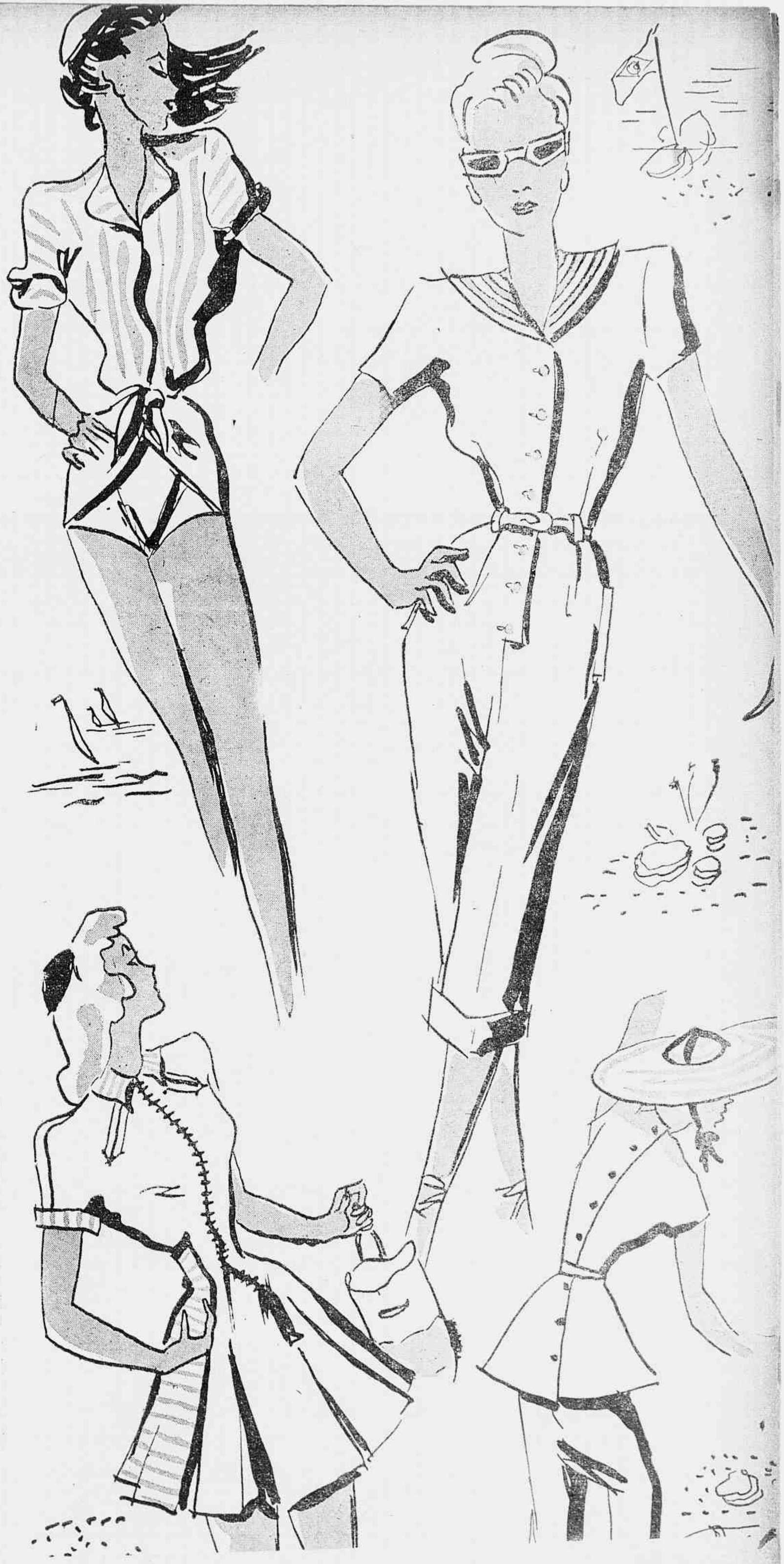
E é mesmo a vida em todos os seus aspectos que a poetisa sempre nos ofereceu:

"Um poeta é sempre irmão do vento e da água
deixa seu ritmo por onde passa"

O riozinho do Largo do Boticário murmura a canção que resume a obra poética de Cecília:

"Pus meu sonho num navio
e o navio em cima do mar"...

YVONNE JEAN



Sim, para você ir à praia, estampamos nestas duas páginas, alguns dos interessantes modêlos que você poderá executar para os próximos dias quentes, que por certo chegarão. São todos êles modêlos originais que devem ser confeccionados em tecidos leves, como o linho, fustão, etc., e em côres vivas e alegres.

CHAPEUS DE PARIS

Há um franco retorno ao chapéu. As cabecas das mulheres bonitas se enfeitarão novamente de flores, plumas e fitas... O "cabelo ao vento" cede, decididamente o seu lugar aos tão elegantes complementos da beleza feminina. Êstes são os mais recentes modêlos que recebemos de Paris. Em cima: De Paulette é êste elegantíssimo modêlo em "gros-grain" branco, todo coberto de "tulle" preto e com bordados em cetim preto. Aba estreita, virada para cima. De um dos lados cáem borlas de "tulle" preto, bordadas em "pailettés". Êste modêlo de Le Monnier, tem a copa quase que totalmente coberta por flores e penas. Em baixo, à esquerda: belíssimo êste "breton" de Calude Saint-Cyr, de feltro branco e véu negro. À direita: "Canotier" de Maud et Nano e tecido listrado branco e preto. Grande laço de veludo preto sôbre a copa.

"Que belo papel! Ela foi faltar logo hoje que eu tenho convidados para almoçar!".

"Ela", naturalmente, é a cozinheira. Essa senhora cheia de vontades e impertinências a quem, infelizmente, temos que aturar. Mas isto não vem ao caso. O que importa no momento são os seus convidados. Aquele casal um tanto cerimonioso e para o qual você não poderá telefonar dizendo "desculpem, ficará para outro dia, a cozinheira não veio hoje"... Mesmo porque, já não se considerando a deselegância do gesto, isto também abalaria o seu próprio prestígio de boa dona de casa. Sim, porque já não se admite que uma dona de casa fique às tontas só porque a cozinheira faltou. O que você deve fazer, é agir imediatamente: abra a geladeira, os armários, verifique o que tem em casa e o que lhe falta, e depois comece você mesma a fazer o almoço para os seus convidados. Para que você não fique muito atrapalhada, ponha ao seu alcance tudo o que fôr necessário e, também, vá guardando tudo à medida que já não fôr precisando mais.

O menu poderá ser simples e gostoso. Talvez os convidados fiquem até mais tarde e, nesse caso, será conveniente também preparar um bolo ou êsses deliciosos pãesinhos próprios para o "lunch". E para que você tenha uma idéia do quanto queremos ajudá-la, vamos organizar o seu menu.

PÃO FRITO COM OVOS

Corte fatias finas de pão de fôrma, unte-as com manteiga, passe-as em queijo ralado, depois em ovos batidos e frite em manteiga e gordura misturados. Sirva com "Bifes de Fígado".

BIFES DE FÍGADO

Lave muito bem 1/2 quilo de fígado, retire a pele e corte-o em bifes um pouco grossos. Condimente-os com sal, alho socado, pimenta, cebola ralada, caldo de limão, cubra com azeite e deixe descansar durante 20 minutos. Esquente muito uma porção de azeite, junte os bifes e frite-os. Sirva com um bom molho de tomates.

CROQUETES DE LEGUMES

Cozinhe os legumes que preferir, escorra a água, passe-os pela peneira, junte 1 colher de manteiga, queijo ralado e molho branco bem consistente. Adicione 2 gemas, faça croquetes, passe-os em farinha de rosca, ovos batidos e novamente em farinha de rosca e frite.

BORRACHOS COM MOLHO DE MANTEIGA

Depois de bem lavados e condimentados, 4 borrachos, unte-os com manteiga e leve-os ao forno forte, regando-os constantemente com manteiga. Junte à manteiga onde fritou os borrachos mais um pouco de gordura, doure 1 colher de farinha de trigo e vá vagarosamente pingando caldo, até formar um molho de consistência branda. Côe, adicione mais 1 colher de chá de manteiga e sirva.

TORTA DE ABACAXI

Forre uma fôrma com caramelo, arrume pedaços de abacaxi em todo o fundo, polvilhe com açúcar e deite por cima a seguinte massa: Bata em banho-Maria 4 ovos inteiros, com 4 colheres de sopa de açúcar durante 15 minutos. Retire e junte sem bater, 4 colheres de farinha de trigo e 1 colher de chá de essência de baunilha. Misture apenas. Deite sôbre o abacaxi e leve ao forno brando.

BOLO DE MEL

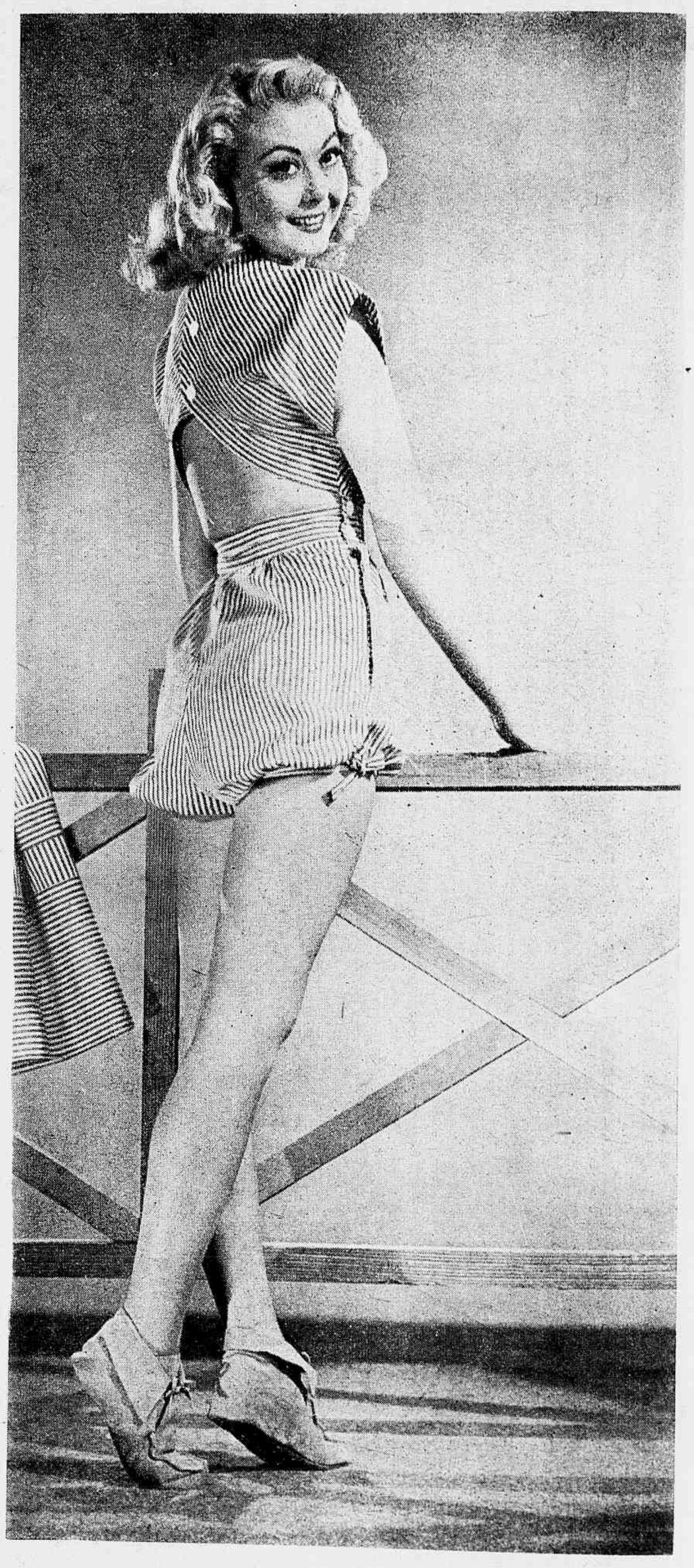
Ingredientes: 1 chicara das de chá, de mel, 2 chicaras das de chá, de farinha de trigo; 1/4 de uma chicara das de chá de manteiga, 4 ovos, 2 colheres das de café de fermento "Royal".

Preparação: Bate-se muito bem a manteiga com o mel e em seguida juntam-se-lhe os ovos batidos e a farinha peneirada três vêzes com o fermento "Royal". Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa fôrma untada com manteiga e assa-se em fôrno regularmente quente.

Mona Freeman, jovem e linda estrela da Paramount, apresenta às nossas leitoras, dois originais e sugestivos modêlos do seu variado guarda-roupa. A esquerda: para o chá, modêlo em seda cinza pérola, interessante babado na sáia. A direita: Modêlo para o jantar, em sêda verde esmeralda. Mangas japonesas, sáia drapéada.

MONA FREEMAN APRESENTA

OS "SHORTS" DE



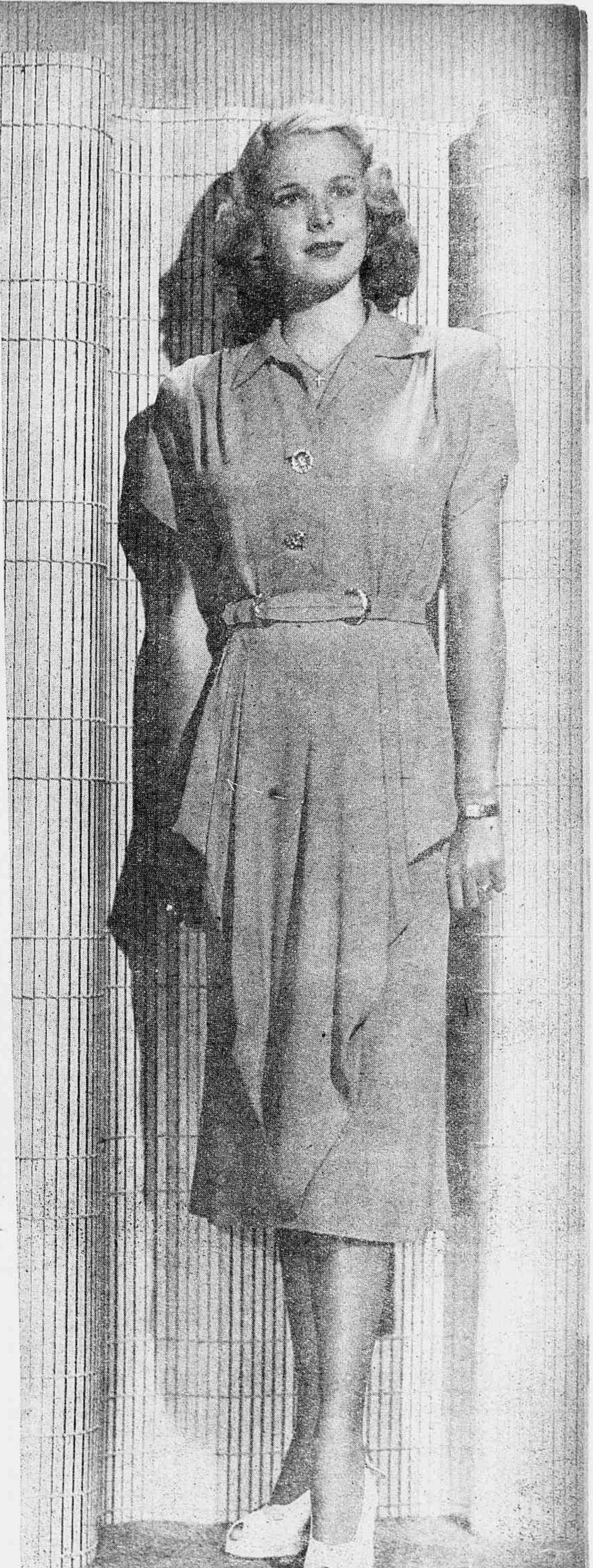
A graciosíssima "estrela" da Republic, Adele Mara, aparece-nos com os seus últimos "shorts" os quais, sem dúvida, serão vistos dentro de pouco tempo nas nossas praias. Da esquerda para a direita, temos: Executado em tecido listrado vermelho e branco ou verde e branco. A calça é fôfa, presa por uma tira que termina em laço. A parte superior é muito original, usando-se as listras em direções diferentes.

ADELE MARA

Bordado inglês e botões brancos enfeitam a blusa. A parte de tras, é interessante, com as listras enviezadas. A sáia franzida tem duas barras, uma muito larga, com as listras em sentido horizontal. Três peças em seda estampada sôbre fundo branco. O casaco tem bolsos assimétricos, lapelas largas e cinto do mesmo tecido. O "short" é ligeiramente franzido na frente

MANHÃ

VERA Ralston, "star" da Republic, é quem sugere êstes dois alegres modêlos. O primeiro é um original "short" em algodão estampado, e o segundo é um vestido leve em linho, também estampado



AGORA é Mona Freeman, jovem estrêla da Paramount, que vemos exibindo êstes outros dois modêlos, desta vez para a tarde. O primeiro em seda beije, e o segundo do mesmo tecido em azul.

TARDE

Dez horas da noite, S. Paulo

Conto de MARIA ARCHER

(Escritora portuguesa — Autora de "Fauna Sovina" e "Ela é apenas mulher")

ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZAUAR

DOIS "maples", lado a lado. Ambiente amável. Luísa fuma. Teresa desdobra o Paris-Soir. Vê-se, no alto da folha, um grande título negro encimando larga fotografia — um assassino, mãos nas algemas, enquadrado pelos policias, com a expressão alvar das caras batidas do magnésio.

— Mais um crime do milieu... — diz Teresa, contemplando a fotografia sensacional. — Olha que repugna, esta exploração da curiosidade mórbida do público...

Entretanto recosta-se no maple e entrega-se à leitura.

— Ontem, rocei pelo nosso milieu... — diz Luísa, olhando, sem a ver, a espiral azulada do fumo a desfazer-se no ar. — Por um momento, mesmo, fui suspeita da polícia...

— Como?

Teresa endireita-se, esquece o Paris-Soir. O jornal tomba no chão, abandonado.

Luísa começa:

— Eram dez horas da noite, em S. Paulo...

— E que fazias tu, em S. Paulo, às dez da noite?

— Modista... A minha modista mora em S. Paulo. Um prédio de cinco andares, escada escura, com patamar profundo e sombrio. De dia há um sapateiro no patamar, de noite está tudo vazio, imundo e cheira a sola.

— E... êles... estavam no patamar?

— Não. Acabei a prova às dez horas. Telefonei, a pedir um taxi da garage. Desci os cinco andares a queimar fósforos. Já havia gatos na escada e baratas, que desciam, tranquilamente os degráus com crostas de lama. A luz do fósforo mal alumiava os cantos. Em cada andar havia dois ângulos que a luz não clareava. No dobrar do lanço, um patamar, com outros dois cantos cheios de sombra. Além disso é uma escada em S. Paulo... Eu via, em cada canto sombrio, o maltrapilho que ali se podia esconder, para me roubar, para me assaltar.

Desci muito depressa, uma luva no corrimão, a outra mão segurando o fósforo. Quando cheguei abaixo ainda o taxi não me esperava. Pelo contrário, eu era forçada a esperar. Choviscava. Parei à porta, metida no quadro dos alisares, sentindo-me protegida pela luz da rua. Olhei os taxis que passavam, disposta a chamar o primeiro disponível, mas via-os a todos com passageiros, caminhando aos seus destinos, vivamente. E o que eu encomendara? Esse, que raiva! não me aparecia. E choviscava...

S. Paulo, às dez horas, é um local concorrido. Marinheiros, gente de fábricas, mulheres em cabelo, rapaziada do sítio, que vagueia pelas leitarias, as tabernas, ou as agrupa nos bancos da Praça. Eu, metida nos umbrais da porta, e batida pelo clarão luminoso da tabuleta duma casa de pasto "A flor de S. Paulo", estava ali, tal qual uma boneca de montra, em exposição. E o taxi sem chegar!

Quanto tempo estive lá? Um, dois minutos? Parecia-me uma hora! Os homens, ao passarem, metiam-me os olhos à cara, uns olhos de lobo, fuzilantes, uns olhos que eu nunca tinha visto em ninguém uns olhos que eu não sabia que luzissem em cara de gente! Quando me avistavam torciam os passos, enviezavam pelo passeio, direitos a mim, para me cruzarem de perto. Outros paravam uns metros além, e voltavam devagar, rondando, num alvoroço que a cara traia. Acabavam por se especar

(Cont. na pág. 52)

O REVOLVER

(Cont. da pág. 23)

do suas roupas, teria feito uma torta de morango e usado o vestido de baile à noite. Como pudera desperdiçar um domingo inteirinho indo ao cinema e jogando cartas? Era tão idiota tudo aquilo! Ao menos tivera tempo de dizer adeus ao marido. Que lhe dissera êle? Que estaria alí num instante. E que apanhasse o revólver na gaveta da escrivaninha. Para que? Sempre tivera mêdo de revólver. Nem sabia direito como era um revólver. Quando tinha que abrir a gaveta, dava-lhe uma olhada rápida, sentia o cabo de madreperola rebrilhar e o cano metálico, tão frio lhe dava arripios. E no entanto era preciso ir até a gaveta e apanhar o monstro.

O mêdo era que êle disparasse, antes da hora. Mas, qual seria a hora de disparar? O revolver pareceu-lhe enorme, pesado. Mesmo deitado sôbre o fundo da gaveta, era um perigo. Apanhou-o. Para dar um tiro bastava segurar aqui, puxar alí, virar o revólver para lá. O marido lhe dissera tantas vezes que aprendesse. Não custava nada. Era só descarregar, e ficar treinando. Se algum dia viesse a precisar não passaria por aquêle vexame. Segurar aqui, puxar alí. Sem querer olhou-se no espelho. Era esquisito como aquêle revolver inspirava respeito. Empunhando a arma, séria daquêle jeito, parecia outra pessôa. Foi para a sala. Parecia que era o revólver quem comandava a situação. Era o revólver que a levava, que a fazia sentar e olhar a porta. Bam, bam, bam! Santo Deus, de que lhe serviria o revólver se êle entrasse? Se êle conseguisse estourar o fecho da porta, adeus. Com toda a importância, com tôda a sua imponência o revólver não séria nada na mão dela. Sabia muito bem que ficaria imóvel. E' possivel que o homem ainda lhe tomasse a arma e acabasse por lhe dar um tiro. Mas, se êle a visse assim, séria, empunhando o revólvel, com o ar de determinação que havia usado quando se olhara no espelho? De certo teria na mesma hora a noção de que estava lutando com uma mulher que sabia se defender. Não precisava tremer. Era só chegar na janela de revólver na mão e gritar com energia:

— Pare com isso!

— Quero ver sangue hoje! urrava o homem.

Alice ergueu-se, composta, fez um ar ameaçador e chegou á janela.

Apontou o revólver para o bebado e gritou, conforme ensaiara lá dentro:

— Pare com isso!

O homem nem sequer olhou para ela, continuava a dar ponta-pés na porta e estava usando a faca para ajudar a fechadura a sair. Mas a multidão que se esprimia do outro lado da rua soltou um «oh ela está armada» e começou a debandar. Mulheres corriam soltando gritos e os homens diziam de longe:

— Cuidado, cuidado com as balas perdidas!

Alice sentiu-se ridícula, abandonada. Não havia nada que fizesse aquêle demônio parar?

— Pare com isso! repetiu, já com a voz estrangulada. Pare com isso!

E atirou para o ar.

O bebado deteve-se um instante perplexo. Foi uma pausa que serviu para lhe redobrar as energias e aumentar o furor.

— Sua vagabunda, já lhe mostro pra que serve um revólver!

E atirou-se com tôda força contra a porta. A madeira soltou um «gemido» e estalou de alto a baixo. O homem fez nova investida. A porta começou a afundar para dentro.

— Vai embora senão eu te mato gritou Alice aterrorizada.

— Vai o que. Eu te pego agora mesmo.

Uma vizinha gritou com quanta força tinha:

— Olha a policia, olha a policia!

O homem se deteve um instante e subitamente saltou para a calçada e poz-se a correr. Uns meninos gritaram:

— Pega, pega!

Mas ninguém pegou e êle sumiu por umas esquinas levando a faca com êle. O automóvel parou na porta e Alberto saltou branco de susto.

Alice só queria chorar, contaria tudo depois. Alberto deixou que ela chorasse mesmo.

★

Já estava de porta nova e em tôdas as janelas havia grossas trancas de ferro. A criada não cansava de dizer:

— Ah, se eu estivesse aqui êle ia ver!

Alice não podia esquecer um só detalhe.

— Foi horrível. Horrível!

E então bateram na porta e a criada voltou com a notícia de que havia dois policiais querendo falar com a patrôa. Alice correu para êles:

— Pegaram o homem?

— Que homem?

— Aquêle que esteve aqui querendo me matar com uma faca.

— Ah.

E os policiais se entreolharam.

— Então foi daqui que chamaram?

— Foi, e chamamos três vezes! Uma vez eu, uma vez a vizinha e meu marido do escritório também telefonou.

(Cont. na pág. 50)

A MULHER JULGADA PELAS PRÓPRIAS MULHERES...

ATRAVÉS DOS TEMPOS, A LUTA DO BELO SEXO TEM SIDO PARA ATINGIR O TIPO QUE OS POETAS E OS PINTORES IDEALIZARAM

NÃO há ninguém mais intransigente, para o julgamento das mulheres, do que as próprias mulheres... Dotadas, em sua maioria, de agudíssimo espírito de observação, irreverentes não raro em seus conceitos ferinos, tôdas elas trazem, no que dizem ou no que escrevem, um pouco de dureza penetrante de Schopenhauer e a maledicência venenosa de Voltaire.

Daí, o dizer-se que, num grupo feminino, o assunto terá de ser, obrigatòriamente, modas ou uma "terceira", ausente. E, porque se observam em todos os instantes, porque afirmam o "lorgnon" elegante para assistirem à passagem de outros elementos do belo sexo, é que se apresenta como roteiro seguro, ao falar-se de nossas dignas "costeadas", sabemos o que sôbre as Evas pensam as outras Evas...

Num dêstes dias ensolarados da terra carioca, o jornalista abandonou a redação em busca de um assunto para sua tarefa profissional. Faltava-lhe verve, "bossa", como lá diz a gíria desta incomparável "cidade maravilhosa". E, por isso, lá se foi, papel em punho, lapis em riste e sem nenhum propósito na cabeça. No largo de Santa Rita, espichava-se preguiçosamente a sofredora fila dos passageiros de ônibus. O jornalista embarafustou-se ali, certo de que encontrara o fio de Ariadne para apontar-lhe a saida do labirinto. E o "jogo" começou:

— Espera-se, espera-se, e êste ônibus não vem...

— Pois é...

— Já está aqui há muito tempo? — pergunta o homem do jornal.

— Meia hora, mais ou menos. Quanto a mim, pouca diferença faz. O que me acabrunha é a situação dessas pobres senhores, gordas, aguentando êste calor de rachar...

Estava encontrado o assunto. Para aquela jovem elegante, as senhoras, gordas não passavam de pobres senhoras, como se a adiposidade excessiva constituisse uma praga dos céus a lhes pesar sôbre a cabeça. Pensariam assim tôdas as mulheres? E' o que um rapido inquérito iria responder.

Dirigimo-nos, então, para uma das lojas do centro da cidade. Falou-nos a senhorita Diana B. Rollemberg, que, inquerida sôbre qual o tipo de mulher que as mulheres preferem, rematou:

— "Não há mulher que deseje ser gorda. Isso prova, portanto, que a magreza bem proporcionada, ainda é o tipo que tôdas ambicionam alcançar"...

Uma jovem bancária, funcionária de um dos estabelecimentos da praça, foi mais além:

— "As mulheres querem sempre ser o tipo que os homens admiram. Por isso, nenhuma me diga que deseja ser gorda, porque estará mentindo. Eu mesma tenho o desassombro de dizer que já fui gorda, porém, achei que assim jàmais poderia ser elegante. Resolvi reduzir alguns quilos em meu peso. Procurei nas farmácias um produto muito recomendado pelos médicos — a "Emagrina" e, com dois vidros, apenas, sem a menor alteração na saúde, consegui obter o físico com que sempre sonhei".

E, para mostrar que sua afirmative era espontânea, ainda se deixou fotografar com aquele sorriso que falava mais que todos os adjetivos...

Num espaçoso apartamento da avenida Mem de Sá, tivemos ocasião de ouvir a senhorita Ermelinda Nicolini. E, delicadamente, fez-nos estas confidências:

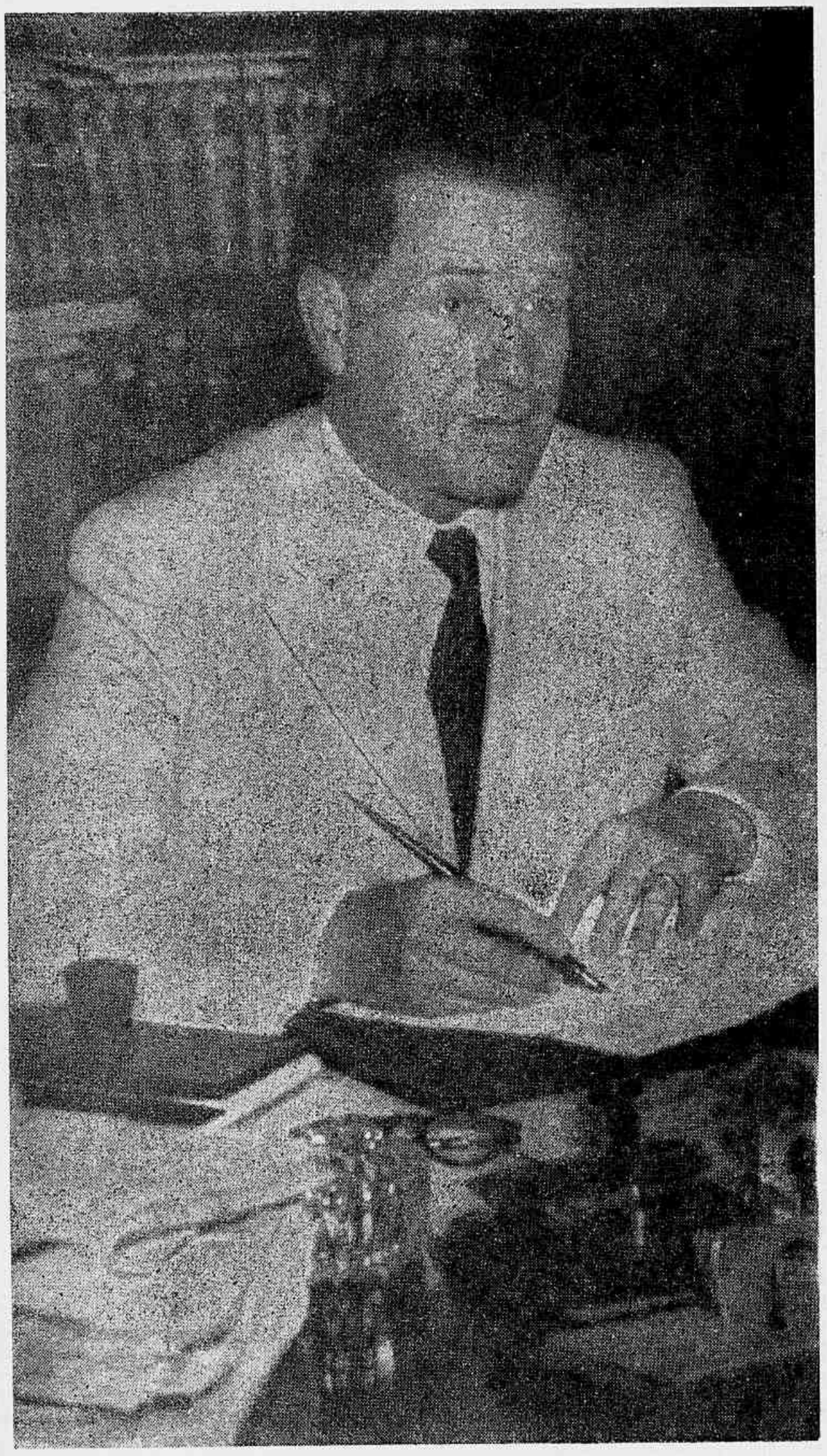
— "As mulheres, sejam quais forem, desejam sempre ser magras. Há, contudo, entre nós outras, a preocupação e o receio de encontrarmos produtos prejudiciais às condições orgânicas, resultando daí as precauções que adotamos, quando temos de usar qualquer processo para emagrecer. Há tempos, porém, uma amiga recomendou-me o prodigioso medicamento "Emagrina" e dele fiz uso, com ótimos resultados. Hoje, estou recuperando o físico desejado e, em apreciáveis condições de saúde, escrevi até uma carta aos diretores daquele Laboratório, expressando-lhes o meu reconhecimento. Por isso, em tôdas as oportunidades, recomendo sempre às minhas amigas que desejam ser magras, reconquistando a antiga e sempre ambiciosa elegância, êsse produto que está realizando prodígios no mundo feminino do Rio..."

Restava, ainda, ouvir a opinião de um elemento ligado ao comércio farmacêutico. E a pessoa visada foi a srta. Ilma Sobreiro Lopes, funcionária de uma das drogarias do centro. Disse-nos a prestimosa jovem:

— "A procura que "Emagrina" vem obtendo, fala bem alto de suas propriedades terapêuticas. Diàriamente, as mulheres formam filas em nosso estabelecimento, para obter vidros desse famoso produto. São criaturas gordas, desiludidas de um emagrecimento técnicamente orientado, que agora encontram na "Emagrina", o produto que há tanto esperavam. São mulheres magras que querem manter em forma a sua elegância, que vêem no notável remédio a maneira de estabelecer o equilíbrio orgânico. E, o que é mais interessante, o eco dos efeitos dêsse medicamento, atravessou as fronteiras do Brasil, pois temos recebido pedidos em proporções avultadas da Argentina, do Chile, do Uruguai e, atualmente, até dos Estados Unidos, onde sua aplicação vem sendo recomendada no mundo médico...

E estava encerrada a tarefa do jornalista. Conseguira atingir as finalidades de seu passeio, ao mesmo tempo que trazia para os leitores duas notícias interessantes: uma delas é de que as mulheres, em sua generalidade, não desejam gordura excessiva, que as enfeia e acarreta o advento melancólico da velhice precoce. E a outra, verdadeiramente sensacional, é de que acaba de aparecer um produto genuinamente brasileiro, capaz de trazer ao mundo feminino a tranquilidade e a elegância, realizando, em bases científicas, o milagre que outrora só os poetas e os pintores poderiam idealizar...

UM ANO DE TRABALHO



MINISTRO DANIEL DE CARVALHO

O ministro Daniel de Carvalho completou, ontem, o seu primeiro ano de trabalho no Ministério da Agricultura e todos os nossos agricultores são testemunhas do seu esfôrço em benefício dos produtores rurais de todo o país. Assumindo a pasta da Produção em um dos mais agudos períodos da vida nacional, o sr. Daniel de Carvalho tem procurado, por todos os meios ao seu alcance, resolver os graves problemas que nos afligem no que se refere à restauração de nossa economia rural e, como a sua atuação tem sido sincera e fecunda, a "REVISTA DA SEMANA" registra com satisfação o acontecimento, desejando-lhe o maior êxito à sua administração. Êsse êxito, aliás, já está positivado através das providências promovidas pelo ministro Daniel de Carvalho, salientando-se a perfeita articulação que estabeleceu com os serviços estaduais congêneres, após a reunião dos secretários da Agricultura em novembro de 1946, o que vem permitindo, ao Ministério da Agricultura, prestar assistência técnica e material mais ampla nos agricultores. Traçando um Plano Quadrienal para o Ministério da Agricultura, escolhendo auxiliares capazes, indo ao interior para verificar pessoalmente as reais necessidades dos que trabalham na terra, o sr. Daniel de Carvalho já marcou a sua passagem pela alta administração federal, e, no futuro, o seu nome será lembrado como um dos ministros que mais cuidaram de dar um rumo novo e seguro à nossa economia.

E O NOME DO AUTOR?

Na correspondência que costumamos receber dos nossos leitores, êstes, de um modo geral, quando pedem a publicação da letra de uma melodia qualquer, nunca se referem ao nome dos autores. Para êles, tanto "Marina" é de Francisco Alves como "Segredo é de Nelson Gonçalves quando, na realidade ambos não passam de seus respectivos intérpretes. A culpa, evidentemente, não lhes cabe, porque os nossos loquazes rapazes que comandam os programas das nossas emissoras são os únicos a estabelecerem a confusão. Entretanto, quando se trata de música estrangeira a coisa muda inteiramente de figura. Título da música, autores, intérpretes... Tudo é dito no mais legítimo inglês... da praça Mauá. Num desses últimos domingos, ouvimos a "Hora do Pato", da Rádio Nacional, comandada pelo sorridente Sr. Cury. E' um programa essencialmente musical. Ouvimos constantemente o elogio às qualidades do produto do patrocinador, as boas ou más qualidades dos dons artísticos dos calouros-intérpretes, mas quanto ao nome do pobre autor, nada. Vocês sabiam que êsse anonimato é reprimido por lei? O decreto N.º 21.111, de 1 de março de 1932, que aprovou o Regulamento para a execução dos serviços de rádio-comunicação no território nacional, diz apenas isto no parágrafo 1.º do seu artigo 85: "**A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outro meio, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos NOMES DOS AUTORES**". Ou será que é preciso uma lei mandando cumprir as demais?...

F. Corrêa da Silva.

THE PEANUT VENDOR
(El Manisero)

Fox de Marion Sunshine, L. Wolfe Gilbert e Moises Simons.

In Cuba, each merry maid,
Wakes up with this serenade:
Peanuts! They're nice and hot!
Peanuts! I sell a lot.
If you haven't got bananas, don't be blue,
Peanuts in a little bag are calling you;
Don't waste them, no tummy ache,
You'll taste them when you awake.
For at the very break of day,
The peanut vendor's on his way;
At dawning that whistle blows,
Through ev'ry city town and country lane;
You'll hear him sing his plaintive little strain,
And as he goes by to you he'll say:
Big jumbos's, big double ones,
Come buy those peanuts roasted today;
Come try those freshly roasted today!
If you're looking for a moral to his song
Fifty million little monkeys can't be wrong.

★

FINE THING

Fox de Johnny Mercer e Robert Emmet Dolan — Do filme "Dear Ruth", da Paramount.

If you want to know my reaction,
To anyone treating me this way;
If you want to know what I think of you,
This is all that I have to say.

Fine thing!
Waiting till you got me all alone;
Fine thing!
Turning on the glamor that way,
You must have known I was blue;
And wanted somebody whou could teach me
Just what to do and what to say;
Fine thing!
Knowing once you got me in your arms,
I'd cling just as long as you'd let me stay;
Just when I could'nt resist
And had to be kissed by someone like you;
Fine thing!
Making all my dreams come true.

★

LOVER

Fox de Lorens Hart e Richard Rodgers

Lover!
When I'm near you,
And I hear you speak my name,
Softly in my ear
You breathe a flame...
Lover!
When we're dancing,
Keep on glancing in my eyes,
Till love's own entrancing music dies.
All of my future is in you,
You're ev'ry plan I design,
Promise you'll always continue to be mine.

Lover, please be tender
When your tender fears depart.
Lover, I surrender to my heart.

★

MALA MUJER

Canción-ranchera de Gilberto Parra.

Ya no vuelvo a enamorarme
de amores que tengam dueño,
mala mujer, ingrata e mal agradecida
mi cariño le entregué
y a otro amor andaba engreido,
voy a buscarme otro amor
que sea más fiel.

Mis ilusiones
todas se las llevó el viento,
puedes buscarte amores
a tu contento,
mientras yo vivo en el mundo
borracho de sentimiento,
mala mujer!
tantas las vas a pagar.

★

REBELDIA

Tango de Oscar Rubens e Roberto Nievas Blanco.

I

Con las manos rojas de apretar el corazón,
ahogando um grito sordo de rancor...
Rebelde como el agua frente al fuego,
como el mar frente a las rocas
hoy me rebelo...
con tu amor tirano que no sabe de razón,
Rebelde con mi proprio corazón,
te pido que te vayas, que me dejes,
que te alejes de uma vez... será mejor!

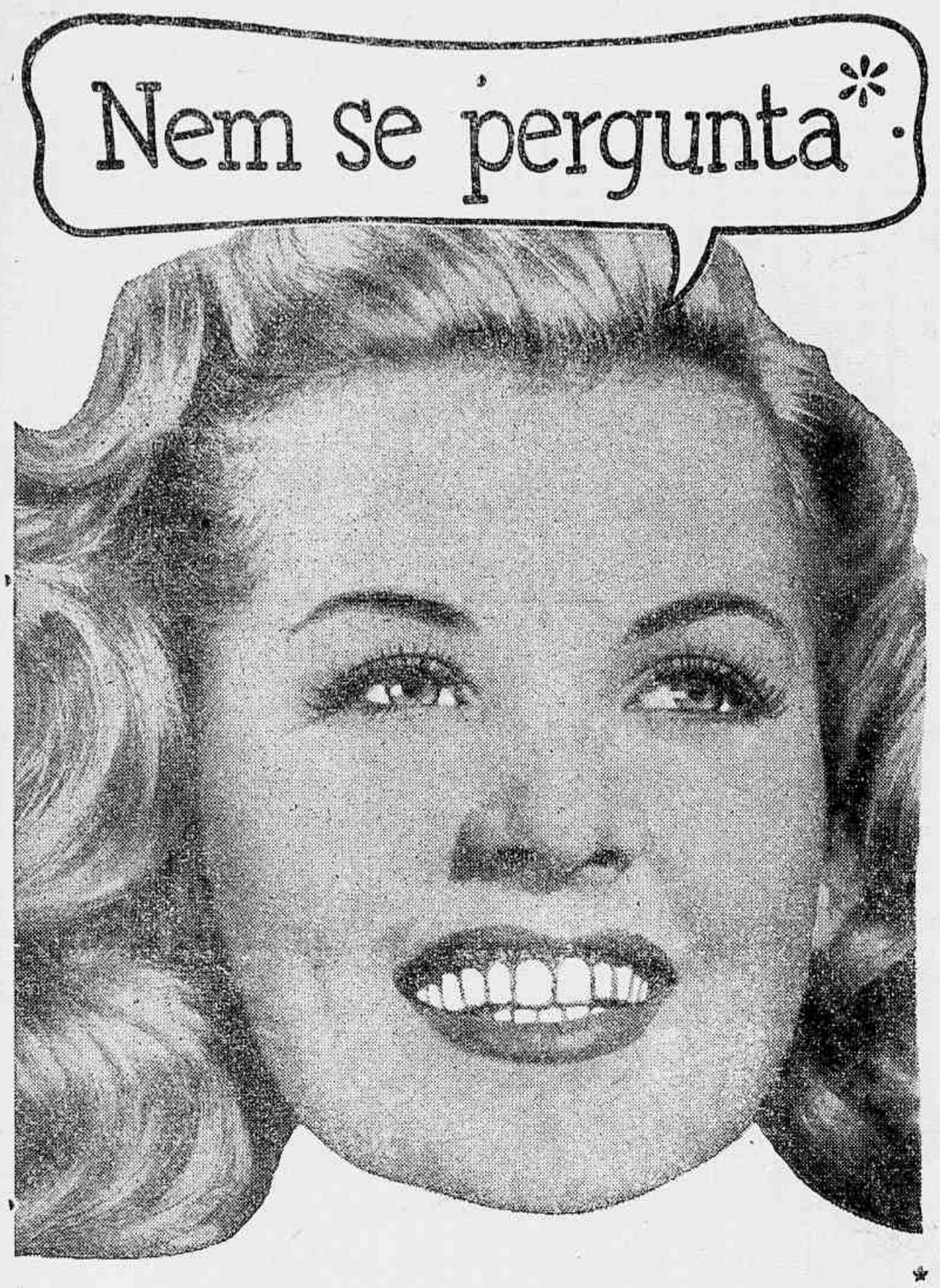
II

Sé
que lloraré después...
que
Jamás te olvidaré...
Sé que cada noche sin tu risa, sin tu voz
Cuánto extrañaré tu amor!
Pero es preferible más perderte
a seguir siendo un fantoche
solo por verte...
No
Déjame por favor!
hoy
se rebeló mi amor.

I bis

Sin pedirte nada te entregué mi corazón
a cambio de migajas de tu amor.
Gasté mi corazón y mi fortuna
entregado a la locura
de amarte tanto...
Pero ha sido inútil..., recibí por tanto amor
desprecio, falsedad y humillación...
por eso es que te pido que te vayas,
que te alejes de una vez... será mejor!

NUM PAÍS VASTO...
A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO
O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem da nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.
NATAL
J. PESSOA
RECIFE
CAMPINA GRANDE
MACEIÓ
ARACAJU
SALVADOR
VITÓRIA
RIO
Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condição de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.
MUTUTABA
UBERLÂNDIA
ARAGUARI
UBERABA
RIO
A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento da nossa economia.
RIO
SÃO PAULO
LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS
Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398



Só uso Kolynos!
diz
Barbara Bates

que aparece em "THE FABULOUS JOE" de Hal-Roach distribuido pela United Artists

... porque Kolynos embeleza o sorriso; porque a abundante espuma penetra profundamente, limpa os dentes, suavisa o hálito e deixa na boca uma incomparavel sensação de saude e frescor. Basta um centímetro de Kolynos, sobre a escova seca. As mulheres mais admiradas pelo seu sorriso sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!

O revolver

(Cont. da pág. 47)

O policial mais velho falou para o mais moço:

—Então foi mesmo daqui.

Alice só queria saber porque não tinham vindo senão três dias depois. Que lhe adiantava aquilo? Agora estava tudo acabado, o homem tinha sumido.

O polícia era amigo dos detalhes:

— Tem certeza de que chamou a polícia na segunda-feira?

Alice recobra a excitação de três dias atraz:

— Se tenho! Até repeti meu endereço muitas vezes, expliquei que era urgente, que o homem parecia doido e estava armado.

— A senhora conhecia o homem?

— Não, nunca o tinha visto antes. Era um bebado qualquer ou um doido, não sei.

— Branco ou preto?

— Mulato.

— Não o conhecia mesmo? não era nenhuma pessôa que tivesse brigado antes com a senhora e quizesse tirar vingança?

— Não. Não sei quem era. Só sei que de repente êle cismou que havia de entrar aqui e me matar. Que horror! Não posso nem me lembrar disso. Sentou-se, arripiada.

— Olhe as portas com trancas de ferro. Olhe alí o rombo que êle fez na madeira. Que homem horrível, parecia uma féra. Nem quando eu disparei o revólver êle se incomodou. Continuou forçando a porta.

O polícia mais velho fez um ar interessado:

— A senhora disparou?

— Sim Peguei o revólver e dei um tiro para cima, para ver se êle se assustava, mas qual o quê. O homem nem ligou.

— Era seu o revólver?

— Não, de meu marido.

— Êle tem licença de andar armado?

— Tem.

— E a senhora?

— Eu não. Eu vou andar armada então? Deus me livre!

O mais velho tomou um ar grave:

— A senhora vai nos acompanhar até a delegacia.

— Para que?

— A senhora não podia fazer uso de arma sem ter licença. E' contra a lei.

Tomou ar de comando:

— Vamos.

Os pés de Alice esfriaram.

— Mas por que? Eu só atirei para assustar, assim mesmo porque a porta estava cedendo e a polícia não vinha...

— Isso são detalhes sem importância. A senhora tem que ir ao distrito.

— Como é que não tem importância? O senhor não faria o mesmo no meu lugar?

E porque não vai procurar saber quem era êsse homem? Êsse sim, é perigoso, pode matar gente por aí. E anda armado, com uma enorme faca. Êsse é que o senhor devia levar para o distrito. Êsse é que o senhor devia saber quem era e prender. Um perigo, um bicho solto!

— Vamos para o distrito.

Alice ergueu-se.

— E' um absurdo. Mas é até ridiculo!

— Não tente resistir que é pior.

— Mas não está direito! Não está direito!

O homem pegou-a pelo braço e tomou a direção da porta. Alice gritou pela empregada.

— Ana! Ana, telefone para o meu marido, depressa, telefone! Ah, meu Deus antes o homem tivesse me matado. Com que cara vou voltar para casa?

A criada apanhou o telefone tranquilamente.

— Patrão? Olha aqui, agora mesmo a polícia veio. A polícia daquêle dia, que o ladrão estava aqui. Pois é; patrão. Levaram a madame para a cadeia. Eu que não sei. Pode vir que eu conto tudo ao senhor.

Largou o fone e foi olhar a patrôa que caminhava êntre os dois soldados, de mão no rosto, parecendo chorar. Os dois polícias marchavam firmes, imponentes, cheios de entusiasmo por si mesmos. Pareciam dois generais vitoriosos, depois de uma luta intensa e perigosa. Foram andando, andando e sumiram na esquina.

O poncho do Manoel

(Cont. da pág. 29)

que Manoel passa as mãos com carinho e tristeza por sôbre o poncho queimado, como quem pede perdão para êle e para aquela mulher linda que a morte levou e que dormiu mais de um mês sob o calor do seu poncho bonito. Por isso é que êle está quieto, com uma lágrima pendurada nas pestanas escuras. Aquêle poncho e o perfume gostoso que havia em suas dobras, era a única lembrança que lhe ficára de Marina.

Não soube bem como foi aquilo. O Bentinho, filho do patrão, estava com a lata de querozene na mão para levar lá para dentro, que a dona Maria tinha pedido, quando passou por perto da fogueira. Bem o velho estancieiro havia dito que tomasse cuidado! Mas foi uma coisa tão rápida que, quando a peonada viu, as bombachinhas do Bentinho estavam em fogo e aquêles gritos dolorosos enchiam o galpão. Manoel foi o primeiro que se mexeu. Sem mesmo saber o que é que tinha nas mãos, atirou-se para o menino e enrolou-o nas dobras da fazenda macia, abafando o fogo. Depois que levaram o guri para dentro, que viram que tudo não passára de um susto e de umas queimaduras pequenas, é que Manoel olhou para os pedaços de pano que estavam em suas mãos meio chamuscadas. Foi então que êle viu que era seu poncho!

ONDE NINGUEM TRABALHA SEM SER HEROI

★

Trabalhando com Esso, Brasil afora

Madrugada, meio-dia ou noite densa, sempre é noite em quase toda a floresta amazônica... E o seringueiro, heroi de alpercata e peito semi-nú, põe a tiracolo a winchester, e carrega os instrumentos de trabalho, um dos quais inseparavel: a lanterna de querosene.

Com o querosene das lanternas, ou a gasolina e o oleo dos barcos-motores, Esso leva os seus serviços aos mais longinquos meandros da Amazonia.

Brasil afora, em qualquer cidade ou aldeiola, e qualquer que seja o seu ramo de produção ou trabalho — agricultura, industrias ou transportes — Esso está sempre apto a servi-lo.

Na Amazonia, ou onde mais que for Brasil — para as máquinas de seu trabalho ou para o seu carro, caminhões ou — ônibus, o roteiro certo, em combustiveis e lubrificantes, é o Oval Esso.

★ STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL ★

McCann

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tonico poderoso

NUPCIAS — Constituiu uma nota elegante o enlace matrimonial, realizado a 27 de Setembro, da senhorita Marília Lopes Gonçalves, filha do sr. José Ribamar Lopes Gonçalves, alto funcionário do Banco do Brasil, e sua senhora, com o Primeiro Tenente-Aviador Fernando Ramos Pereira. Tanto o ato civil como o religioso, êste efetuado na Matriz de Santa Terezinha (Tunel Novo), tiveram distinta assistência. Damos nesta página uma fotografia do jovem casal, feita após o ato civil na residência dos pais da noiva, por ocasião do brinde nupcial.

Dez horas da noite, São Paulo...

(Cont. da pág. 46)

no passeio fronteiro, a pouca distância, como polícias de plantão, a ver o que saía do meu caso.

As mulheres miravam-me o chapéu, o casaco de bom corte, os sapatos, num rápido olhar de inveja. Iam depois andando e falando de mim. Algumas viravam-se para me olharem ainda outra vez antes de me perderem de vista. Passaram duas muito pintadas, em cabelo, chinelas de penas nos pés, casacos de peluche abertos sôbre vestidos claros, e perguntaram a um dos mirones fronteiros, apontando para o meu lado:

— Que é isto?

O homem encolheu os ombros, como quem não sabia.

E o taxi sem chegar! Eu não me atrevia a atravessar sòzinha a rua, a ir vinte metros além, onde êles estacionavam em praça, sob a morrinha. Diante de mim continuavam a passar elétricos e táxis, em desfilada, indiferentes ao meu suplício. Entretanto, eu estava ali, em exposição, entre os umbrais duma porta de S. Paulo, sendo o escândalo e a preocupação da rua! Calcula-se, em S. Paulo...

De repente veio para a escada uma rapariga em cabelo, pobremente vestida, cara de operária, com um pequeno casaco lançado sôbre os ombros. Entrou ràpidamente, meteu-se no canto escuro do patamar e disse-me em voz baixa:

— Esconde-te, que vem aí a polícia!

Eu fiquei imóvel, a cara virada para o lado da rua de onde saíam os taxis, e os olhos torcidos, de soslaio, para o ângulo escuro onde se acoitava a mulher. As palavras estranhas pairavam no ar, enormes e monstruosas, e, se conseguiam entrar-me pelos ouvidos, não me cabiam no cérebro. "Esconde-te, que vem aí a polícia"... Mas porque me tratava por tu aquela desconhecida? pensava eu. E porque se escondia da polícia? Levei seu tempo a compreender... Estas coisas não se compreendem logo...

— Ah! era uma dessas... — murmurou Teresa, muito emocionada:

— Pois era... Uma dessas... E não calculas como ela era... Nova, modesta, sem rouge, sem pó de arroz... Tal qual uma operária! E prevenia-me, como a uma igual! Julgou que eu não ouvira a prevenção, e repetiu:

— Esconde-te! Vi o polícia!

Eu me vi forçada a responder, humilhadíssima, e sem olhar para ela.

— Descanse, que o polícia não me prende...

A rapariga refletiu um momento e disse, alto, lá do seu canto escuro, como num desafio:

— Êles prendem as que são honestas e as que não são...

★

E eu tive medo. Pensei, aterrada, que eram dez horas da noite e que eu estava só, à espera dum taxi, na soleira duma porta de S. Paulo. O caso, pelo visto, era sério. Vi-me prêsa, na esquadra, sentada num banco ignóbil, entre ladrões, e a responder ao interrogatório dum comissário façanhudo, e a ter o nome nos jornais ao lado duma fotografia horrorosa... Que vergonha! Mas, eu, eu... eu havia de me esconder? Mas eu havia de me pôr ao lado da mulher perdida, no canto escuro do patamar, à espera que o polícia passasse? Não! E o taxi? Não aparecia! Já esperava há cinco minutos. Uma eternidade, às dez da noite, em S. Paulo...

O polícia veio do outro lado da rua, sem que eu o visse chegar, pachorrento, em passo de ronda, as mãos cruzadas nas costas. Quase roçou por mim e mirou-me de alto a baixo, com estranheza. Eu deixei-me ficar imóvel, aterrada até a alta, com os olhos fitos no lado da rua donde esperava o taxi, mas espiando, à socapa, as reações da féra. E êle foi-se, sem dizer palavra, devagar, muito devagar. Vi-lhe, com alívio, as costas curvas, com a geba da gordura e da vida folgada, as mãos escuras,

(Cont. na pág. 56)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

As perturbações cardíacas não devem encurtar a sua vida SE...

As perturbações cardíacas têm, na verdade, permitido a muitas pessoas viver longa e produtivamente.

Vida longa — ou morte prematura por moléstia do coração? Você pode escolher...

Graças aos esforços dos médicos, hoje há novos horizontes para os que sofrem do coração.

É um grande "SE" — Sim, seu médico pode protegê-lo *se* você o consultar quando aparecerem os primeiros sintomas. Muitas perturbações podem afligir o seu coração, mas nenhuma delas precisa ameaçar a sua vida *se o diagnóstico é feito precocemente, seguindo-se o tratamento adequado.* Êstes são os maiores inimigos de seu coração: pressão sanguínea alta, endurecimento das artérias, moléstias infecciosas, amígdalas ou dentes infeccionados. A maneira mais comum (inteiramente desnecessária) de forçar o coração: excesso de pêso ou prática de esforços exagerados — especialmente depois dos 40 anos.

Como conservar o coração forte e saudável. Em primeiro lugar, decore os sintomas já citados. Qualquer dêles deve levá-lo a procurar seu médico imediatamente. A demora pode ser fatal! E proteja o seu coração (em particular se passou dos 40 anos) seguindo êstes preceitos:

1. Mantenha o pêso adequado. Seja moderado no comer.
2. Faça exercícios moderados, mas regularmente
3. Procure descansar e dormir convenientemente.
4. Se usa fumo e estimulantes, não abuse dêles.
5. Peça ao seu médico que o examine uma ou duas vêzes *por ano.* Siga suas instruções.

Novos medicamentos e novas técnicas oferecem novas esperanças. O *diagnóstico* hoje é mais preciso graças ao raio-X, à radioscopia, ao electrocardiograma. As *infecções,* que fatigam o coração, podem agora ser *abreviadas* com o uso de muitas drogas novas... E uma cirurgia miraculosa e bem sucedida pode agora corrigir muitos males do coração antes sem cura.

E lembre-se disto: *o mêdo pode causar tantos males quanto as próprias perturbações reais do coração.* Os *sintomas* que observa podem ter uma causa bem menos séria. Em vez de se assustar — procure o seu médico!

● Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.

SQUIBB
PRODUTOS FARMACÊUTICOS

RONRICO
SEM EXCEÇÃO O MELHOR
PARA:
Coolers - Highballs
Cocktails - Collins
Punches - Grogs
Á venda nos melhores bares e armazens
Para o Conhecedor RONRICO Sem exceção o MELHOR
* Marca Registrada
(Rums Ronrico de 86, 90 e 151 graus)
RONRICO CORPORATION, SAN JUAN, PORTO RICO
Distribuidor no Brasil - USABRA - Rio de Janeiro

IMPRESSIONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍS!
EMAGRINA
Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.
Adquira nas farmácias ou drogarias
EMAGRINA
ou pelo serviço de reembolso, CAIXA POSTAL, N.º 2335
Rio de Janeiro

EM RENDA, CETIM E TULE

A vida de B. Mussolini

(Cont. da pág. 25)

poder começava a escapar-lhe das mãos. Os italianos estavam descontentes e ansiavam por uma mudança. Devia fazer-se alguma coisa para desviar-lhes a atenção do seu malôgro como estadista. Uma guerra traria a mudança desejada. Mas era preciso ser uma guerra fácil, que só pudesse resultar numa vitória italiana. Maquiavel ensinara-lhe que é fácil conseguir vitórias, se tomarmos o cuidado de não escolher um adversário de fôrça igual à nossa. Um homem contra uma criança — isso é que seria uma proeza à altura das ambições dum Mussolini! O Duce olhou em tôrno de si, à procura duma criança cujo assassínio lhe proporcionasse o necessário ensejo para vangloriar-se; descobriu-a na Africa. Atacou a pequena Abissínia, conquistou-a a muito custo, e soltou um brado de triunfo que reboou pelo mundo inteiro.

Como excusa para arrastar à guerra etiópica o povo relutante, Mussolini dissera que essa campanha havia de enriquecer os italianos. Mas não tinha ilusões a êsse respeito. Quando terminou a guerra e veio o desengano, o pedestal a que Mussolini subira começou a vacilar. Novo espetáculo devia ser levado à cena, e depois outro, e mais outro, para conservar o povo embriagado por uma contínua fermentação de odio. Era preciso que alguma coisa desviasse a atenção popular dêste fato evidente: Mussolini representava uma úlcera no corpo da nação. Enviou a mocidade italiana à Espanha, para lutar e morrer por questões que lhes eram estranhas. Destruiu a independência da Albânia —

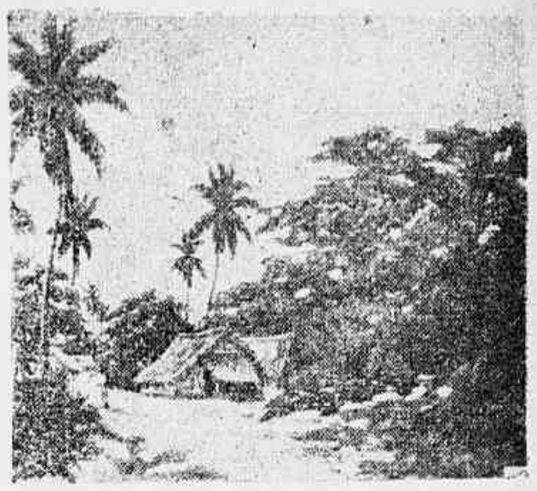
A esquerda: Suntuoso modêlo para a noite, com corpete de renda preta que se estende sôbre uma sáia de cetim branco, muito ampla. Grande ramo de rosas sôbre a sáia. Êste modêlo leva anquinhas. À direita, Laraine Day apresentando um lindo modêlo em renda branca salpicada de lantejoulas. Corpete e barra da sáia em tule rosa claro

outro exemplo dum malfeitor a assassinar uma criança. Associou-se a Hitler na perseguição contra os judeus, embora tivesse feito em 1924 a solene promessa de que o anti-semitismo nunca haveria de encontrar terreno propício na Itália.

E quando, em 1940, as legiões nazistas chegaram às portas de Paris, Mussolini concluiu que já não havia perigo em declarar guerra à França e à Grã-Bretanha.

Tais foram os bárbaros métodos, velhos como a barbárie dos antigos déspotas orientais, que Mussolini empregou na conservação dum poder adquirido por meio da rapina e do homicídio. Tudo o que se obtém por meio da violência com a violência deve ser defendido, e é quase certo — assim ensina a história — que há de ser perdido violentamente. A tirania é uma chama que destrói o tirano. Esta não é apenas uma lei moral, mas também uma lei física, descoberta há dois mil e trezentos anos por Aristóteles. "A tirania", escreveu êste sábio filósofo e inspirado profeta, "é a mais frágil das formas de govêrno". Apeado do cargo de primeiro ministro pelos seus próprios companheiros do fascismo ante a derrocada italiana, foi preso, raptado de prisão pelos alemães, levado para junto de Hitler, mas, finalmente, recapturado, após o colapso da Alemanha, quando tentava fugir para a Suíça. "Partigiani" o prenderam, perto de Milão, fuzilando-o, juntamente com sua amante, Clara Petacci, e outros membros de sua comitiva. O corpo de Mussolini e dos outros fugitivos, foram pendurados pelos pés, em uma garage, ficando ali expostos à execração pública.

(Do livro "Vidas de Estadistas Famosos")



MARIO CHANKA, PINTOR DO NORDESTE E DA AMAZONIA — A foto, reproduz uma das telas do pintor cearense Mario Chanka, que no mês passado expôs com grande sucesso no Museu Nacional de Belas Artes. Esta sua segunda exposição no Rio, na qual exibiu mais de trinta telas sôbre motivos nordestinos e amazônicos, confirmou inteiramente o juízo de crítica especializada, que já o elegera um dos melhores pintores da nova geração.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:

O Creme Rugol simplifica extraordinàriamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cútis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...

Quase tôdas as imperfeições da cútis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.

Aplique Rugol tôdas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME RUGOL

Mantém em segrêdo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Depois aos folguedos,
alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosos sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA DURYEA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os mêses, aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males, sim, porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências, dôres, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrazadas, suspensas, diminuidas e suas consequências; anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os mêses do ano.

Dez horas da noite, São Paulo...

(Cont. da pág. 33)

Miranda, e, agora, filmada em Buenos Aires, com um e sumiu-se.

Da leitaria, mesmo em frente, saiu então um rapaz de boina, bonitote, gingão, a gabardine aberta sôbre uma blusa de camurcina. Julguei que vinha falar-me e estive, vai não vai, a gritar pelo polícia. O homem deu fé do meu pavor e estacou. Tinha saído da leitaria em direção a mim, mas parou antes de atingir o passeio. Eu calei o grito prestes a sair. Ele, assim afastado, assobiou e chamou, baixo:

— Eh! Rôla!

A rapariga do casaco pelos ombros saiu do seu canto escuro e alcançou a rua. O homem pegou-lhe no braço. E, indicando-me com o queixo, perguntou à companheira:

— Quem é?

Ela fez um trejeito de ignorância.

— Parece que é uma senhora...

Foram-se os dois pelo caminho oposto ao do polícia. Eu fiquei a segui-los com os olhos, a devorá-los com os olhos. O milieu, hein! Sempre é verdade o que se lê nos romances, aquela gente existe, realmente, existe... E' o homem, e a mulher, são os negócios... Logo depois parou à porta o meu taxi. Abalei. Mais adiante encontrei de novo a rapariga. Tinha a mão pousada no braço dum velhote bem pôsto e falava-lhe animadamente, com risos saboreados. A poucos metros, parado, o rapaz disfarçava a sua presença no sítio com a contemplação duma montra de camiseiro. Eu passei no taxi, e nunca mais os vi, nem nunca mais os esqueço... Nem ao polícia, e fitar-me, a avaliar-me, como se suspeitasse de mim...

Teresa apanhou o Paris-Soir e murmurou com inveja:

— Tens sorte... Comigo nunca se passa nada de interessante, é uma sensaboria...

Depois, de chôfre, como quem se informa:

— A tua modista costuma estar em casa tôdas as noites?

ARTURO DE CORDOVA...

(Cont. da pág. 19)

Miranda, e, agora filmada em Buenos Aires, com um elenco que tem como primeira figura o ator Arturo de Cordova, galã de "Fantasia Mexicana", "Gaivota Negra", "A morte de uma ilusão", "Refens" e vários outros filmes de Hollywood, foi chamado dos Estados Unidos para fazer o papel do falso mendigo, sendo contratada a notável atriz argentina, Zully Moreno, ora em franca ascensão, para o papel de Nancy. O elenco é magnífico, os "sets" são de uma grandiosidade sem par, o diretor trabalha com afinco e entusiásmo e, — o que é ainda mais significativo, — o ator Arturo de Cordova afirma que é êsse o maior papel de sua carreira, pois nem mesmo em Hollywood lhe deram tão bôa oportunidade para revelar o seu talento.

— Estou certo de que tenho nas mãos um dos melhores papéis de minha carreira cinematográfica. Espero que, dando-lhe embora um feitio pessoal, possa agradar a meus "fans" do Brasil, ao grande dramaturgo Joracy Camargo e, ainda, — embora seja essa a parte mais difícil, — aos que viram êsse papel interpretado no palco pelo seu criador inicial, meu ilustre colega Procópio Ferreira, de quem me chegam há muito tempo, as melhores referências. Diga, por meio da "REVISTA DA SEMANA", que me sinto orgulhoso, como mexicano, de interpretar no cinema argentino um argumento brasileiro, porque sinto que, desta forma, o panamericanismo adquire um aspecto prático e operante.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

COLCHAS

DIRETAMENTE DA FÁBRICA

APROVEITE ESTA OFERTA, LINDA COLCHA N.º 75 DE CRETONE FINÍSSIMO, 1,85 x 2,00, ESTAMPADA EM CÔRES FIRMES: AZUL MARINHO (FUNDO AZUL CLARO), GRENAT (FUNDO ROSA)

Cr$ 158,00 sómente c/Despeza

Faça o seu pedido ainda hoje e pague pelo Reembôlso Postal só quando receber a encomenda. Utilize o cupão anexo

A BENEFICIADORA TECNICA DE TECIDOS LTDA.
CAIXA POSTAL 2632
RIO DE JANEIRO

Queiram enviar-me:
Colcha n.º 75 ..... côr .....
Nome .....
Rua e N.º .....
Cidade .....
Estado .....

Petroleo, um sonho...

repetir o sonho. Como eram as coisas... Aquele homem vir de tão longe para ter êsse sonho! Simão estava incumbido do mais importante: fazer as listas, escrever nos leilões, tomar conta enfim dos negócios da santa. O dinheiro dado e os rendimentos eram postos em suas mãos. Em menos de um mês já tinham conseguido perto de vinte contos de réis. Depois de tudo, o padre viria entrar em entendimento sôbre a construção da capela.

Uma noite, após o leilão, o baiano se dar-se ao trabalho de contar e arrumar as quantias até então arrecadadas. Via em cima de sua mesinha todo aquele dinheirão misturado, — fruto do seu sonho, que tinha tocado fundo o coração daquela gente crente e boa. Sentou-se e começou a pensar. Passou um olhar retrospectivo em sua vida. Lembrou-se saudoso do seu povoado distante, banhado pelo Vasa-Barris, cujas águas circundam léguas acima o arraial histórico de Canudos. Evocou os seus pensamentos de criança; sua admiração medrosa pelo Conselheiro, cuja história e psicologia foi compreendendo com o correr dos tempos; por fim, seu sonho com o petróleo, sonho louco que o fez vir de tão longo...

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinal e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pela viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alcim & Freitas.

TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza
Creme, pó, rouge, água, pasta, etc
Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século

Rua Assembléia n.º 115-1.º — Fone: 22-4685

Contra dôres
CAFIASPIRINA
o remédio de confiança

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Um folhetim-sintético-ilustrado de "REVISTA DA SEMANA"

Por ELIZABETTE GOUDGE
Desenhos de LAWRENCE BUTCHER

Ele atirou a primeira flor.

Marguerite sentou-se sob o dossel de flores

William, tomando-a nos braços, beijou-a.

MARGUERITE Le Patourel e William Ozanne, de mãos dadas, correram para a pequenina casa de St. Pierre-Du-Bois, de onde tinham vindo os vivas e as palmas. Dentro, na cozinha típica da região, o entusiasmo fôra substituído pelo silêncio, tal a beleza da cena deparada. No centro do cômodo estava o trono, coberto por um tapete de pétalas de flores mais lindo do que qualquer um que fosse tecido em seda ou lã. Por cima havia um dossel decorado com os lírios da ilha, brancos e rosados, em forma de trombetas. Nenhuma rainha jàmais poderia ter mais belo trono. E ali sentar-se-ia, neste tradicional dia de revista, a mais linda moça da ilha. O processo de escolha consistia em cada homem atirar uma flor na moça que achasse mais linda, e aquela que recolhesse o maior número delas seria a rainha.

Um jovem e alto pescador (indicado para atirar a primeira flor porque sua namorada morrera pouco antes, não podendo êle, portanto, ter favoritismos) avançou para o centro da sala. Naquele instante um raio de sol entrou por uma janela ao lado do trono e iluminou Marguerite, que, ao lado de William, assistia a cena. Ela era a única moça ali vestida de branco. Tirara o chapéu e seus cabelos reluziam ouro ao raio de sol. O rapaz prendeu a respiração e atirou uma rosa branca sôbre Marguerite. Houve uma gritaria de aprovação e as flores vieram rápidas e muitas. Levantaram-na do solo e a levaram para o trono. Ela ficou sentada, imóvel e graciosa, sob o dossel de flores, os olhos brilhantes como estrelas.

Admirando-a, William sentiu um aperto no coração. Agora, de acôrdo com a tradição, o eleito da rainha devia beijá-la, beijo êsse que tanto selaria a sua maioridade como a traria de novo ao mundo dos mortais. William aproximou-se de Marguerite, ergueu-a do trono e beijou-a. Uma explosão de aplausos coroou o momento. Mas houve uma pessoa que não aplaudiu, uma mulher com um belo vestido verde que acabara de entrar. Marianne Le Patourel ficou parada, rígida, no umbral da porta, seu rosto frio e inexpressivo dando muito leve amostra do desespero que lhe ia no coração.

Foi Marianne quem o consolou.

Ela olhou para longe. Os outros se despediam de William.

— Não me esqueça. — ela implorou

VENDO William e Marguerite num longo beijo sob o dossel de flores, Marianne Le Patourel verificou que já não podia fingir que não sabia. Ficara claro no mais obtuso observador que o amor entre aqueles dois era o legítimo amor que pode existir entre homem de mulher, e que é soprado sôbre o mundo como sua fonte de vida; e Marianne não era uma observadora obtusa.

Fria e calculadamente ela resolveu lutar pelo amor de William, e vencer. Ela não desistiria, aceitando satisfeita um segundo amor, como sua mãe. Ela havia de casar com William, mesmo que êle amasse Marguerite.

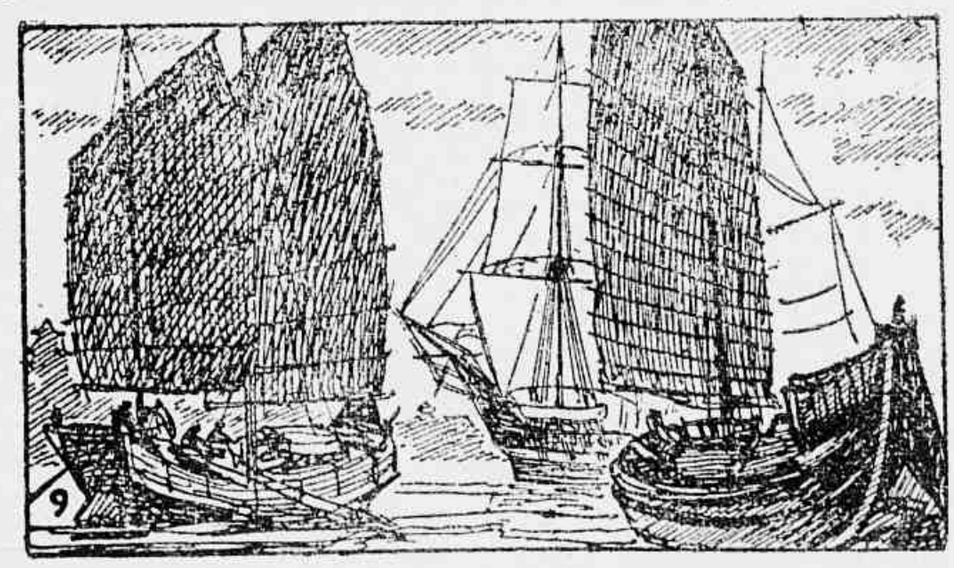
Poucos dias depois o vaso de guerra "Orion" devia partir de St. Pierre para os mares da China... com William a bordo. Durante aqueles poucos dias, ela conseguiu monopolizar as atenções de William... para consternação de Marguerite. E foi num dêsses dias que William recebeu a notícia de que seu pai, o dr. Ozanne, morrera na casa de um dos clientes. E foi Marianne, não Marguerite, quem o acompanhou até lá. E foi Marianne que o consolou em sua profunda dor, e quem com êle voltou para a casa da rua do Delfim Verde, uma vez mais destinada a permanecer vazia. Na manhã da partida do "Orion", os Le Patourel, pai, mãe e filhas, estavam com William enquanto êle aguardava o bote que o levaria para bordo. Quando o bote se aproximou, Sophie tomou-o contra o seu colo maternal, abençoando-o à velha moda da ilha. Octavius apertou-lhe a mão.

Marguerite beijou-o sem uma palavra, pois sua tristeza era tão imensa que ela mal podia respirar. Seus lábios, pousados na face de William, estavam frios. Ela fôra tão feliz, e tudo acabara tão depressa, e William não lhe dissera uma só palavra de amor.

Marianne virara-se para outro lado enquanto os outros se despediam de William, mas desceu com êle os degráus e lá embaixo, junto ao mar, passou-lhe os braços apaixonadamente em torno do pescoço.

— Não me esqueça, — implorou ela, numa inflamação tal que era um vivo contraste com a frieza de Marguerite. — Como se eu pudesse esquecê-la! — respondeu William. — E nunca esquecerei o que você foi para meu pai.

E foi no caminho de casa que Marianne disse a Marguerite: — Você é uma santa, Marguerite, mas é também uma tola.



O "Orion" parecia deslocado na pitoresca baía chinesa.

Ela sorriu e entrou. William seguiu-a

— As ordens, — disse ela. — Que deseja comprar?

O "H. M. S. Orion" estava ancorado na pitoresca baía de uma cidade chinesa, grande, imponente, contrastando com as cascas de noz que são os barcos de pesca chineses. William, com um grupo de oficiais, tivera licença de ir à terra com ordem estrita de regressar ao pôr do sol, pois de madrugada o "Orion" levantaria ferros. Logo, William separou-se dos outros. Êle queria comprar presentes para Sophie, Marianne e Marguerite. Marguerite... não fôra uma moça feliz a que William deixara ao vento da baía de St. Pierre. Seu pensamento fixou-se em Marguerite, e êle se arrependeu por não lhe ter falado em seu amor.

William acordou dos sonhos para verificar que estava inapelavelmente perdido naquela estranha cidade. E sentiu receio; não de violência física, pois além da pistola êle ainda tinha a faca maori que lhe fora presenteada pelo capitão O'Hara, muitos anos antes.

De repente, teve a estranha sensação de que estava sendo observado e seus olhos procuraram, para encontrar os de uma mulher que caminhava à sua frente, graciosamente. Ela olhava para trás, por sôbre o ombro, e seus olhos, rasgados e suaves, sorriam com os lábios. Êle reparou que os olhos dela não eram iguais aos das outras, não tão estreitos, o que ela caminhava com uma graça imensa, sôbre os seus pés sem atrofia. De novo ela sorriu, parando num portal, e entrando para as sombras. William seguiu-a.

E viu-se justamente na espécie de loja que estivera procurando. Objetos belíssimos por todos os cantos; esquisitos vasos chineses, caixas de madeira lavrada, estatuetas de jade.

— As ordens, — disse ela. — Que deseja comprar?

— Você sabe inglês? — perguntou William, admirado. Ela acenou com a cabeça. — Meu pai era inglês, mas marinheiro como você. — Êle disse o que queria. — Três damas? — ela piscou os olhos. William enrubesceu.

William explicou e logo ela lhe mostrou três coisas que escolhera. — Isto, é para a mamãe — disse ela, estendendo um corte de cetim cor de pérola. — Para a irmãzinha que é miúda e morena, êstes sapatinhos vermelhos. E para ELA, êste colar de madeira lavrada. O pingente é esculpido na figura de Lung-mu, que protege os marinheiros, e ela rezará por você quando o vento estiver forte. — E, na ponta dos pés, ela passou o colar pela cabeça de William. Suas mãosinhas pousaram-lhe carinhosamente no largo peito e ela olhou dentro dos olhos dele. Impulsivamente, William estendeu os braços e tocou nas flores dos cabelos dela.

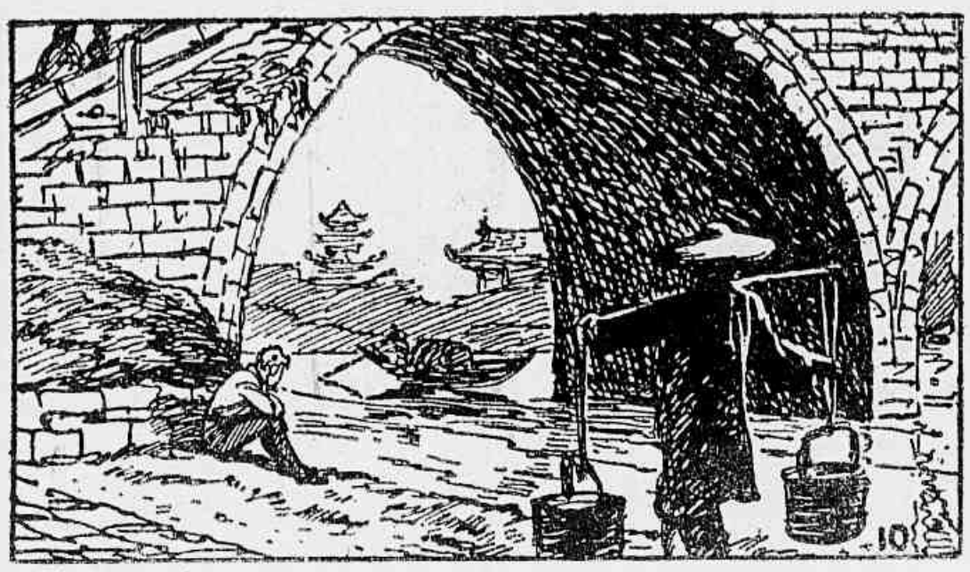
Elas crescem assim lá em casa, — disse êle. Ela chegou mais perto e o coração de William pulsou violentamente. — Você está saudoso do lar, — sussurrou-lhe no ouvido e num instante estava nos braços dele.

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Este folhetim continúa na próxima semana, nestas mesmas páginas

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate

Tradução de JORGE A FORTES



— Estúpido! — gemeu William. Fôra enganado por uma mulher bonita.

Louca excitação dele se apossou.

— Que diabo? — berrou o capitão O'Hara.

ESTÚPIDO que sou, — lamentou-se William, com a cabeça entre as mãos, sentado contra a pedra fria de uma ponte, pois maldizer-se era no momento seu único consolo. E repetiu a lamúria. Êle até ali não sabia que era possível ficar tanto tempo passando mal como passara, nem que se podia ter uma tal dor de cabeça, como tinha.

Fora miseràvelmente enganado por uma bonita e inescrupulosa mulher, e ainda por cima narcotizado e roubado. Nada lhe restava além da camisa e da calça... e, sim, da faca maori que lhe dera o capitão O'Hara, escondida no bolso da calça, e do colar de madeira lavrada, que ainda pendia do seu pescoço. Aquilo fora comprado para Marguerite. Ao pensar nela, êle sentiu-se tomado de vergonha. Estremeceu da cabeça aos pés, uma frase enlouquecedora batendo-lhe como martelo na cabeça dolorida, cada pancada um soluço de dor: "H. M. S. Orion" parte de madrugada. "H. M. S. Orion" parte de madrugada."

Chegando à baía, êle viu barcos de tôdas as nações. Juncos, grandes navios, barcaças, marinheiros, náus do Levante, da Escandinávia, de tôda a Ásia, mas, no momento, nenhuma das Ilhas Britânicas. O "H. M. S. Orion" partira mesmo de madrugada. William soluçou em desespero e saiu vagando pela orla da baía, procurando, esperançoso. Então, uma louca excitação dele se apossou, pois lá, com seus mastros e velames elegantes, embora fortes, contra o céu, seus metais reluzindo ao sol, estava o "Delfim Verde"!

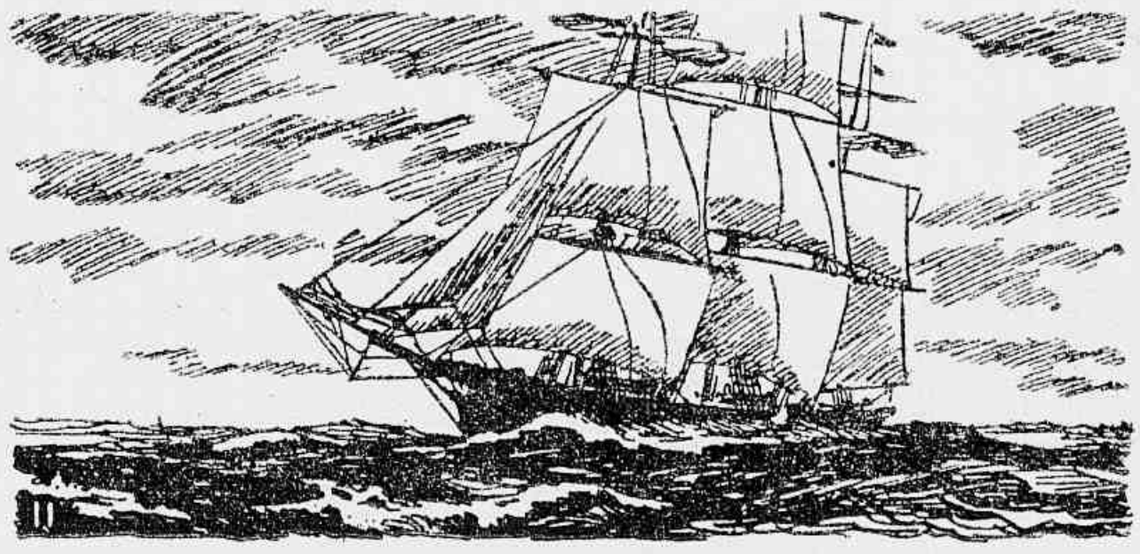
O mundo se aproximava dele novamente, enquanto êle via o navio cada vez mais próximo. Até que afinal galgou a prancha de acesso e chegou ao tombadilho. Correu incontinenti à cabina do comandante, onde se inclinou sôbre a mesa de teca em que há anos gravara suas iniciais. Olhou em tôrno. A paz era completa. Era como chegar em casa. Êle fechou os olhos e escutou os familiares ruídos de bordo que eram parte da sua vida, o ranger dos cordames, os comandos gritados, e então percebeu que o barco navegava.

A porta do camarote bateu e William descerrou os olhos. Lá estava Nat, com o imundo gorro escarlate, suas mutiladas, simiescas feições, o peito tatuado e o olho de vidro... tudo o mesmo.

— Nat! Nat! — disse William em voz baixa, tombando numa cadeira.

— Que diabo? — rugiu o capitão O'Hara, entrando. William ergueu os olhos. — O senhor disse que nunca me esqueceria, senhor! — falou William, e, metendo a mão no bolso desembainhou a faca maori, jogando-a sôbre a mesa. Nat desferiu uma risadinha sincopada, engasgou-se e apontou as iniciais W. O. gravadas na mesa

Êle jogou a faca sôbre a mesa.



— Quando voltei, — declarou, — meu barco tinha partido.

Êle falou a William sôbre a Nova Zelândia.

AQUELE menino! — berrou o capitão O'Hara, quando seus olhos deram com o dedo de Nat sôbre as iniciais W. O. — Aquele menino da pequenina ilha. Por Deus, parece que foi ontem! — E logo:

— Que houve, filho? O que há com você? Hein?

Sua referência à ilha fôra infeliz, pois William caíra num choro convulso. Depois, contou sua história, tratando de não falar no "Orion" nem na Armada Real, em relação a si mesmo. Falou na licença de desembarque e em como se perdera. — E quando voltei à baía, — terminou William, — meu barco tinha partido. Vi o "Delfim Verde" e subi. — O capitão O'Hara fez uma careta.

— Mulheres e narcóticos? — perguntou êle. — Sim, — disse William. — Seu trouxa, — disse o capitão O'Hara, sorrindo.

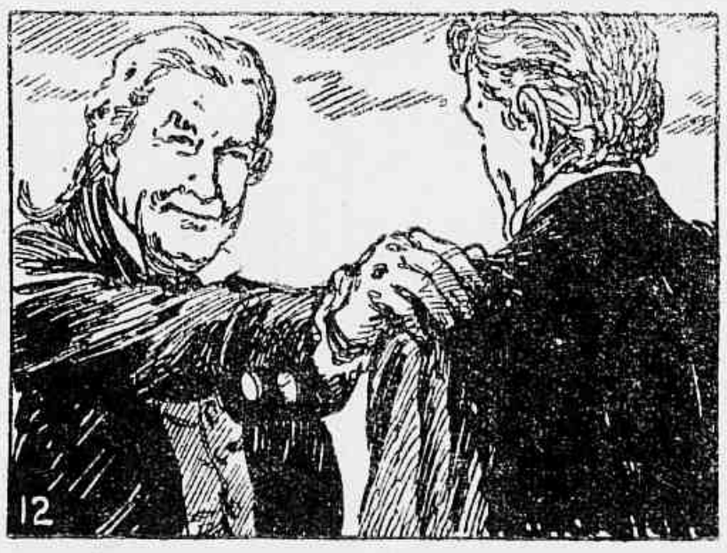
— No serviço mercante, não duvido, pela sua aparência, — continuou o capitão. — E está tudo em ordem, filho, estou com falta de um praticante e você fica com a vaga. Estamos rumando para a Nova Zelândia com um carregamento de chá. — Assim, William tornou-se membro da tripulação do "Delfim Verde".

— Ei — gritou um dia o capitão O'Hara. — Você lá! Ozanne. Preciso falar com você. Desça, e depressa! — William correu atrás dele, com a sensação de que havia qualquer coisa errada. Mas, surpreendentemente, a voz do capitão veio delicada: — Eu tenho observado o errado que você é no manejo da vassoura e do balde. E já vi que não foi no serviço mercante que você aprendeu a ser marinheiro. — Ele fez uma pausa, e depois: — Você estava comissionado na armada de sua majestade, não estava? — O rosto de William, ruborizado, foi resposta suficiente. — Uma bela trapalhada você arranjou, filho, — disse o capitão. — Uma bela trapalhada. Desertor é o que você agora é, e não pode mais voltar à Inglaterra, nem àquela sua ilhazinha. Sente-se aí e vamos acertar isso.

Ele contou a William a respeito da Nova Zelândia e como "neste ano de Nosso Senhor, 1840" a terra fora incorporada ao reino. E como os colonos brancos estavam indo para lá.

— O senhor acha que um dêsses pioneiros me daria trabalho? — perguntou William. O capitão O'Hara analisou as proporções dele. — Eu diria, filho, que biceps como os seus valem ouro por lá, como em qualquer terra a ser colonizada. E os maoris, filho — êles são um bocado divertidos, meu rapaz. Se sua cabeça não estiver adornando uma choça nativa num dêsses belos dias, é porque êles já estão mesmo em plena decadência. Belo lote de carne, você. — E com êsse aterrorizante prognóstico, o capitão O'Hara deu por encerrada a conversa.

Diante dele estava a cidade de Wellington.



— Mantenha-se forte, filho, — disse o capitão.

A mão do estranho procurou a garganta de William.

WILLIAM Ozanne convenceu-se da realidade das palavras do capitão O'Hara: "Você não pode voltar à Inglaterra, agora, nem àquela sua pequenina ilha, jàmais", e sentiu um peso no coração. Ali estava êle, a bordo do "Delfim Verde", olhando para a terra. Aquilo era a Nova Zelândia. O navio se aproximava do estreito de Cook e William via uma paisagem estranha, primitiva. A baía era rodeada de montanhas, e, terra a dentro, estendia-se Wellington, com suas casinhas de madeira. Ali, êle iniciaria uma vida nova.

Logo após a atracação, o capitão O'Hara apresentou-o a um pároco, o que desagradou a William. — E' melhor para você, filho, — disse o capitão, — nesta terra nova. Gente muito boa. — E William iria verificar a verdade destas palavras nos anos seguintes. Mas os três dias que êle passou com Samuel e Susanna Kelly foram tristes e de ansiedade. Ele nunca mais veria sua ilha... nem Marguerite! Escrevera uma carta de despedida a Sophie Le Patourel, dizendo claramente o que lhe acontecera na China, e o capitão O'Hara a levaria ao destino.

Na tarde do terceiro dia, êle e o capitão estavam esperando o bote do "Delfim Verde".

— Bem, mantenha-se forte, filho, — disse o capitão O'Hara, arriando a pesada mão sôbre o ombro de William, e lá se foram êle e a carta. Os últimos dois laços de William com o lar. Ele virou-se, com os olhos úmidos e o coração oprimido. E foi para acalmar essa dor que êle entrou no bar de Hobson. Lá havia calor, barulho, e muita fumaça. William achou-se sentado numa mesa, em frente a um homem que, embora quieto e silencioso, parecia dominar o salão. Era alto e magro, de ombros vergados, olhos escuros e sombrios. Sua pele parecia a casca de um carvalho velho, de tão enrugada, e, talvez pela exposição ao tempo, a cicatriz de um velho ferimento que lhe atravessava a testa entrando pela face, era muito pouco visível.

William assistia, fascinado, enquanto o homem consumia rum e água inexoràvelmente, quase sem cessar. E, mesmo assim, a bebida não lhe produzia o menor efeito visível. A mão que segurava o copo mantinha-se firme como um rochedo, e a outra, pousada sôbre a mesa, os dedos calosos crispados na pistola, parecia esculpida em pedra escura; até que, de súbito, desconcertantemente, êle a esticou por sôbre a mesa em direção à garganta de William!

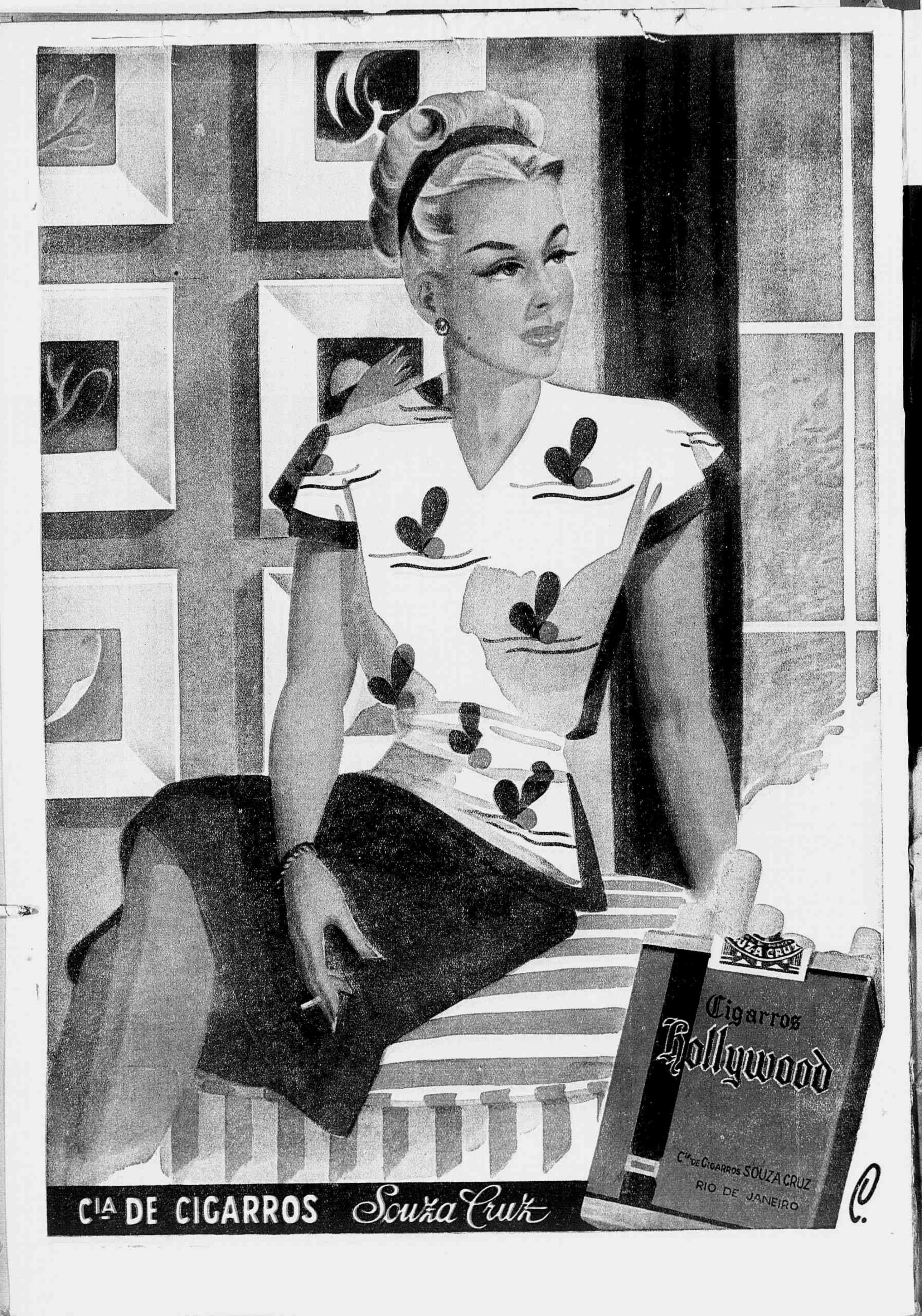
Living — móveis em madeira imbúia. Sofá forrado em tecido americano. Poltrona e berger em veludo verde, cortinas em veludo e tecido americano, forração do piso com passadeira de lã beije, etc.

Mobiliarios -- Tapeçarias -- Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS

ASA MARCA — UNES REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO


SOUZA CRUZ
Cigarros
Hollywood
Cia DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
Cia DE CIGARROS Souza Cruz